

Textos e versões

Charlotte Corday,
de François Ponsard

Carlos Alberto da Fonseca
Tradução e notas

François Ponsard

Charlotte Corday

Tragédia em versos em 5 atos¹
Escrita em 1850,
Representada no Théâtre Français [Comédie-Française]
em 23 de março de 1850.

Traduzida da edição
Paris, E. Blanchard, 1850.

Tradução e notas de
Carlos Alberto da Fonseca

1 As notas com a sigla **NFP** são do próprio autor da peça, publicadas em anexo ao texto aqui traduzido.



François Ponsard (1814-1867), by Nadar, 1865.

Lista de personagens e atores da estreia

Musa Clio	Mlle Fix
Marat	M. Geffroy
Danton	M. Bihnon
Barbaroux	M. Leroux
Vergniaud	M. Randoux
Um orador	M. Got
Robespierre	M. Fonta
Sieyés	M. Maubant
Um velho gentleman	M. Mirecourt
Louvet	M. Delaunay
Camille Desmoulins	M. Chéri
Roland	M. Rosambeau
Um cidadão	
Laurent	M. Pougin
Um cidadão	
Um cidadão	M. Mathien
Um couteleiro	
Buzot	M. Théophile
Um cidadão	
Pétion	M. Tronchet
Um carcereiro	
Philippeaux	M. Michalet
Um velho amigo de Mme de Breteville	M. Bernard
Um cidadão	M. Bertin
Charlotte Corday	Mlle Judith
Mme Roland	Mlle Nathalie
Mme de Breteville	Mlle Thénard
Albertine Marat	Mlle Noblet
Uma jovem	Mlle Favart
Uma velha	Mlle Mirecourt
Uma velha	Mlle Blanche
Marthe, criada de Mme Breteville	Mlle Portalis
Uma garota	Mlle Céline Montaland

Girondinos, domésticos, velhas, General Wimpfen, ajudantes de campo, oficiais, burgueses, burguesas, mulheres do povo, babás de crianças, crianças, chefes de tipografia, tipógrafos, entregadores de jornais, encadernadoras de livros, gente, guardas.

Cronologia dos atos:

I – 22 de setembro de 1792

II – junho de 1793

III – 11 de julho de 1793

IV – 13 de julho de 1793

V – 17 de julho de 1793

Prontuários

1. Charlotte Corday



Terceira dos cinco filhos de François de Corday d'Armont, *gentilhomme* normando, antigo tenente no exército do rei, e de Charlotte-Marie Jacqueline de Gautier des Authieux de Mesnival, nasceu no dia 27 de julho de 1768 em Saint-Saturnien des Ligneries, perto de Vimoutiers, na **Normandia**, descendente de uma família da aristocracia local, tataraneta do dramaturgo clássico Pierre Corneille (1606-1684), e morreu em 17 de julho de 1793 em Paris com 24 anos, tendo sido uma personagem marcante da Revolução francesa, célebre por ter assassinado Jean-Paul Marat no dia 13 de julho de 1793. A lenda popular quis que Charlotte Corday tivesse podido se introduzir na casa de Marat, antigo médico do duque d'Orléans, graças às suas relações familiares, mas essa relação não deve ser verdadeira.

Sua família, nobre mas sem fortuna, vivia numa pequena casa perto de Vimoutiers. Os pais de Charlotte Corday tiveram 5 filhos, dos quais 4 sobreviveram à primeira infância. Um de seus irmãos, François de Corday, será fuzilado em Auray, na Bretanha, em 1795. Devido a diversos conflitos familiares entre ele e seus irmãos, o pai se muda para Caen, a cidade grande mais próxima. Viúvo em 1782, vê-se em dificuldades, bem como outros membros da pequena nobreza e procura um lugar para colocar as crianças. Tendo sido rejeitado alguns anos antes na prestigiosa *Maison de Saint-Cyr*, Charlotte Corday, então com 13 anos, é admitida com sua irmã caçula na *Abbaye aux dames*, em Caen, que, na qualidade de abadia royale, deveria acolher as jovens pobres oriundas da nobreza da província da Normandia.

A instrução no convento era bastante cuidada. Suas leituras são, então, sérias – notadamente os autores clássicos – traduzindo uma curiosidade intelectual. Seu pai lhe empresta alguns volumes de Montesquieu e de Rousseau, o que permite supor que ela tenha adquirido uma certa cultura filosófica e, assim, política. Ela admira os filósofos, abre-se a ideias novas, sempre conservando sua fé religiosa. Solitária, também era marcada por uma piedade em vias de transformação, ao mesmo tempo interior e especular: ela cultiva o gosto do sacrifício, da morte jovem e da fé interior. É em nome dessa fé que ela viverá notadamente sua execução como um dom de si, e recusará a última confissão na prisão.

Vive na Abbaye até fevereiro de 1791, quando a congregação é dissolvida um ano após a nacionalização dos bens do clero e a supressão das ordens religiosas. Com a Revolução, o voto da lei que estabelece a Constituição civil do clero de 12 de julho de 1790, acarreta o fechamento dos conventos, que são declarados bens nacionais.

Devolvida ao mundo, a jovem torna a viver com seu pai, que vendera a granja “du Ronceray”, onde ela cresceu, para comprar uma outra, com novas plantações, dita “granja des Bois”. No início de 1791, ela abandona o campo para ir morar em Caen, na casa da tia, Mme de Bretteville-Gouville,. Tem então 23 anos e defende ferozmente suas ideias constitucionais, num ambiente onde ainda existem muitos royalistas.

Após a fuga e a prisão do rei em Varennes, os Girondinos, que possuem uma relativa maioria na Assembleia, tornam-se alvo da oposição dos deputados *Montagnards*, dos quais Marat faz parte. Quando da insurreição do 10 de agosto, o rei é suspenso de suas funções, depois encarcerado na Tour du Temple. Numerosos “suspeitos”, entre os quais seus últimos servidores, divididos pelas prisões de Paris e da província, são executados sumariamente entre o 2 e o 7 de setembro de 1792. O deputado jacobino Marat se felicita por esses massacres. Esse evento esfria certos admiradores da Revolução. As críticas feitas pelos Girondinos, repercutidas pelos jornais e os artigos de Dulaure, Brissot, Condorcet, Mercier e Villette chegaram a Caen. Ao longo desses últimos meses, Charlotte se exaspera com: os massacres de setembro em Paris; o massacre de Georges Bayeux no dia 6/9.1792 em Caen; a execução do abade Gombault, antigo confessor da família d’Armont, guilhotinado em Caen no dia 5.4.1793; a obrigação de migração para seus dois irmãos e para seu tio cura de Vicques; a execução do rei no dia 21/2/1793; a queda dos Girondinos na Convenção e sua prisão durante as jornadas do 31/5 e do 2/6/1793....

“Ela desceu da carruagem do lado oposto da rua, diante da casa de Marat. A tarde começava a cair, sobretudo naquele bairro sombreado por mansões altas e ruas estreitas. A porteira primeiro recusou-se a deixar entrar aquela jovem desconhecida. Charlotte insistiu e subiu alguns degraus da escada, despedida em vão pela voz da *concierge*. Com esse barulho, a amante de Marat entreabriu a porta recusou a entrada daquela estranha no apartamento. A sur-

da alteração entre aquelas mulheres, das quais uma suplicava que a deixasse falar om o Amigo do povo, obstinando-se a outra em lhe barrar a porta, chegou aos ouvidos de Marat. ele compreendeu, com aquelas explicações entrecortadas, que a visitante era a estranha de quem recebera duas cartas no dia anterior. Com uma voz imperativa e forte, ordenou que a deixassem entrar.

Por ciúme, por desconfiança, Albertine Marat obedeceu com repugnância. Ela introduziu a jovem na pequena peça onde Marat estava, e deixou, retirando-se, a porta entreaberta para ouvir a mínima palavra ou o mínimo movimento de seu irmão.

A peça estava fracamente iluminada. Marat estava em seu banho. Ele ficava boa parte dos seus dias na banheira devido à sua doença. Tinha um eczema e por isso tinha que ficar numa banheira cheia de água com ervas medicinais para aliviar a dor. Naquele repouso forçado de seu corpo, sua alma não descansava. Uma prancha mal recortada, colocada sobre a banheira, estava coberta de papéis, de cartas abertas e de folhas começadas.

Charelote evitou deter seu olhar sobre ele, com medo de trair o horror de sua alma. De pé, os olhos baixos, as mãos pendentes perto da banheira, ela espera que ele a interrogue sobre a situação da Normandia. Ela responde brevemente, dando a suas respostas o sentido e a cor apropriados para bajular as disposições presumidas do jornalista. Ele lhe pergunta em seguida quais os nomes dos deputados refugiados em Caen. ela os menciona, ele os anota, depois, quando termina de escrever aqueles nomes, diz, com um tom de homem seguro de sua vingança: “Pois bem, antes de oito dias irão todos para a guilhotina!”

Para Corday isso definiria a sua sorte: ela enfia a faca em seu peito perfurando a carótida e parte do pulmão. Marat grita em agonia. As mulheres na casa gritam. Os vizinhos escutam e observam Corday, a assassina tentando fugir, uma multidão se forma e querem a cabeça de Corday, e a querem agora. Mas Charlotte é protegida e pega em flagrante e levada para a prisão da Abbaye, onde espera seu julgamento.

Após o funeral de Marat, o processo de Charlotte tem início. Depois de passar pelo primeiro interrogatório, ela é conduzida para a prisão da Abbaye. No dia 16 de julho, o oficial da Audiência se dirige até a prisão onde Charlotte está a fim de transferi-la para a Conciergerie, onde será interrogada. Porém, antes, ela se apresenta ao presidente Montané e ao acusador público Fouquier-Tinville. A ré carrega um semblante tranquilo, não tenta se esquivar das acusações e deixa claro que sua intenção desde o início sempre foi assassinar Marat. Entretanto, os acusadores acreditam que havia outro alguém que pudesse ter desenvolvido o crime. Eles aconselham que Charlotte escolha um advogado para si e o Tribunal defere o pedido de transferência de sua prisão.

No dia 17 de julho, Charlotte é levada ao Tribunal e Montané faz a abertura da audiência. Dessa forma, o escrivão lê a ata de acusação, logo em seguida dá início a um interrogatório da acusada. Chega, então, a primeira testemunha: Simonne Évrard, amante de Marat. Ela conta como teria sido a entrada de Corday

em sua casa e que depois teria encontrado Marat morto. Chama ainda Laurent Bas, o moço dos recados; Jeannette Maréchal, a cozinheira de Marat, que avisou Marat ensanguentado na banheira. Seu depoimento é confirmado por Catherine Évrard e por Pain, após os testemunhos Charlotte confirma todoseles; além disso, Montané faz perguntas a respeito da relação de Charlotte com os girondinos e o porquê de ter cometido tal crime, ao que a acusadora responde: “Matei um homem para salvar cem mil; um celerado para salvaguardar inocentes; um animal feroz para dar paz ao meu país.” Trazem mais testemunhas para depor, dentre elas Fauchet, um girondino que já havia sido preso. Enfim, depois de ter ouvido cada testemunha, Montané decide que as provas de sua culpa são suficientes para montar o júri. As provas do crime são apresentadas a Charlotte e ela confirma que são suas. Fouquier-Tinville, o acusador, sugere ao advogado de Charlotte que ele use a loucura da ré como argumento, visto que assim agradaria tanto o Tribunal como a multidão. Surge a ideia de fazer que a defesa alegue loucura ao cometer o crime, mas isso é negado pelo seu defensor que acredita que isso iria desagradar Corday, e faria de seu ato algo insano e tiraria sua honra. Para Charlotte, Lagarde, seu defensor, não a ter rebaixado foi um motivo para sorrir antes da sentença. Seu defensor, então, começa seu discurso baseado no fanatismo político, o qual parece agradar Charlotte. Fazem-se as habituais perguntas aos jurados nas quais fica acordado que Charlotte era a assassina de Marat. Fouquier pede novamente a pena de morte e Montané proclama a condenação: “Marie-Anne-Charlotte Corday, sois condenada à pena de morte. O Tribunal ordena que sejais conduzida ao local da execução vestida com uma camisa vermelha. Vossos bens serão transferidos para a República. E a presente sentença será, por diligência do acusador público, executada na Praça da Revolução.” [Place de la Concorde] Antes de voltar para sua cela, ela pede para conversar com Chaveau-Lagarde, seu advogado, e lhe agradece pela tão singela e delicada defesa. Acrescenta que seus bens serão usados para pagar sua despesa na prisão.

Não se encontrou nenhum cúmplice de Charlotte Corday; por outro lado, ela nunca negou o crime. Durante boa parte do julgamento surgiram perguntas sobre os deputados girondinos que estava em Caen. Ela em nenhum momento admitiu outra pessoa envolvida no crime. Demonstrou confiança e não se arrepende, pois acreditava que, matando Marat, libertava a França de um animal sedento de sangue.



Charlotte Corday,
by Melina Thomas, 1836.



L'assassinat de Marat
by Paul Baudry, 1860.



L'assassinat de Marat
by Jean-Joseph Weerts, 1880.



Assassinato de
Marat by Ebenezer
Brewer, 1892.



Caen, 148 Rue St-Jean, Casa de Charlotte Corday.

2. Madame Roland



Manon Roland, ou Jeanne Marie, ou Manon Phlipon, comumente chamada **Madame Roland**, Viscondessa Roland de la Platière por casamento, nascida em 17/3/1754 em Paris e morta na guilhotina em 8/9/1793 também em Paris, é figura importante na Revolução francesa. Desempenhou um papel considerável no seio do Partido Girondino e levou seu marido ao primeiro plano da política francesa.

3. Vergniaud



Pierre Victurnien **Vergniaud**, nascido em 31/5/1753 em Limoges e guilhotinado em 31/10/1793 em Paris, foi um advogado, político e revolucionário francês. Membro da Gironda, foi um dos maiores oradores da Revolução francesa e um de seus grandes personagens. Presidente várias vezes da Assembleia Legislativa e da Convenção Nacional, foi ele que declarou a “pátria em perigo” (discurso de 3/7/1792). Foi igualmente ele que pronunciou a suspensão do rei em 10/8/1792 e o veredito que condenou Louis XVI à morte.

4. Sieyes



Emmanuel Joseph Sieyès (Paris 3/5.1748 – Paris 20/6/1836), foi um político, escritor e eclesiástico francês. Em 1788, publicou *Essai sur les privilèges* ('Ensaio sobre os privilégios'), na qual criticou os privilégios hereditários da nobreza, sustentando a inutilidade funcional de uma classe privilegiada e que a nobreza, com seus gastos extravagantes, seria um fardo para a economia francesa, pois tal classe cultivaria um desprezo pelas atividades empresariais que seriam os únicos meios capazes de garantir a riqueza da nação. No mesmo ano publicou "O que é o Terceiro Estado?" em que defendeu a tese de que o terceiro estado não necessitaria dos outros dois estamentos: o clero e a nobreza. Em junho de 1790, foi eleito presidente da Assembleia Constituinte que escreveu a Constituição francesa de 1791. Em setembro de 1792, foi eleito integrante da Convenção Nacional. Durante seu mandato, integrou o grupo moderado/centrista (Planície). Membro do Clube dos Trinta quando a Convenção se reuniu, em 1792, para julgar Luís XVI, participou de todas as seções e votou

a favor da morte do soberano. A partir da execução do rei, tomou rumo ignorado, desaparecendo dos meios políticos até reaparecer como um dos apoiadores do golpe do dia 9 de Termidor. Nesse período foi eleito, sem saber, membro do Comitê de Salvação Pública, mas continuou sem obter êxito nas suas reivindicações em defesa da Constituição vigente. Contrariado com os fatos, recusou os demais cargos públicos que lhe foram oferecidos. Devido ao seu caráter comedido, com sua posição política marcadamente de centro (a chamada “planície”), Sieyès foi o único grande nome da Revolução Francesa que sobreviveu aos seus piores momentos, inclusive à época do Terror. Em 1799, apoiou Napoléon Bonaparte no Golpe do 18 Brumário. Foi cônsul com Napoléon e Roger Ducos. Em julho de 1815, caiu em desgraça devido à restauração da Monarquia, e partiu para o exílio em Bruxelas. Em 1830, retornou a Paris, onde faleceu em 1836, sendo o único personagem importante da Revolução francesa a morrer de velhice.

5. Barbaroux



Charles Jean Marie Barbaroux, nascido em Marselha no dia 6/3/1767 e guilhotinado em Bordeaux no dia 25/6/1794, foi um político francês, diretamente ligado a grandes eventos da Revolução francesa. Advogado aos vinte anos, patriota ativo em sua cidade natal, de caráter exaltado, ele abraça com ardor os ideais revolucionários. Foi uma figura revolucionária em Marselha, onde dirigiu um jornal democrático que exerceu grande influência e, em 1789, foi nomeado secretário da Comuna. Seguindo para Paris em 1791 como mandatário particular de sua cidade natal, torna-se a alma dos marseheses assim como um cavaleiro dedicado a Manon Roland. Sua contribuição com o “Batalhão de Marseheses” na Jornada de 10/8/1792, jornada na qual salva a vida de muitos suíços e que marca a queda de Luís XVI de França, faz que seja eleito deputado Convenção. Faz-se notar na tribuna por sua beleza física além do dom da eloquência. Ficou a princípio ao lado dos Jacobinos, mas logo aproxima-se dos Girondinos Condorcet, Brissot, Vergniaud, Guadet, e do Ministro Roland, e pro-

nuncia-se abertamente contra Marat em Robespierre. Em 25/9 e 10/10, Barbaroux ousa denunciar a Comuna, Robespierre e todos os Jacobinos. Defendeu o Ministro Roland, foi dos mais ardorosos provocadores do processo de Luís XVI e votou pela morte do rei, porém adotou o sursis e pediu pela decisão popular. Não cessou de perseguir com sua eloquência corajosa os líderes dos “Massacres de Setembro de 1792”. Tendo os Montanheses eliminado os Girondinos, Barbaroux tornou-se proscrito em 2/6/1793, como inimigo da República una e indivisível. Preso, Barbaroux conseguiu escapar do policial que o guardava e refugiou-se em Caen, onde organizou, com outros proscritos, um exército que deveria libertar a Convenção e que foi derrotado na Batalha de Vernon. Embarca a seguir de Quimper para Bordeaux e refugia-se em Saint-Émilion, na Gironda, onde encontra asilo na loja de um peruqueiro chamado Troquart. Preso com Salles e Guadet nos campos próximos a Castillon, tenta se matar com um tiro de pistola na cabeça mas consegue apenas quebrar seu maxilar. Barbaroux é executado 25/6/1794 em Bordeaux.

6. Louvet



Jean-Baptiste Louvet de Couvray (12/6/1760 – 25/8/1797) foi um romancista, dramaturgo, jornalista, político e diplomata francês. Quando começa a Revolução, ele se inflama. Em outubro 1789, após a marcha dos manifestantes parisienses sobre Versalhes e o retorno da família real a Paris, ele entra para o clube dos Jacobinos. Em 25/12/1791, ele apresenta à Assembleia um decreto para a prisão dos Príncipes e dos emigrados, petição que foi aprovada de imediato. Próximo dos Girondinos, que dominam a esquerda da Assembleia legislativa, pronuncia, em 17/1/1792, para os Jacobinos um discurso em favor da guerra e lança, em março, um jornal colado sobre os muros e financiado pelo Ministério do Interior. Em 10/8/1792 toma parte na insurreição que conduz à queda da realeza e justifica, em seu jornal, os massacres de setembro. Eleito no dia 8 para a Convenção Nacional, marcado por antigas convicções republicanas e pelo ateísmo, ele se alinha às posições da Gironda e pronuncia no dia 29 um ataque contra Robespierre. Quando do processo de Louis XVI, ele se pronuncia a

favor de um apelo do povo contra a pena de morte e pelo sursis. Em 15/4/1793, as seções de Paris exigem seja condenado. Refugia-se em Caen, retornando a Paris em 6/12. Passa de novo à Suíça, em 28/3 reintegra os girondinos. Fiel a suas convicções, mas inquieto diante do retorno dos royalistas, com o Terror Branco, combate ao mesmo tempo o jacobainda tem alguma atuação política, e é nomeado cônsul em Palermo, pelo Diretório. Morre de tuberculose antes de assumir seu posto, em seu domicílio, rua de Grenelle, em 25/8/1797, à uma da manhã, com 37 anos.

7. Pétion



Jérôme Pétion de Villeneuve (Chartres 3/1/1756 – Castillon 18/6/1794) foi um advogado e um revolucionário francês. Eleito em 20/3/1789 primeiro deputado do Terceiro Estado nos Estados Gerais, toma assento à esquerda na Assembleia Constituinte de 1789 e torna-se um dos chefes do Clube Jacobino. Membro do comitê de revisão, é convocado para o comitê de constituição em Setembro de 1790, antes de ser eleito secretário e depois presidente da Assembleia. Quando da fuga de Luís XVI e sua prisão em Varennes, juntamente com toda a família real, em Junho de 1791, pronuncia-se a favor da suspensão, mesmo da deposição, de Luís XVI como monarca. Em 14/11/1791, Pétion é eleito prefeito de Paris. Durante a Jornada de 20/6/1792, tenta impedir a invasão do Palácio das Tulherias e dos apartamentos reais, mas é acusado pelo rei e pelo diretório do departamento de ter favorecido a revolta e facilitado, com sua falta de reação, a invasão do palácio. Em 6 de Julho, é suspenso de suas funções pelo departamento, esta medida aumenta sua popularidade; as sec-

ções armam-se para reclamar sua volta e ele é o herói das celebrações pelos três anos da Queda da Bastilha, em 14/7/1792. A Assembleia Legislativa decide então recolocá-lo em suas funções. Em 3 de Agosto, à frente da municipalidade de Paris, exige a deposição do rei. Em compensação, não participa da Jornada de 10 de Agosto de 1792. É confirmado em suas funções de prefeito pela Comuna de Paris, mas perde todo o seu poder em face das secções revolucionárias. Não se opõe às visitas domiciliares e fica totalmente passivo quando dos *Massacres de Setembro*. Em 6 de Setembro, tem que prestar contas diante da 'Assembleia dos Acontecimentos'. Nesta época, Pétion choca-se contra o ciúme de Robespierre, com quem rompe no início de Novembro, e alia-se aos Girondinos. Quando do processo de Luís XVI, vota pelo apelo popular e pela morte com sursis. Na primavera de 1793, entra em conflito com a Comuna de Paris, que escapa do domínio dos Girondinos, após a demissão de Chambon, acelerando a ruptura entre Girondinos e Montanheses. Contudo, vota contra o processo de acusação de Marat. Após a Insurreição de 2 de Junho de 1793, é decretada sua prisão mas Pétion consegue evadir-se, em 24 de junho. Pétion vive escondido em Saint-Emilion, perto de Bordeaux, durante dez meses. Pétion termina por deixar seu abrigo, na casa do peruqueiro Troquart (onde estava refugiado desde 20 de janeiro), em plena noite, com Buzot e Barbaroux. Contudo, um pastor os nota em um bosque de pinheiros. Barbaroux atira em si mesmo mas erra o alvo e é preso (acabará guilhotinado em 25 de Junho). Por seu lado, Pétion e Buzot embrenham-se em um campo de trigo e matam-se, cada um com um tiro de pistola, na comuna de Saint-Magne. Seus corpos são encontrados, semidevorados por lobos, alguns dias mais tarde.

8. Buzot



François Nicolas Léonard Buzot, nascido em 1/3/1760 em Évreux e morto em 18/6/1794, próximo a Saint-Emilion, foi um político francês que exerceu essa atividade durante a Revolução Francesa. Foi membro da Assembléia Nacional Constituinte, de 1789 a 1791, e deputado Convenção Nacional. Advogado em Évreux, foi eleito deputado do Terceiro Estado nos Estados Gerais de 1789 pelo distrito de Évreux, em 1789. Na Assembléia Constituinte, imediatamente, toma partido radical contra a nobreza, o clero, de quem pleiteava a nacionalização dos bens, e a monarquia. Pleiteia igualmente o direito de todo cidadão ao porte de armas. Retornando a Évreux, após a dissolução da Constituinte, torna-se presidente do tribunal criminal dessa cidade. É nesta época, quando de uma viagem a Paris, que conhece Manon Roland. Em 1792, foi reeleito deputado do Eure na Convenção Nacional. Sob a influência de sua amiga, Madame Roland, ligou-se aos Girondinos e foi um de seus principais oradores. Queixou-se do comportamento de Marat e fez uma proposta para a criação de uma guarda

nacional dos departamentos para defender a Convenção contra a turba parisiense. Quando do processo contra Luís XVI, votou a favor da culpabilidade do rei e pela ratificação do julgamento do Povo. Quanto à pena, votou pela morte com a emenda sugerida por Mailhe, e pronunciou-se pelo *sursis*. Torna-se membro da Comissão de Salvação Pública, novo Comitê de Defesa Geral, em 26/3/1793. Combate a instauração de um Tribunal Criminal Extraordinário e do Comitê de Salvação Pública e abstém-se, dentro da Convenção Nacional, no escrutínio pela condenação de Marat. Foi diversas vezes denunciado pelas seções de Paris. Em 2/6/1793, foi declarada sua prisão, juntamente com os girondinos. Consegue fugir e ganha a região de Calvados, na Normandia. Tenta então organizar, perto de Évreux, um corpo insurrecional federalista contra a Convenção Nacional. Em 13/6, Buzot é condenado e, em 17/7, a Convenção Nacional decreta: «que a casa ocupada por Buzot em Évreux será demolida e que nada jamais poderá ser construído sobre este terreno. Em 23/7, a Convenção declara Buzot “Traidor da Pátria”. Perseguido e caçado com o companheiro Pétion, procura abrigo em Saint-Emilion, próximo a Bordeaux, onde se esconde. Descobertos, Buzot e Pétion erram pelo campo e, segundo historiadores, teriam se envenenado. Seus cadáveres são encontrados no mês de Julho de 1794, parcialmente devorados por lobos.

9. Danton



Georges Jacques Danton, dito também **d'Anton**, nasceu em 26/10/1759 e morreu guilhotinado em 5/4/1794 (16 Germinal Ano II) em Paris, foi um advogado do Conselho do Rei e político francês, ministro da justiça. Danton mora no distrito dos Cordeliers no bairro do Luxembourg, bairro de livreiros, jornalistas e impressores. Marat tem ali sua impressora, a guilhotina é experimentada em carneiros no terreno vizinho. Pertencendo à média burguesia, titular de um ofício, participa das eleições do terceiro estado para os estados gerais de 1789, se alista na guarda burguesa de seu distrito. Adquire fama nas assembleias de seu bairro: assembleia de distrito da qual é eleito e reeleito presidente, depois assembleia de seção, que ele domina como domina o Clube dos Cordeliers, criado em abril 1790 no antigo convento dos Cordeliers, antes de se inscrever no Clube dos Jacobinos. Ele se insurge em janeiro 1790 para retirar Marat das perseguições judiciais. Se Danton não participa diretamente das grandes «jornadas» revolucionárias — 14 julho, 6 outubro, 20 junho, 10 agosto — ele as

prepara. No começo de outubro, redige o cartaz dos cordeliers que convoca os parisienses a pegarem em armas. Na tarde do 16/7/1791, véspera da fuzilaria do Champ-de-Mars. Mas no dia seguinte, está ausente quando a Guarda nacional comandada por La Fayette atira contra os peticionários, fazendo 50 vítimas. Uma série de medidas repressivas contra os chefes das sociedades populares continua essa jornada dramática, obrigando-o a se refugiar em Arcis-sur-Aube, depois na Ingla-terra. Após a anistia votada na Assembleia em 13/9, ele retorna a Paris. Tenta se eleger para a Assembleia legislativa, mas a oposição dos moderados na assembleia eleitoral de Paris o impede. Em dezembro de 1791, quando da renovação parcial da municipalidade, marcada por uma forte abstenção, ele é eleito segundo substituto adjunto do procurador da Comuna Manuel. No debate sobre a guerra que começa entre jacobinos, no começo de dezembro 1791 e vê nascer a oposição entre Montagne e Gironda. Hesita sobre a necessidade da guerra, vontade mais de Robespierre que de Brissot, mas sem se engajar ativamente. Na véspera da queda da monarquia (jornada de 10/8/1792), Danton é um dos homens visados pelos clubes parisienses (cordeliers, jacobinos).

Danton foi guilhotinado no dia 5/4 com a idade de 34 anos. Passando numa carroça diante da casa de Robespierre (guilhotinado em 28/7), ele gritou: “Robespierre, você vai vir depois de mim! Tua casa vai ser arrasada! Vão plantar sal aí!”

10. Robespierre



Maximilien François Marie Isidore de Robespierre (Arras, 6/5/1758 — Paris, 28/7/1794) foi um advogado e político francês, e uma das personalidades mais importantes da Revolução francesa. Seus apoiadores o chamavam de “Incorruptível”. Principal membro da Montanha durante a Convenção, ele encarnou a tendência mais radical da Revolução, transformando-se numa das figuras mais controversas do período. Seus críticos chamavam-no “Candeia de Arras”, “Tirano” e “Ditador sanguinário” durante o Período do Terror. Robespierre é mais conhecido por seu papel como membro do Comitê de Segurança Pública, já que ele pessoalmente assinou 542 prisões, especialmente na primavera e no verão de 1794. A questão da responsabilidade de Robespierre pela lei do 22 Prairial sempre será controversa. Essa lei removeu as poucas garantias processuais ainda concedidas aos acusados. Além disso, a questão do Culto do Ser Supremo tão cara a Robespierre o colocou sob suspeita aos olhos dos anticlericais. Acabou caindo em razão de sua obsessão com a visão de uma república

ideal e sua indiferença aos custos humanos de instalá-la, o que colocou os membros da Convenção Nacional e o público francês contra ele. O Período do Terror terminou quando ele e 50 de seus aliados foram presos na prefeitura de Paris no dia 9 de Termidor. No dia seguinte, Robespierre e seus aliados foram guilhotinados. Por ter encarnado a guerra civil e o Terror, foi excluído de ser enterrado no Panthéon.

11. Marat



Jean-Paul Marat (Boudry, 24/5/1743—Paris,13/7/1793) foi um médico, filósofo, teórico político e cientista mais conhecido como jornalista radical e político da Revolução francesa. Era conhecido e respeitado por seu caráter impetuoso e postura descompromissada diante do novo governo. Defendia, através de seu jornal L'AMI DU PEUPLE (O Amigo do Povo), perseguições aos grupos políticos mais moderados, acusando-os de conspiração contra a revolução. Sua persistente perseguição, voz consistente e ódio aos grupos mais moderados o fizeram cair nas graças do povo e fizeram dele a principal ponte entre eles e o grupo radical Jacobino, que chegou ao poder em Junho de 1793. Por meses liderando um movimento de derrubada do grupo Girondino, tornou-se uma das três figuras de destaque na França, juntamente com Georges Danton e Maximilien Robespierre. Foi assassinado por Charlotte Corday, uma simpatizante dos girondinos, com uma punhalada no peito em uma banheira. A Marat coube a popularização da expressão “inimigo do povo”, que foi adotada pelo governo soviético durante o Grande Expurgo, décadas mais tarde, para rotular as pessoas acusadas de atividades contrarrevolucionárias e crimes contra o Estado. Marat costumava citar os nomes dos “inimigos do povo” em seu jornal, convocando-os para a execução.

12. Girondinos

Grupo político (chamado de **club**) da Assembleia Legislativa e na Convenção, que compreendia os deputados do departamento de Gironda (Vergniaud, Guadet, Gensonné) e outros (Brissot, Buzot, Isnard, etc.). Foram chamados também de Brissotinos ou Rolandistas. Antimonarquistas e favoráveis à guerra, conseguiram impô-la durante o “ministério girondino” de 1792. No processo contra o rei, embora desejassem salvá-lo, acabaram votando a favor de sua morte. Contrários à política da Comuna de Paris, foram acirrados inimigos dos Hebertistas. Vinte e dois deputados girondinos foram retirados da Convenção e sucessivamente presos em seguida à insurreição dos bairros de Paris controlados pela Montanha (31 de maio-2 de junho de 1793). Foram guilhotinados em outubro de 1793.

13. Jacobinos

Grupo político cujo núcleo originário foi o Clube Bretão, fundado em maio de 1789 em Versalhes, durante a reunião dos Estados Gerais. Depois se fundiu com a Sociedade dos Amigos da Revolução, estabelecendo sua sede no convento dos Jacobinos à Rua Saint-Honoré, depois da divisão dos Feuillants e dos Girondinos. Foi completamente dominado por Robespierre e pela Montanha. Foi fechado em 11 de novembro de 1794.

14. Montagnards

[montanheses, montanhistas] Nome dado aos deputados da ala esquerda (chamada Montagne) liderados por Danton e Robespierre e que ocupavam os bancos superiores à esquerda da bancada da Sala Manège (onde se reunia a Assembleia). Composto aproximadamente por 120 deputados, quase todos Jacobinos, constituía a esquerda da Assembleia. Adversários dos Girondinos, conseguiram eliminá-los em junho de 1793. Organizaram o governo revolucionário e o Terror, combatendo as facções extremistas (Enragés e Hebertistas) e a direita (Indulgentes).

15. Cordeliers

O *club des cordeliers* ou *société des Amis des droits de l'homme et du citoyen* é uma sociedade política fundada em 27 de abril de 1790 e sediada no antigo refeitório do convento dos *cordeliers* de Paris. O nome *cordelier* era o apelativo dos franciscanos, que, vestidos de maneira muito simples, atavam uma corda à cintura à guisa de cinto. Foram os cordeliers que, desde 21 de junho de

1791, exigiam a deposição de Louis XVI. Foi o mesmo club que organizou a manifestação do Champ-de-Mars de 17 de julho de 1791. Na noite do massacre, ele foi fechado autoritariamente pela municipalidade de Paris, que colocou dois canhões em sua entrada. Rejeitou a Constituição de 1791. Foi ainda esse club que em 22 de maio de 1793 fomentou uma insurreição na Convenção Nacional que levou à queda dos girondinos, após o que o club se dividiu entre *indulgents* (os dantonistas) e *exagérés* (os hebertistas, autores da lei contra os suspeitos e os partidários de uma ditadura da Comuna (não os confundir com os « enragés » de Jacques Roux). Os hebertistas representarão um papel preponderante e se tornarão, após terem contribuído para eliminar os *enragés* do jogo político, os porta-vozes das reivindicações sociais mais avançadas. Diante das exigências sempre maiores do club e sua atitude ameaçadora, o Comitê de Salvação Pública toma a iniciativa e faz prender os principais dirigentes dos *exagérés* na noite de 13 para 14 de março de 1794. Levados diante do Tribunal revolucionário, são guilhotinados no dia 24 de março de 1794.

16. Feuillants

Eram os membros de uma ordem monástica beneditina da regra de Cister, oriunda da Ordem Cisterciense. Monarquistas constitucionais, que incluíam La Fayette, Duport, Barnave, Bailly, os irmãos Lameth, que romperam com o Clube dos Jacobinos na sequência da fuga de Louis XVI para Varennes e estabeleceram sua própria organização no mosteiro de Saint-Bernard. O termo era utilizado também, a partir do final de 1791, para designar os moderados e royalistas. Opuseram-se aos royalistas intransigentes e aos Jacobinos. O clube desapareceu depois de 10 de agosto de 1792. Abrigaram o rei Louis XVI de 10 a 12 de agosto de 1792, depois do que o clube deixou de existir.

17. Normandia

Em 1788-1789, os *cahiers de doléances* (livros de reclamações) revelam as dificuldades e as expectativas dos normandos: as corporações e os pedágios são fortemente contestados. As colheitas ruins, os progressos técnicos e os efeitos do tratado de comércio de 1786 com a Grã-Bretanha afetam o emprego e a economia da província. Sobretudo, aceita-se muito mal a grande carga fiscal imposta aos normandos. Durante o verão de 1789, a província enfrenta o Grande Medo (*La Grande Peur*), um rumor de um complô aristocrático para esmagar a Revolução. Em 1790 são instituídos os 5 departamentos da Normandia (Calvados, Eure, Manche, Orne e Sena Marítimo).

Os normandos aceitam mal o levante em massa decretado pela Convenção. Por ocasião do golpe de estado dos *montagnards* em Paris que leva à queda

dos girondinos em 2 de junho de 1793, vários deputados desse partido, entre os quais François **Buzot** (o único normando do grupo), Gorsas, **Barbaroux**, Guadet, **Louvet** de Couvray, **Pétion**, se refugiam na Normandia onde esperam promover uma insurreição contra o poder *montagnard* do Comitê de Salvação Pública.

Eles reúnem em Caen um exército de 2.000 voluntários sob as ordens do general Wimpffen. No dia 11 de julho de 1793, a jovem normanda **Charlotte Corday**, que topara com os proscritos girondinos em Caen, assassina Marat em Paris. Mas a tentativa dos girondinos de marchar sobre Paris é derrotada na Batalha de Brécourt no dia 13.

A vitória da Montanha sobre a Gironda marca o ponto de partida do Terror, que foi limitado na Normandia graças à moderação do representante em missão Robert Lindet. Durante esse período se vê a aplicação da descristianização na Normandia. A catedral de Rouen é assim temporariamente transformada em Templo da Razão.

Durante a revolta na Vendéia (ver a peça e o romance *Cadio* nos nºs 17 e 18 desta DRAMATURGIAS), os insurgentes royalistas tentam se apossar de um porto na costa normanda, mas são rechaçados quando do cerco de Granville nos dias 14 e 15 de novembro de 1793. A *chouannerie* normanda se desenvolve a partir de 1795 na Baixa Normandia. Sob o Diretório, bandos royalistas efetuam golpes em Domfront, Tinchebray, Vire. Um Exército Católico e Royal da Normandia, comandado por Louis de Frotté, permanece ativo de 1795 a 1800. Pouco numeroso, não sobrevive à pacificação de Napoléon Bonaparte e à execução de seu chefe.

Prólogo

A Musa Clio, aos espectadores –

Eu sou a Musa da História.
A Grécia, onde as artes nasceram
Me saudou, bem como sua glória,
Quando seus olhos me perceberam.
A trupe de Musas que havia,
Dançando feliz pela irmã que nascia,
Para perto de meu berço ocorreu;
Um deus me ofereceu ambrosia;
Para mim cantou a Poesia,
A Pintura seu pincel ofereceu.

Assim, rica de suas oblações,
Entre minhas irmãs eu crescia,
Me coroando de seus festões,
Em meio aos seus coros me movia.
Era a idade das canções tão meras;
Mas com suas palavras austeras
Eu esquecia o divertimento.
Logo, meu domínio recuperando
E a história humana contemplando,
Meditava sobre seu ensinamento.

Quando, como opiniosa viajante,
O mundo antigo percorri a enas,
Sobre o teatro num voo rasante,
Desci para o povo de Atenas,
E lhes entreguei, como escola
O acontecimento que se desenrola
Desde a causa até seu efeito;
Eu os fiz ver, nos meus cantos bem definidos,
Os fios que seus pais haviam tecido
E que eles mesmos haviam feito.

Ó Atenas! Pátria de renome!
Teu nome sempre será celebridade.
Teu leite em vigor me matou a fome:
E lhe pago em imortalidade.
Esqueçamos o inglório satrapa,
Cujo nome ignorado assim me escapa,

A dormir em sua púrpura infinda.
Infeliz aquele que a luz empoeira,
A Ásia está morta toda inteira;
Terra das artes, vives ainda!

(ela avança na direção do público)

E vocês, que se nomeiam os herdeiros de Atenas,
Franceses, não ousariam me ver em suas cenas?
Nada disfarço; digo tudo nos meus versos, vaidosos
É verdade, mas falo aos corações orgulhosos.
É mesmo natural das raças degradadas
Ter medo covarde de fatos e ideias dadas.
Incrementar o esquecimento de um acontecido
Não impede lembrar que ele foi cumprido.
Em vão constrangerão as bocas ao silêncio;
O espírito se indignará com essa violência;
Na sombra e no sigilo seus monstros vão crescer,
E se vocês se calarem deles outros vão dizer.
Lembrem-se bem qual seja sua inquietação
Como o dia que reestabelece a verdadeira proporção
E despoja o objeto, a si mesmo reduzido,
Do aspecto colossal pela noite produzido.
Além disso, não se envergonhem de sua história;
Por mais ensanguentada, ela tem toda sua glória.
Filhos de 89, por que tão tacanhos?
Não falem de si mesmos mais mal que os estranhos.
Eu choro, liberdade! aqueles que vítimas;
Mas acaso o passado é livre de crimes?
Vocês permitem ao drama, apresentado aos reis,
Mostrar a vocês Nero,² Macbet³ e Ricardo III;⁴
E, entretanto, seus fardos, ilustrados pela Musa,
De um fanatismo ardente não mereceram excusa.

2 **Nero:** Nero Cláudio César Augusto Germânico (*Nero Claudius Cæsar Augustus Germanicus* – 37-68 d.C.), foi o último imperador da dinastia júlio-claudiana. Durante seu governo, focou principalmente na diplomacia e no comércio, e tentou aumentar o capital cultural do império. Ordenou a construção de di-versos teatros e promoveu os jogos e provas atléticas. Diplomática e militarmente, seu reinado caracterizou-se pelo sucesso contra o Império Parta, a repressão da revolta dos britânicos (60–61) e uma melhora das relações com a Grécia. Em 68 ocorreu um golpe de estado de vários governadores, após o qual, aparentemente, foi forçado a suicidar-se. Seu reinado é associado habitualmente à tirania e à extravagância. É recordado por uma série de execuções sistemáticas, incluindo a da sua própria mãe e o seu meio-irmão Britânico, e sobretudo pela crença generalizada de que, enquanto Roma ardia, ele estaria compondo com sua lira, além de ser um implacável perseguidor dos cristãos.

Homens conhecidos à sua frente vão surgir.
Girondinos, Montanhistas,⁵ eu os conclamo a vir.

3 **MacBeth**: personagem de tragédia homônima do dramaturgo inglês William Shakespeare (1564-1616), estreia em 1611. Cumprida uma profecia, imediatamente Macbeth começa a ambicionar tornar-se rei. Macbeth escreve à esposa, Lady Macbeth, falando sobre as profecias feitas por três bruxas. Quando Duncan decide ficar no castelo de Macbeth, em Inverness, ela bota um plano para assassiná-lo e conquistar o trono para seu marido. Embora Macbeth se demonstre preocupado com o regicídio, sua esposa finalmente o consegue persuadir, questionando sua condição humana, a seguir seu plano. Na noite da visita do rei, Macbeth mata Duncan; o ato, que não é visto pela plateia, o deixa tão abalado que Lady Macbeth tem que assumir o controle da situação, recolhendo o punhal ensanguentado das mãos do marido. De acordo com seu plano, ela incrimina os criados de Duncan, adormecidos por causa da bebedeira ocorrida na noite anterior, pelo assassinato, colocando punhais sujos de sangue em meio a eles. Na manhã seguinte, Lennox, um nobre escocês, juntamente com Macduff, o leal *thane* de Fife, chegam. O porteiro, ainda bêbado, abre o portão, e Macbeth os leva aos aposentos do rei, onde Macduff descobre o cadáver. Num acesso fingido de raiva, Macbeth assassina os guardas, antes que eles jurem sua inocência. Macduff imediatamente suspeita de Macbeth, porém não o revela publicamente. Temendo por suas vidas, os filhos de Duncan fogem; sua fuga os torna suspeitos, e Macbeth assume o trono como o novo rei da Escócia, já que possui parentesco com o falecido rei.

4 **Richard III**: personagem de drama histórico homônimo de Shakespeare, em cinco atos escrito entre 1592 e 1593, baseado na história verdadeira do rei Ricardo III da Inglaterra. A obra retrata a ascensão maqui-avélica do rei e sua queda iminente. Houve duas grandes rebeliões contra Ricardo. A primeira, em outubro de 1483, foi liderada por aliados de Eduardo IV e por Henrique Stafford, 2.º Duque de Buckingham, antigo aliado e primo de Ricardo. A revolta falhou e Stafford foi executado em Salisbury. Outra rebelião contra o rei começou em agosto de 1485, liderada por Henrique Tudor e seu tio Jasper Tudor. Henrique partiu de Pembrokeshire com um pequeno contingente de tropas francesas, marchando pelo País de Gales recrutando soldados e arqueiros. Ricardo III morreu na Batalha de Bosworth Field, fazendo dele o último e único rei inglês a morrer em batalha dentro da Inglaterra desde Haroldo II na Batalha de Hastings em 1066.

5 **Girondino** (do francês *girondin*, por ter sido formado em torno de deputados do departamento da Gironda) era a denominação de um grupo político moderado da Assembleia Nacional (onde, juntamente com os jacobinos, de Robespierre, e os *cordeliers*, de Danton, representavam o Terceiro Estado) e da Convenção Nacional francesa, chefiado por Jacques-Pierre Brissot (1754-1793), durante a Revolução francesa. Seus membros pertenciam, em sua maioria, à burguesia provincial. Seu violento enfrentamento com o grupo dos **Montanhistas** (*montagnard*, ou jacobinos) dominou os primeiros meses da Convenção Nacional. Nela (1792-1795), os girondinos foram instalados do lado direito do plenário junto ao grupo da Montanha, assim denominados porque se sentavam na parte alta do auditório. Os girondinos ocupavam a parte baixa, a Planície (*plaine*). A conotação política dos termos esquerda e direita provém dessa divisão inicial do plenário. Os girondinos dominavam a Assembleia e, imediatamente, começaram a atacar a Comuna de Paris e os “montanheses” (mais conhecidos como jacobinos), por considerá-los responsáveis pelos massacres de setembro de 1792. Marat foi o primeiro implicado. Por outro lado, durante o processo de Luís XVI, os girondinos, que se opunham à condenação do rei, foram considerados pouco republicanos. Enfraqueceram-se politicamente com a tentativa de fuga de Luís XVI. Afinal, sua posição contrária à instituição de um tribunal revolucionário comprometeu definitivamente os girondinos. A maioria dos Girondinos passou a apoiar o republicanismo moderado após o início da revolução. Seu salão, na rua Guénégaud, em Paris, torna-se ponto de encontro de diversos homens influentes da época, como Brissot, Pétion, Robespierre, e outras elites do movimento popular, notadamente Buzot. É quase inevitável

Mas, ouvindo-os, se cale a paixão!
Expulso de meus versos a p erfida alusão;
Sou a imparcial História, e volto a dizer
O que disseram antes de mim os que deixaram de viver.
Me culpem se reproduzo mal os discursos, os atos e as atas,
Se, por outro lado, realizei pinturas exatas
Não se irrite nada com minha fidelidade.
Minha franqueza não   cumplicidade.
Seria preciso, para ganhar um fácil auditório,
Segundo as paixões acomodar a história?
Não. Eu cometeria injúria aos diferentes partidos,
Se só lhes oferecesse fatos travestidos.
Conservem sua fé; a fé   o hero simo.
Não aconselho em nada o impotente ceticismo.
Mas só a análise leva a um sólido fim;
Se ousarem julgar, franceses, olhem para mim.

que Madame Roland se encontre no centro das aspira es políticas e que presida um grupo dos mais talentosos homens progressistas. Graças a suas rela es no seio do Partido Girondino, seu marido torna-se Ministro do Interior, em 23 de Março de 1792. A partir de então, do prédio ministerial da rua Neuve des Petits Champs, Manon transforma-se na alma do Partido Girondino. Barbaroux, Brissot, Louvet, Pétion, e também Buzot, participam dos jantares que ela oferece duas vezes por semana.

Ato I

Roland, Madame Roland, Vergniaud, Sieyès, Barbaroux, Louvet, Pétion, Buzot, Danton, 3 girondinos, domésticos.

Direita e esquerda se entendem como direita e esquerda do espectador.

22 de setembro de 1792,⁶ oito horas da noite. – A República acaba de ser proclamada pela Convenção.⁷ – Jantar na casa de Madame Roland, em Paris. – A sala de jantar ocupa o fundo do teatro. As portas do fundo se abrem para uma antecâmara. – Na frente do palco, um salão, separado da sala de jantar por pilastras. A sala de jantar está vivamente iluminada por candelabros colocados sobre a mesa e um lustre suspenso no teto. Durante o jantar, o salão permanece no escuro. – Está-se na sobremesa; a mesa, elegantemente servida, está cheia de frutas e de flores. Madame Roland está sentado no lugar central, de frente para o público, tendo Sieyès à sua direita e Vergniaud à sua esquerda; Barbaroux está sentado à direita de Vergniaud. – Estátuas antigas, vasos gregos ornaram os apartamentos. Reconhece-se na decoração a procura do grego e do romano.

Cena 1

Pétion, Roland, Louvet, Buzot, 1 girondino, Sieyès, Madame Roland, Vergniaud, Barbaroux, 2 girondinos, sentados ao redor da mesa, na ordem indicada – No fundo, 4 domésticos.

BARBAROUX

(mostrando Vergniaud aos convivas, absorto em suas reflexões, depois se dirigindo a ele)

Acorde, Vergniaud, taciturno sonhador!

6 No dia 21 de setembro de 1792, os deputados da Convenção, reunidos pela primeira vez, decidem por unanimidade a abolição da monarquia constitucional na França. A república francesa foi proclamada no dia 22 de setembro de 1792. Sem pompa e sem solenidade, apenas por um decreto da Convenção que estipula que a partir daquele dia os atos públicos serão datados “do ano um da república”. A prudência dos convencionais se explica facilmente: desde os primeiros dias da Revolução, o caminho da ideia de uma mudança de regime não foi fácil, mesmo entre os adversários mais aguerridos do rei.

7 **Convenção** [Nationale]: regime político francês que governou a França de 21 de setembro de 1792 a 26 de outubro de 1795 por ocasião da Revolução francesa. Sucedeu a Assembleia Legislativa e fundou a República. Foi eleita por sufrágio universal masculino para elaborar uma nova constituição para a França, tornada necessária pela deposição de Louis XVI na jornada de 10 de agosto de 1792.

Digne-se nos dar algumas palavras, por favor.
Conhecemos já os modos de sua indiferença:
Você finge ouvir para ficar em silêncio
E seus sonhos, seguindo seu curso pacificamente,
Aliviam seu doce sono do ruído de nosso falar inclemente.

MADAME ROLAND

Não, deixe-o como está, Barbaroux; respeitemos seu silêncio pensado.
Livremo-nos de interromper um trabalho assim tão bem iniciado.
Quem sabe o que se oculta atrás desse recolhimento!
(Para Vergniaud)
Não ouça nada, Vergniaud, medite longamente;
Medita, se é verdade que abandonando sua indiferença,
Vergniaud prepara enfim o raio da vingança,
E, denunciando o roubo e os assassinos,
Promete um Cícero para nossos Catilinas.⁸
A! se eu fosse Vergniaud, obra semelhante faria
E fadiga ou sono não economizaria;
Antes preferiria, cabeça apoiada na mão,
Empalidecer até o romper da manhã
Do que deixar meu vigor por um instante infecundo
Porque ele vem de Deus para ser dado ao mundo.
- Mas você fica aí parado; e isso para nada serve;
Não tem direito ao repouso quem para agir tem a verve.
Para que serve um homem de patriotismo como essência

8 **Catilina:** Lúcio Sérgio Catilina (*Lucius Sergius Catilina*, Roma 108 a.C. — Pistoia, 62), foi um militar e senador da Roma Antiga, célebre por ter tentado derrubar a República Romana, e em particular o poder oligárquico do senado. Em 77, foi questor, em 68 pretor e em 67-66, governador da África. Tentou ser nomeado cônsul, discursava sempre em tom de indignação contra os abusos da elite, colocava-se como o candidato que defenderia o povo, mas sem sucesso. Dúvidas sobre seu caráter, suspeitas de assassinar seu próprio filho, um reconhecido temperamento irascível e orgulhoso fizeram-no ser repudiado durante as eleições. Pressionado por dívidas, não viu outra saída a não ser através de uma conspiração, na qual reuniu jovens nobres e arruinados. Quinto Cúrio, Públio Cornélio Lêntulo Sura e Mânlio de Fésulas eram alguns dos mais importantes seguidores de Catilina, fomentadores da sublevação. No entanto, a tentativa de assassinato dos dois cônsules designados falhou (65), juntamente com sua candidatura para cônsul (63). Forçado a se desmascarar, Catilina optou pela luta aberta. Preparações foram feitas através da Itália, especialmente na Etrúria, onde a revolta foi iniciada por Mânlio, um dos veteranos de Sula. Frustrou-se um plano para matar Cícero e, no dia seguinte, este pronunciou um discurso violento contra Catilina, que fugiu para chefiar seu exército na Etrúria. Depois de mais um dia, Cícero fez novo discurso contra Catilina, desta vez no Fórum Romano. Caio Antônio Híbrida marchou com seu exército para a Etrúria para enfrentar o próprio Catilina e seus homens. Na Batalha de Pistoia, Catilina e cerca de 3 000 de seus correligionários foram derrotados pelo general Marco Petreio, a quem Híbrida entregou o comando do exército alegando questões de saúde.

Herdar, entre nós, aquela antiga eloquência,
Se, enquanto não são abatidos todos os tiranos,
Devemos lhe gritar: está dormindo, Brutus⁹ insano!

VERGNIAUD

Pois bem, Brutus se encarregue de me absolver,
Ele que sabia dormir e tanto sabia se resolver.
Além disso, ao despertar, ai! o que foi que se ganhou?
Matou César, mas foi o Augusto que reinou.
O curso de tudo tem suas distantes fontanas
Onde se acumulam por longo tempo as paixões humanas,
E, quando o fluxo aumentado deve enfim transbordar,
Ninguém, nenhum homem, o consegue controlar.
Contra essas paixões, cuja torrente nos afortaleza,
Amigos, perdoem-me se sinto minha fraqueza;
Mas os fatos nunca me fizeram melhor compreender
O que mesmo os melhores videntes não podem prever.
Certo, uma realza, velha como a França,
Desarmada, num ano, de toda sua pujança,
As vontades do povo escritas em suas leis,
E todas as cabeças curvadas ao peso dos direitos,
E uma vitória tão grande e tão plena nos foi dada,
Na qual ninguém antes teria acreditado,
Ou que, se nossos olhos pudessem assim se esperarçar,
Nem um só tivesse conseguido algo melhor alcançar.
E, entretanto, em quanto a obra fez o sonho ultrapassado!
Nada de repouso – o destino tem de ser completado;
No passado que foi destruído nada ficou em seu posto,
E eis que uma manhã, o canhão do dez de agosto¹⁰

9 **Brutus:** Marco Júnio Bruto (Marcus Junius Brutus; Roma 85–Filipos 42 a.C.), foi um patrício, líder político de orientação conservadora republicana romana e militar romano. Foi um dos assassinos de Júlio César. Apoiou Pompeu Magno contra Júlio César nas guerras civis romanas. Perdoado por este após a batalha de Farsália, tornou-se procônsul da Gália Cisalpina, e posteriormente pretor, em 44 a.C., como favorecido de César. Junto com Cássio, conspirou para matar o general. Foi o idealismo de Brutus que restringiu a ação dos conspiradores ao ato único de matar César: assim eles perderam a iniciativa política para o cônsul Antônio, a quem haviam poupado, e foram obrigados a fugir, formando posteriormente na Grécia uma frota e um exército contra Marco Antônio e Otaviano. Suicidou-se em 42 a.C., após a derrota na Batalha de Filipos.

10 **10 de agosto:** No curso da Jornada de 10 de Agosto de 1792, a multidão cerca o Palácio das Tulherias, com o suporte do novo governo municipal de Paris, que será conhecido pelo nome de Comuna Insurrecional de Paris,. O Rei Luís XVI e a família real pedem o apoio da Assembléia Nacional Legislativa. Esse acontecimento marca efetivamente o fim da monarquia francesa (que será restaurada em 1814). O término efetivo da monarquia se fará seis semanas depois

A antiga monarquia sem combate vai derrotando,
Uma jovem república para o futuro anunciando.
Com esse inaudito rumor seus túmulos a revolver,
Ó cinzas de Mirabeau,¹¹ vocês deviam tremer!
Deixemos ao cuidado dos deuses o que não se pode conhecer;
Evitemos buscar o que o amanhã deve ser.
Amanhã, ó companheiros dos males já sofridos,
Inda navegaremos por fundos mares infindos;
Hoje, meus amigos, colhamos a hora presente,
E os prazeres permitidos pela graça decente.

MADAME ROLAND

Tudo a seu tempo. Preocupações amanhã!
Que será um dia sagrado como esta manhã.
Um belo dia, cidadãos! – A República inaugurada.
(ela se levanta)
Salve o 22 de setembro, imortal jornada!
Possa se prolongar pelo futuro incerto
A era republicana, nesta manhã aberta!
(para um doméstico)
Entregue a Vergniaud uma taça mais redonda.
(o doméstico apanha numa mesinha de serviço uma taça de formato antigo, que entrega para Vergniaud)
Sirva nela com largueza este vinho da Gironda.
(entrega ao doméstico uma garrafa de vinho da Borgonha; o doméstico enche a taça. Para Vergniaud)
Os senhores bebam à França! – Após um dia parelho,
Vocês que admiram Horácio, ouçam seu conselho:
“Batam seus pés alegres, façam o solo vibrar;
Há pratos de bom sabor na mesa dos deuses celestiais;

(21 de setembro de 1792). Essa insurreição e suas consequências são comumente chamadas pelos historiadores da Revolução francesa de forma simples: “O 10 de Agosto”. Outras designações são “Jornada de 10 de Agosto”, “Insurreição de 10 de Agosto” ou “Massacre de 10 de agosto”.

11 **Mirabeau:** Honoré Gabriel Riqueti, conde de Mirabeau, 1749-1791, foi um jornalista, escritor, político e grande orador parlamentar francês. Foi um destacado ativista e teórico da Revolução francesa, fez parte do Clube dos Trinta, destacando-se pela sua retórica apaixonada e convincente, tanto oral como escrita, o que lhe mereceu o epíteto de *L'orateur du peuple* (“O orador do povo”). Teve uma vida aventureira, que incluiu uma curta passagem pela diplomacia, em parte como agente secreto, múltiplas passagens pela prisão e pelo exílio, e uma vida amorosa complexa e apaixonada. Fez parte da Maçonaria e teve um papel relevante na Revolução, durante a fase inicial da qual foi um dos moderados que pretendia a transição para uma monarquia constitucional. Sua morte foi um dos fatores que precipitaram a queda da monarquia francesa.

É agora que devemos as ânforas vaziar,
E celebrar o céculo da adega dos ancestrais.
Antes isso era crime. Em sua embriaguez demente,
Em meio a um bando de escravos sub-humanos,
Uma rainha fogo ao Capitolino ateava, inclemente,
E com espantosos ferros prendia os romanos.”¹²
(os convivas se inclinam diante de Madame Roland, ouvindo-se um murmúrio
de aprovação)

LOUVET

Prossiga; agradecemos nos traduzir de Horácio a poesia,
Que canta a amizade, a graça e a sabedoria.
Sim, transmitiu-nos o espírito do poeta do latim;
E se ele próprio estivesse assentado a este festim
Encontraria entre nós uma musa do moderno
Que melhor inspiraria que o melhor Falerno,¹³
E por quem, desertando um Mecenas,¹⁴ que negligencia,

12 Estes 8 versos correspondem às estrofes iniciais da ode 1.37 do livro das Odes de Horácio; aqui foram traduzidos tal como dados na versão apresentada por Ponsard no texto de sua peça. Dada sua importância na argumentação da personagem, convém completar esta nota com alguns esclarecimentos a respeito do texto horaciano. A ode celebra a morte de Cleópatra (e das forças de Marco Antonio), após a definitiva batalha de Ácio (Actium), no mar Jônico, na província romana da Macedônia, em 2/9/31 a.C. quando Otaviano (‘que virará Augusto’ em 27 a.C.) destrói a armada de Marco Antonio (que estava no Egito aos beijos com aquela rainha) e ganha o poder em definitivo, eliminando a ‘concorrência’. A tal “rainha” que preparava ‘ruínas loucas’ era a própria Cleópatra. O *Caecubus ager* (campo céculo) era uma planície do Lácio famosa pela qualidade de seus vinhos. Então eles poderão agora retirar a ânfora de vinho céculo da adega para comemorar. Algo como dizer hoje que se vai tomar um Bordeaux. O texto original latino diz: *Nunc est bibendum, nunc pede libero / pulsanda tellus, nunc Saliaribus / ornare pulvinar deorum / tempus erat dapibus, sodales. // Antehac nefas depromere Caecubum / cellia avitia, dum Capitolio / regina dementis ruinas / funus et império parabat.* – “Agora é beber, agora, os pés livres, / é a terra pulsar, agora era tempo / de ornar os coxins dos deuses / com os festins sális, camaradas. // Até hoje era ímpio tirar o Céculo / da adega ancestral, enquanto a rainha / tramava insanas ruínas / ao Capitólio e a morte ao império” (tradução de Daniel da Silva Moreira in NUNTIUS ANTIQUUS 11,2 (2015), p. 150.

13 **Falerno:** Na Roma Antiga, a gastronomia consistia somente em vegetais e frutas. O vinho (*uinum*) acompanhava os pratos e era bebido diluído com água do mar ou água morna. Para além dos vinhos gregos, apreciavam-se os vinhos produzidos na península Itálica, como o vinho de *Falernum* (da Campânia) – o mais festejado de todos.

14 **Mecenas:** nos países de línguas neolatinas, o termo indica uma pessoa dotada de poder ou dinheiro que fomenta concretamente a produção de certos literatos e artistas. Num sentido mais amplo, fala-se de mecenato para designar o incentivo financeiro de atividades culturais, como exposições de arte, feiras de livros, peças de teatro, produções cinematográficas, restauro de obras de arte e monumentos. O termo deriva do nome de Caio Mecenas (68–8 a.C.), influente conselheiro do Imperador romano Augusto, que formou um círculo de intelectuais e poetas, sustentando sua produção artística.

De Fílis,¹⁵ Neera¹⁶ e Lalage.¹⁷ se esqueceria.

VERGNIAUD

(de pé, taça na mão)

Para tua eternidade, República nascente!

(todos se levantam)

Seja generosa e forte, justa e potente;

Combate teus inimigos, mas perdoa o infeliz e sua dor;

Faze esquecer os reis por um reino melhor.

Viverás, se, acreditando em tua duração,

Persegues lentamente tua obra em maturação

E se, para converter aqueles que de ti têm dúvida,

Não conte com o temor mas sim com o júbilo.

(quando aproxima a taça dos lábios, Madame Roland lhe segura o braço.)

MADAME ROLAND

Deseje ainda mais. Para torná-la constituída,

Deseje que seja elegante e polida.

A linguagem elegante propicia os costumes bonitos,

E a ferocidade envergonha com seus gritos.

Abram o anfiteatro, e preparem as festas!

Falem os grandes oradores, cantem os divinos poetas!

E as flores de Platão suas cabeças vão coroar,

Para os reunir, não para os exilar.

A nobre República, para onde o céu nos convida,

Não rebaixe a glória para o nível da invidía;

Apenas teríamos perdido para os tiranos

Se acontecesse viver sob o jugo de nossos danos.

Deus não queira! – Quanto a costumes republicanos,

Corramos da Beócia,¹⁸ para Atenas corramos.

15 **Fílis:** Na mitologia grega, era a filha do rei da Trácia, e se casou com Demofonte, rei de Atenas e filho de Teseu, quando ele parou em seu país durante sua viagem de volta da Guerra de Troia. Demofonte, ligado pelo dever à Grécia, retorna ao seu lar para ajudar seu pai, deixando Fílis para trás.

16 **Neera:** Na mitologia greco-romana, uma ninfa amada pelo Sol, de quem teve 2 filhos, e por ele abandonada.

17 **Lalage:** Lalage é, em Horácio, uma figura feminina literariamente construída em alguns poemas. Uma das muitas mulheres consideradas como as *hetairai* gregas, admitidas em serviço para companhia ou boa conversação bem como para sexo como uma prostituta comum. Os nomes gregos bem como o papel que representavam no contexto do prazer e do entretenimento masculino sugerem que assim fosse.

18 **Beócia:** uma unidade da Grécia Central. Está situada entre os golfos de Eubeia e Corinto, onde na Antiguidade havia muitas póleis (cidades-estado), dentre elas Tebas (a principal), Plateias e Téspias. O nome passou para o léxico de muitas línguas com o significado de “indivíduo bronco, ignorante, simplório, estúpido, imbecil, otário, rude” por alusão à reputação dos beócios na Antiguidade.

(ela desprende uma rosa de sua cintura e a desfolha na taça de Vergniaud. Buzot e Louvet aproximam suas taças para nelas receber algumas pétalas.)
Misturemos, como os gregos estavam acostumados,
O perfume da rosa e do vinho perfumado;
E que a lembrança deste antigo costume
De um século ateniense seja o primeiro lume!

VERGNIAUD

(inclinando-se para Barbaroux)
Barbaroux, a crer nos meus sentimentos secretos,
Não desfolhemos a rosa; desfolhemos o cipreste.
(pega novamente a taça e a levanta)
Não importa! De meu sangue a taça estará plena,
Que vou beber para ti, França republicana;
E teu advento nossa morte soaria,
Que aquele que vai morrer ainda te saudaria.
(ele bebe)

TODOS

(erguendo suas taças)
Viva a República!

BARBAROUX

Às leis!

BUZOT

À clemência!

VERGNIAUD

À razão humana

LOUVET

Ao século que começa!

MADAME ROLAND

Viva a República, e morramos, se for acaso!

VERGNIAUD

Seja eu o primeiro a subir ao cadafalso!
(Os Girondinos passam da sala de jantar para o salão, precedidos pela Madame Roland, a quem Sieyès dá o braço. – Os domésticos levam a mesa para o fundo, após terem levantado os candelabros, colocando-os a seguir na lareira e num console de cada lado do salão. Um outro doméstico entra à esquerda com

uma mesa sobre a qual é servido o café. – A sala de jantar fica às escuras e apenas o salão fica iluminado.)

BARBAROUX

Sim, ofereçamos nosso sangue, mas que ele escorra com glória
Por nossa eterna independência e nosso sagrado território.
Quanto a oferecer o pescoço ao ferro de um assassino,
(Barbaroux, Louvet e alguns dos Girondinos à direita; Madame Roland, Sieyès, Vergniaud à esquerda; um pouco mais acima os outros Girondinos)
Pelos meus bons marseheses!¹⁹ Não é esse meu destino.
Querem defender os seus dias, que estão sendo ameaçados?
Em vez de acolherem os carrascos, eles devem ser atacados.
Os mortos de setembro gritam por seus vingadores,
E ninguém se levantou contra os degoladores.
A Comuna foi enganada naquela carnificina;
O sangue a comandou; o sangue a patrocina;
E parecendo orgulhosa de seus horrendos feitos,
Para o corpo legislativo ela dita suas leis;
Corre perigo a Comuna! – Há ao lado dela, assim,
Uma caverna onde rosna um eterno motim.
O clube dos Jacobinos nossos debates arrebenta,
E suas petições são atentados insolentes.
Abaixo os Jacobinos – Mas todos esses facciosos
Não passam de agentes daqueles três ambiciosos.
Para vocês, triunvirato infame, de guerra este meu grito:
Danton setembrisador, Robespierre ditador maldito,
E você, pivete desse triunvirato, perdido no esgoto,
Você, Marat, cujo nome não se diz sem desgosto.
- Esse animador do assassinato e da pilhagem,
Ele vai votar leis que sua presença ultrajam!
É um representante deste nobre país de terras abençoadas!
Esse monstro vai tomar conta de nossas classes maravilhadas!
Não, se depender de mim! – Contra a degradação
O gênio há de virar cólera nesta nação.
Se é preciso protestar só, sozinho vou protestar,
E, se Vergniaud se cala, sou eu que vou falar.

LOVET

Falo depois de você. Mas que Vergniaud fale de novo!

19 Cf. menção ao batalhão de Marselha na ficha da personagem no Fichário do início desta tradução.

MADAME ROLAND

(sentada à esquerda perto de Sieyès e de Vergniaud)

Você ouviu, Vergniaud? É mesmo o clamor do povo

VERGNIAUD

O mandato que querem me atribuir, eu o analiso comigo:

Não recuo, mas lhe vejo o perigo.

(aproximando-se de Barbaroux e de Louvet)

Todos os estremecimentos de suas consciências

Ressaltam no meu peito a mesma impaciência;

Setembro foi o horror; como vocês estou indignado

Com a existência de carrascos assim ao nosso lado.

É preciso quebrarmos essa Comuna rebelde

Se não quisermos ser quebrados por ela;

Enfim, não me é dado um só governo conhecer

Que sob o fogo das facções um momento possa viver.

Sim, Barbaroux, é assim que a anarquia amotina

Uma minoria que tem o motim como rotina.

Estamos sob o jugo de um milhar de tiranos opressores

Que pretendem tratar a França como conquistadores;

Eles possuem, para oprimir, a virtude falsificada,

Como nova aristocracia imaginada,

E o crime, sem punição e com uma cortejada,

Na nova linguagem deles democratizada.

Sim, é verdade. – Prevejo que este ensaio terrível

Torne a liberdade por muito tempo impossível,

E que a França, após tão rude labor,

Cairá fatigada nas mãos de um ditador.

- Ai de nós! A liberdade, como uma errônea miragem,

Para sempre nos fugirá sem nossa coragem?

Estamos nós condenados, seus melhores amigos,

A nunca mais entrar naquele país prometido,

E vamos ver sempre no limiar democrático

A revolução – jamais a República

BARBAROUX

E então?...

VERGNIAUD

Entregue-se, então, de grado aos mares tumultuosos!

Acorrente o oceano, Xerxes²⁰ presunçoso!
- Ah! a dúvida se permite diante da doudice;
Falar é imprudente, e se calar é covardice.
É preciso se retirar, sem nem ter combatido um dia,
E, refugiando-se em sua virtude fria
Considerar do alto, filósofo egoísta,
A sombria tragédia a que se assiste?
Mas isso é autorizar outros assassinatos,
Qual a virtude que não fica indignada?
Deve-se uma cólera santa fazer desabrochar?
Mas é para o furor popular exasperar,
Despertar o coração de nossas dissensões,
E apressar os incêndios e as destruições.
- Talvez não seja sem um trabalho enorme,
Sem dores imensas, que um Estado se transforme.
Esse longo parto de um mundo jovem e forte
Tem convulsões como as teria a morte.
Nele morreremos todos uns após os outros, é fatal;
Para seus primeiros apóstolos toda ideia é mortal.
Mas o tempo esse vapor de sangue vai varrer
Que em nosso horizonte cobre o dia que vai nascer;
Então, sem dúvida, após muitos insucessos,
Após muita servidão e outros excessos,
A razão, que continua sua celeste caminhada,
Resplenderá sem sombra aos olhos da humanidade.

LOUVET

Está muito bem, mas de lado o brilho do belo discurso.
O que você faria, Vergniaud, se o combate tiver curso?

20 **Xerxes:** foi o xá aquemênida de 486 a.C. até a data do seu assassinato em 465 a.C. Era neto de Hidaspes e de Ciro, o Grande. Xerxes era filho de Dario I e Atossa, filha de Ciro II, que se casaram após Dario ter se tornado rei dos reis (título que se dava ao xá). Herdou o trono por designação do pai, apesar de não ser o primogênito. Continuou a guerra contra os gregos, conhecida como Guerras Médicas, como forma de vingança, pois seu pai havia perdido a Batalha de Maratona em 490 a.C. Xerxes mandou construir um canal que atravessava a península de Atos, o que facilitou a passagem da frota. Após derrotar o exército de Leôni-das I, vencendo a Batalha das Termópilas, no desfiladeiro de mesmo nome, Xerxes saqueou a Ática e, ao tomar Atenas, arrasou os santuários da Acrópole. Sua frota foi destruída na Salamina por Temístocles, em consequência dos graves erros táticos que cometeu, retornando à Pérsia. Ele nunca chegou a se recuperar dessa derrota e em seguida abandonou as ambições militares. Mais tarde morreria assassinado por seu ministro Artabano, em 465 a.C.

VERGNIAUD

O que já fiz responde o que farei no futuro.
Não provoço um choque prematuro;
Não. Para assumir me falta capacidade
Sobre os imprevistos infelizes de uma tempestade,
E eu lhe imploro, em nome da salvação do Estado,
Refletir antes de se atirar em qualquer hostilidade.
Mas se, contra minha vontade, um de vocês se expuser,
Então vão me ver na vanguarda combater.
Como, na primeira refrega, com tudo vão atacar,
Isso não será mais do que a mim se dedicar
E provar àqueles que espanta minha prudência
Que temo pela França e não por minha essência.

LOUVET

Isso nos basta, Vergniaud.
(Vergniaud volta-se para Madame Roland e o grupo que está à esquerda)
Ó triste e amado navio sem par!
Um novo golpe de vento te carrega em pleno mar.
Para onde vais, sem mastro, leme ou vela,
Sem saber a que deus pedir uma estrela?
Em vez disso, protejam o porto!

SIEYÈS

(sentado)
Vergniaud tem razão demais.
- Reflitam, senhores.

LOVET

Esse tempo não temos mais.
Temos que deliberar, quando o sangue nos faz mal?
Estão querendo congelar o horror universal?
Quando esse triunvirato estiver fortalecido,
Será então hora de atacar o inimigo?

SIEYÈS

E quando é que pretendem atacar então?

BARBAROUX

Em seguida;
A Europa inteira espera essa investida.
Cada dia de repouso diante dos assassinos
Nos confunde com eles aos olhos de nossos vizinhos.

SIEYÈS

E qual é seu plano?

BARBAROUX

Do alto da tribuna,
Provocar um decreto que quebre a Comuna,
Persiga os assassinos da Convenção,
Meta nos triúnviros uma acusação,
E, se contra esses clubes não nos proteger Paris
Nossa sede se mude para além dos muros de Paris.

SIEYÈS

E você conta com quem?

BARBAROUX

Com quem! Com a igualdade,
Com nosso direito, Sieyès, nossa honra revoltada,
Com o ódio ao morticínio e à ditadura
Com todos os bons instintos da humana natura,
Com os departamentos que vão, todos de uma vez,
Se armar por nossa causa e pela causa das leis.
- Já meus marseheses se entusiasmam para um avanço;
São mil, milhares, todos filhos do sol da Provença;
Cada um deles recebeu de seus pais, sem trancos,
Duas pistolas, um sabre, um fuzil e seiscentos francos.
Fizeram um 10 de agosto contra os royalistas;
Saberão fazer um outro contra os anarquistas.

SIEYÈS

(levantando-se e se aproximando de Barbaroux)

Amo nos jovens esse nobre calor querúbico;
Que no homem de Estado é um infortúnio público.
Raciocinem:-a Comuna tem direitos formidáveis
Que protegem seus acessos para todos inabordáveis;
Contra o ataque aberto ou o complô na escuridão.
Os clubes têm consigo as multidões que querem;
Vocês têm afiado as armas que vos ferem;
Servem-se delas contra vocês, que as renovam
Quando vocês combatem o que vocês aprovam.
- E vocês querem, desafiando a esse ponto a fortuna,
Afrontar em Paris os clubes e a Comuna.
Acreditam jogar por terra, com discursos eloquentes,
Esses triúnviros apoiados em socorros tão potentes!

Decretos! É isso que estrutura sua audácia presente?
O decreto, sem a força, é uma ameaça impotente!
- Ameaçar sem bater, ou bater sem castigo,
É fornecer um pretexto para os golpes do inimigo.
- A França, vocês dizem será bem capaz de se defender,
Mas os departamentos terão sido capazes de entender
Que todos os seus inimigos, em Paris reunidos,
Com todas as forças que têm, os terão oprimidos?
Não esperem que venham em seu auxílio então,
Os amigos dos vencidos só merecem morna atenção,
E o sucesso, não importa como se o tenha obtido,
Faz brotar por toda parte amigos desconhecidos.
Vocês verão como se foge de uma solicitação importuna
E do contágio de um grande infortúnio.
- Acredite em mim, modere um ódio imprudente
Que só pode pôr a perder a França e sua gente.

BARBAROUX

Eu reconheço, Sieyès, teu discernimento profundo;
Mas mais dou ouvidos ao instinto de todo o mundo.
O sentimento me diz que nisso como alhures
Os meios mais francos são os melhores;
Que a simples honestidade é a arte mais hábil;
Que um partido que se esquia é um partido débil;
E que não existe caso em que a razão do Estado
Consista em compactuar com o assassinato.

SIEYÈS

Pois bem, não compactue; mas prepare a guerra.
- Tenta isolar Marat e Robespierre.
- Faça amigos. – Para apenas dois nomes citar,
O apoio de Dumouriez²¹ canhões pode lhe dar,

21 **Dumouriez:** Charles François du Périer, conhecido como Dumouriez, (Cambrai, 26/1/1739 — Turville Park, Buckinghamshire, 14/3/1823) foi um general francês, vencedor da batalha de Valmy, no norte da França, contra os prussianos, em 20/9/1792, juntamente com o general François-Étienne Kellermann. Conquistou a Bélgica e defendeu a ideia de uma república belga independente, opondo-se, assim à Convenção. Posteriormente destituído do comando, passou a servir os inimigos da França a soldo dos ingleses. Escreveu o livro *État présent du Royaume du Portugal en l'année MDCCLXVI* (1775), enquanto espião particular do rei Luís XV de França. Foi um dos muitos aventureiros que realizavam missões de informação e de diplomacia paralela para o rei francês, e que eram por isso conhecidos pelo nome genérico de *Cabinet Noir* ou *Secret du Roi*. O livro é um importante panorama de Portugal no século XVIII, descrevendo sua geografia, suas colônias, seu exército, os costumes de seus habitantes bem como sua organização política e social.

E daqueles triúnviros, que com você detesto,
Sei de um que pode ser tão bom quanto funesto.
Sim, um dos triúnviros, de todos o de mais poder,
Pode salvar o país se com vocês se entender.
Ele pode, se quiser – e vai querer. Ele em si aveza
As grandes perplexidades de uma nobre natureza.
Um homem como ele nada faz senão por inteiro;
Pelo orgulho de seu crime em seu crime mais vezeiro,
Se encontra outro meio de conquistar estima,
Quanto mais criminoso for, mais será sublime.

BARBAROUX

Quem é esse, Sieyès?

SIEYÈS

Danton.

BARBAROUX

Danton! (*movimentação geral*)

SIEYÈS

Pense, avenge

Que os clubes se dividam com esse golpe inteligente.

O triunvirato dissolvido, a incerteza na multidão

Faz o corpo debandar, perder seu capitão.

- Danton e Dumouriez! O povo e os soldados brutos!

E os que serão seus dois braços, dois homens resolutos!

Então, não esperem mais que uma chance oportuna

Para varrer os clubes e quebrar a Comuna.

A França aplaudirá.

VERGNIAUD

Mas isso tem pressuposto:

Quem diz que Danton a isso estará disposto?

SIEYÈS

A resposta ele mesmo virá comunicar.

VERGNIAUD

Quando?

SIEYÈS

Daqui a pouco.

VERGNIAUD

Onde então?

SIEYÈS

Aqui. Ele já vai entrar.

(movimento)

VERGNIAUD

Aqui!

ROLAND

Na minha casa!

SIEYÈS

(olhando seu relógio)

Está na hora. Ele deve vir.

VERGNIAUD

Mas por que, Sieyès, não quis nos prevenir?

SIEYÈS

Eu queria essa entrevista, e a mantive escondida

De medo que objeções a tivessem impedida.

ROLAND

Mas, se eu o recebo, Sieyès! o que dirão!

SIEYÈS

É importante para o país.

UM DOMÉSTICO

(anunciando, do fundo do palco)

O cidadão Danton!

Cena 2²²

Os mesmos, Danton.

DANTON

(para Madame Roland)

Boa noite, senhores. – Boa noite, Roland. Ou estou errado, Senhora, ou por minha visita eu precisaria ser desculpado; Mas o interesse público pede esta aproximação E nos deve dispensar de todo cumprimento em vão.
(Madame Roland saúda sem jeito, e se vira)

SIEYÈS

Seja bem-vindo.

ROLAND

(friamente)

Todo aquele que aqui chegar
Com coração justo e leal esta porta pode franquear.
(momento de silêncio. – Sieyès faz sinal ao Girondino para receber Danton.)

DANTON

Pois bem, senhores. – Percebo aqui algum embaraçamento; Não me incomodo, eu o compreendo perfeitamente. Nesta situação geral não tem sido o mesmo nosso comportamento. Considero que em perigos extremos deve-se agir mais vigorosamente.

BARBAROUX

Com vigor, Danton, e não com espalhafatos.

DANTON

Não reneo em minha prática nenhum dos meus atos;

22 **NFP** – Ver, a propósito dessa tentativa de reconciliação entre Danton e os girondinos, as memórias dos girondinos e, entre outras, as de Meilhan; ver também as memórias de Garat. Consultei cuidadosamente as memórias dos girondinos e os discursos e jornais dos Montagnards; tive nas mãos a coleção completa dos jornais de Marat, e os li todos. Acredito não ter feito qualquer uma das personagens dizer o que não teria dito, ou podido dizer no curso geral de suas ideias. Reporto-me, sobre esse ponto, ao testemunho dos que conhecem os documentos originais. Uma palavra sobre Danton. Os girondinos mais hostis, Louvet, por exemplo, Meilhan, etc. o representam tal como o coloquei em cena. Além disso, sem que seja preciso remontar às fontes, há longo tempo o Sr. Thiers e o Sr. Mignet lhe deram sua verdadeira fisionomia, que se pode reencontrar, desenhada em grandes traços, em *L'histoire des Girondins*, do Sr. de Lamartine.

Ainda os cumpriria se isso se tornasse necessário,
E vocês teriam em mim um valente adversário.
O momento é outro. – Salvaram a pátria Valmy²³ e sua batalha
Venho como amigo e é como espero que lhes valha.

VERGNIAUD

Valmy, Danton?

DANTON

Valmy! cidade para sempre famosa!
Nosso Dumouriez foi vitorioso nos campos da nossa Mosa.²⁴

TODOS

Bravo!

DANTON

Nossa República é um robusto infante,
Senhores; ela veio ao mundo, triunfante,
Sob o fogo dos canhões, nossos jovens voluntários
Mostraram o sangue-frio dos mais velhos militares;
Depois à baioneta se lançaram contra os inimigos;
Os prussianos sumiram. – Isso é o que digo.

TODOS

Bravo!

DANTON

Isso não é tudo, e Dumouriez me faz saber
Que o caos no exército alemão não para de crescer.
A fome, a febre, um outono violento,

23 Batalha de **Valmy**: O processo revolucionário francês ganhou um importante impulso no dia 20 de setembro de 1792, quando os patriotas franceses conseguiram derrotar os prussianos na batalha de Valmy (cidade do Grande Leste, no Marne). Ocorrida no contexto de reação ao processo revolucionário por parte das nações vizinhas da França defensoras do Ancien Régime [a Primeira Coligação, ou Primeira Coalizão: Áustria, Prússia, Reino Unido, Repúblicas Unidas dos Países Baixos, Espanha, Principado de Piemonte] a batalha representou o fim da monarquia absolutista na França e o início do período republicano. Com a ameaça de invasão da capital pelas tropas monarquistas, os líderes jacobinos Danton, Robespierre e Marat conclamaram a população a lutar contra os invasores através da proclamação da “pátria em perigo”. Armas foram distribuídas à população, que organizou a Comuna Insurrecional de Paris. As lutas contra a Primeira Coalizão duraram, na verdade, até 1797. A 17 de Outubro, os termos da paz impostos por Napoleão Bonaparte foram formalmente aceitos no Tratado de Campoformio.

24 Em francês, la **Meuse**, departamento da França localizado na região do Grande Leste. Seu nome do departamento vem do rio Mosa que o atravessa.

Os caminhos de buracos e o terreno lamacento,
O inverno que aí vem logo após uma derrocada,
Tudo enfim exige dele uma pronta retirada.
- Assim deve perecer qualquer outra invasão!
Paris livre!

TODOS

Viva a nação!

DANTON

Esses jovens jamais haviam visto a metralha.
Foi só o patriotismo que ganhou a batalha.
E nós, que recebemos um tal ensinamento maior,
Não teríamos vergonha de uma dedicação menor?
Metidos nos seus confins eles salvaram a República;
Mas ela está em perigo agora em praça pública.
Nós a salvaremos, sim, somos vencedores,
Não mais de inimigos, mas de nossos próprios valores.
Nosso rancor no esquecimento do passado enterremos;
De ora em diante apenas na causa comum pensemos.
Nós todos aqui francos republicanos havemos de ser;
Nenhum de nós os tarquínios²⁵ pretende restabelecer;
Ninguém pretende segurar o cetro de um Charles rei;
Cromwell²⁶ – se existe algum -, não é ele quem dita lei.

25 A história registra vários Tarquínios: 1) **Tarquínio o Antigo** (616-578 a.C.) foi o quinto dos sete reis lendários da Roma antiga e o primeiro rei romano de origem etrusca; 2) **Tarquínio o Soberbo** (??-495 a.C.), filho do Antigo, na sequência de um golpe, torna-se um tirano até a implantação da república em 509, tentando retomar o poder em pelo menos duas ocasiões posteriores; 3) **Sexto Tarquínio** (??- 509 a.C.), notabilizado pelo golpe dado na cidade de Gabies, vizinha a Roma, durante o qual obtém o comando do exército, depois rapidamente o poder, passando a condenar pouco a pouco todos os cidadãos importantes da cidade à morte ou ao exílio, doando a totalidade dos bens dos condenados para o povo; 4) **Tarquínio Colatino** (??-509 a.C.). – Em 509/508 av. J.-C. a república (*Libera respublica*) foi restabelecida.

26 Cromwell: Oliver Cromwell (Huntingdon, 25/4/1599 – Palácio de Whitehall, 3/9/1658), foi um militar e líder político inglês e, mais tarde, *Lorde Protetor*. Cromwell foi eleito membro do parlamento pelo círculo eleitoral de Huntingdon em 1628, e por Cambridge, no Pequeno (1640) e Longo Paramentos (1640–49). Participou na Guerra civil inglesa, ao lado dos Parlamentaristas. Foi um dos signatários da sentença de morte do rei Carlos I em 1649, e, como membro do *Rump Parliament* (1649–53), dominou a Comunidade da Inglaterra. Foi escolhido para assumir o comando da campanha inglesa na Irlanda durante 1649–50. As suas forças derrotaram a coligação entre os Confederados e os Realistas, e ocuparam o país – terminando, assim, com as Guerras confederadas irlandesas. A 20 de abril de 1653, dissolveu o *Rump Parliament* pela força, instituindo uma assembleia, de curta duração, conhecida como Parlamento Barebones, antes de ser convidado pelos seus pares para liderar como ‘Lorde Protetor’ da Inglaterra, País de Gales, Escócia e Irlanda, a partir de 16 de dezembro de 1653. Como governante, esteve à frente de uma política exterior muito agressiva e eficaz. Depois da sua morte (por malária) em 1658, foi sepultado na Abadia de Westminster mas, após a tomada do poder pelos monarquistas, em 1660, seu corpo foi retirado da sepultura, pendurado por correntes e decapitado.

Que demônio incita a nos degolarmos mutuamente,
O estrangeiro impiedoso festejar continuamente?
Onde é que a discórdia civil vai ser detida,
Se até no próprio senado ela encontra guarida?
Tomemos cuidado, senhores, com essas dissensões!
Eu me conheço, acredito, em agitações;
Tenho visto de perto o povo, tenho esse costume são.
Pois bem! – Não brinquemos com a multidão;
Não vamos pedir ao povo que ajude os partidos
Se não queremos ser todos engolidos.
- A lava se amontoa e procuro uma saída;
A revolução exige sua comida;
Tornemos à conquista e lancemos no Reno
Aquela corrente, rejeitada para fora de nosso terreno,
Que de um elã sublime, a França toda inteira
Se ergue ao nosso apelo e corre para a fronteira!
Devolvamos aos inimigos, por nós caçados,
As invasões com que fomos ameaçados!
Respondamos a Verdun²⁷ com um ato enérgico,
Que nossa primeira tentativa liberte a Bélgica;
E vingemo-nos dos reis, contra a França armados,

27 **Verdun:** Durante séculos, Verdun (cidade do nordeste da França) teve um papel muito importante na defesa da sua hinterlândia devido à sua posição estratégica junto do rio Meuse. Átila, o Huno, por exemplo, fracassou no cerco da cidade no século V. Quando o império de Carlos Magno (o Império Carolíngio) foi dividido pelo **Tratado de Verdun**, em 843, a cidade tornou-se parte do Sacro Império Romano. É conhecido pelo nome de Tratado de Verdun o acordo ali celebrado em 843 pelos três netos do imperador Carlos Magno (Carlos, o Calvo; Luís, o Germânico e Lotário) e que acabou com a Guerra Civil Carolíngia, que se estendia há três anos. O tratado teve ainda como consequência a desintegração do Império Carolíngio, e ao mesmo tempo serviu de ponto de partida para a gradual constituição das modernas nações alemã e francesa. Depois da morte do filho de Carlos Magno, Luís I, o Piedoso, em 840, o primeiro na linha sucessória da monarquia seria Lotário I, pois seu irmão mais velho, Pepino da Aquitânia, havia morrido antes mesmo de seu pai, em 838. Os outros dois netos de Carlos Magno, porém, resolvem se aliar e promover uma guerra para disputar o controle do império com Lotário, que enfim decide por ceder e negociar com seus irmãos mais novos. Como resultado, Carlos, o Calvo ganhou o controle de quase toda a França atual (um território que recebeu o nome de França Ocidental) e Luís, o Germânico ficou com quase todas as terras a leste do Reno, que mais tarde constituiriam a moderna Alemanha (a França Oriental). A Lotário coube a manutenção do título de imperador, recebendo, porém, apenas o controle de uma estreita faixa de terra, do Mar do Norte até a Itália, formando o reino da França Média, de efêmera duração. A parte de Lotário será dividida pelos seus herdeiros, logo após sua morte, em 855. Mais tarde, o Tratado de Meerssen, de 870, irá substituir o Tratado de Verdun, e a parte mais ao norte da França Média de Lotar, conhecida como Lotaríngia, será dividida entre Carlos, o Calvo e Luís, o Germânico. A Lotaríngia compreendia os Países Baixos (Bélgica e Luxemburgo), parte da Alemanha (Renânia do Norte, Renânia-Palatinado e Saar), além de partes da França: Alsácia e Lorena, a maior parte das regiões do Rhone, Seine e Meuse.

A libertação dos povos tiranizados!
- Que belos destinos para nós! Que soberbas obras!
O quê! Quando temos estúpidas manobras!
A razão como apoio, a França como pivô primeiro,
Ainda não estamos erguendo o mundo inteiro!
Senhores, se minha palavra merece sua confiança,
Prometo, de minha parte, uma franca aliança.
E como não coloco orgulho nisso, nenhuma porção,
Eu dou os primeiros passos e lhes ofereço minha mão.

VERGNIAUD

(apertando sua mão)
Eu a aceito, Danton.

PÉTION

(caminhando até Danton)
Danton, assim me mantenho.

DANTON

(para Barbaroux, Louvet, Buzot, que permanecem imóveis)
E os senhores?
(Barbaroux, Louvet, Buzot, à direita; Madame Roland e os outros girondinos, à esquerda; Danton ao centro)

BARBAROUX

Danton, sinto, eu me abstenho.

DANTON

Por quê?

BARBAROUX

Poupe-me de um discurso infesto.

DANTON

Fale.

BARBAROUX

Pois bem! Suas mãos têm sangue manifesto.

LOUVET, BOUZOT

Sim!

DANTON

Está bem, senhores; é uma oposição fechada?

(para Barbaroux)

Ah! está me atacando! – Minha reação foi provocada!

(afasta-se com um gesto de ameaça; Sieyès o detém; ele continua)

Não; ninguém dirá que o ressentimento

Obrigou Danton a algum movimento.

Barbaroux, nossos debates vão matar a República.

No mínimo adiemos uma luta impolítica;

Fundemos a liberdade; - depois podemos ser inimigos.

BARBAROUX

Ela vai ser mal fundada sobre os crimes cometidos;

Queremos dar-lhe por base a justiça.

Que ela seja casta e pura, ou então que pereça!

DANTON

Merda, vocês tomam, com seus ares decentes,

As revoluções como jogos inocentes?

Vocês ao povo nada perdoariam.

(voltando-se para Madame Roland)

Eu lhe deploro

Jamais escutar os conselhos de uma senhora;

Mas quê! Insurgentes assombrando os salões? Não os vemos;

Não os manejamos tal como queremos;

Aqui não se destroem tronos legítimos,

Sem que alguns estilhaços firmam algumas vítimas!

- Eu não comandi os massacres. Por quê, bosta,

Sempre jogam todo o crime nas minhas costas?

LOVET

Ô primeiro magistrado, deixaste que fossem cometidos.

BUZOT

Comandá-los, Danton, era o mesmo que permiti-los.

BARBAROUX

O que você fez, Danton, naqueles dias de infelicidade,

De tuas explosões de voz tão conhecidas nas ruas da cidade?

DANTON

Então, era certo que minha voz podia ser ouvida?

Eu podia parar, sozinho, toda uma multidão perdida?

Setembro é coisa de todo mundo. Eu, eu salvava,
Correndo de todo lado, todos com que eu topava.
Setembro! Acusem Brunswick²⁸ aí à nossa porta!
Ah! Setembro maldito! – Pois bem! Sim, o que me importa!
Eu olhei meu crime cara a cara e o cometi;
Pus fogo em nossos navios diante dos inimigos;
Condenei a França a vencer ou desaparecer,
A permanecer pública ou a deixar de ser.
- De agora em diante somos vencedores e livres, em suma;
Querem esquecer Setembro?

LOUVET

Não, de maneira alguma.

DANTON

Vocês recusam a mão que vim lhes estender?

BARBAROUX

O crime e a virtude não podem conviver.

DANTON

Que seja!

(ele se afasta, indo na direção da porta do fundo)

Vocês quiseram a guerra; - vocês a terão.

(sai)

SIEYÈS

(aos girondinos)

Jovens! Jovens! Vocês se arrependarão

(Fim do ato I)

28 **Brunswick:** O **Manifesto de Brunswick** foi uma proclamação emitida por Carlos Guilherme Fernando, Duque de Brunswick-Volfembutel, comandante do Exército Aliado (principalmente austríaco e prussiano), em 25 de julho de 1792 para a população de Paris, durante a Guerra da Primeira Coalizão. O Manifesto ameaçou que, se a família real francesa fosse prejudicada, os civis franceses seriam prejudicados. Foi uma medida destinada a intimidar Paris, mas ao invés disso ajudou a impulsionar a Revolução Francesa cada vez mais radical e finalmente levou à guerra entre a França revolucionária e as monarquias contrarrevolucionárias.

Ato II

Charlotte Corday, Barbaroux, Louvet, Pétion, Buzot, Madame de Bretteville (tia de Charlotte), uma Velha, um Velho *Gentilhomme*,²⁹ Velhas amigas e Velhos amigos de Madame de Bretteville, Marthe (criada de Madame de Bretteville), Foiceiros, Segadoras de feno.

Junho de 1793 – Pôr do sol. – Campinas de Caen. – À esquerda, distante, uma cortina de árvores que oculta a cidade. – No proscênio, a grande estrada bordada de prados que ocupa todo o palco, - À direita um tronco de árvore deitado no chão.

À esquerda, um montículo de feno perto de uma macieira.

Cena I

Charlotte Corday, segurando um livro de Rousseau;³⁰ - à direita, segadoras revirando o feno; - à esquerda, dois foiceiros cortando ervas; um terceiro sentado amolando sua foice; um quarto foiceiro, em pé e apoiado em sua foice, está na frente do palco.

CHARLOTTE CORDAY

(para o quarto foiceiro)

Sim, sim, Deus seja louvado! Vai ser boa a estação.

O feno está abundante, e quando chegar o outono, então,

29 *Gentilhomme* = *Gentleman*: A qualificação de cavalheiro, realizada na França até o final do século XVIII, era uma denominação reservada aos homens legitimamente nobres, isto é, nobres de extração, ao contrário dos enobrecidos por escritórios ou cartas patentes do rei, que é nobre sem ser cavalheiro, mas comunica a nobreza aos filhos, que se tornam cavalheiros. Eles, então, possuíam “gentileza”, isto é, a nobreza legal. Todo nobre nasceu cavalheiro. Essa qualidade foi perdida por derrogação, em vários casos. O ex-cavalheiro ou seus descendentes legítimos poderiam solicitar cartas de alívio da derrogação do rei para tornar novamente uma parte da nobreza, uma reintegração que não foi sistematicamente concedida. O cavalheiro residia em uma “casa de cavalheiros”. Todo cavalheiro nasceu escudeiro, mesmo que não fosse destinado à profissão de armas, de modo que os dois termos se tornaram mais ou menos sinônimos, embora um cavaleiro se chame de escudeiro sem ser cavalheiro.

30 Jean-Jacques **Rousseau** (1712-1778), importante filósofo, teórico político, escritor e compositor autodi-data genebrino. É considerado um dos principais filósofos do Iluminismo e precursor do Romantismo. Sua filosofia política influenciou o Iluminismo por toda a Europa, assim como também aspectos da Revolução francesa e o desenvolvimento moderno da economia, da política e do pensamento educacional. Para ele, as instituições educativas tradicionais corrompem o homem e tiram-lhe a liberdade. Para a criação de um novo homem e de uma nova sociedade, seria preciso educar a criança de acordo com a Natureza, desenvolvendo progressivamente seus sentidos e a razão com vistas à liberdade e à capacidade de julgar.

Se os brotos das macieiras escaparem aos ventos do norte,
A cidra vai escorrer muita de nossas prensas, pra nossa sorte.
Até amanhã.

(para os outros foiceiros)

Já ficou tarde. Chega por hoje dessa macega,

Foiceiros, não amolem mais essa foice cega.

Chega por hoje, meninas, recolham seus ancinhos

E amanhã, nos primeiros calores, façam de novo seu caminho.

(saem todos, após saudarem Charlotte)

Cena 2

(sozinha)

CHARLOTTE

O sol desaparece em seu leito abrasado;
O azul do céu se tingiu de um tom rosado;
Após os fogos do dia, que ao foiceiro causavam dor,
Aí vem o crepúsculo com suas ondas de frescor.
Ah como é bela a noite, e como a vida apetece!
O mato cortado exala um perfume que entontece;
Essas últimas luzes, que flutuam no poente,
Dão a essas campinas um aspecto mais comovente,
E meu espírito segue o dia que termina, risonho,
Para além do horizonte, nos países do meu sonho...
Oh! Quando vocês vão, enfim, chegar à realização,
Sonhos que me agitam, sonhos de dedicação!
Tenho que gastar em suspiros essa força de vida
Que com ações desejaria ver resolvida!
Não consigo concentrar num nobre proveito
Esses desejos estéreis que me enchem o peito!
(ela se recosta no monte de feno e olha para seu livro)
E você, o escritor que amo, meu companheiro querido,
Jean-Jacques! Muitas vezes deve você mesmo ter conhecido
Esse sentimento profundo, triste, delicioso e bonito
Que põe lágrimas nos olhos diante do infinito.
Só você, só você, meu mestre, soube compreender!
Apenas você glorificava dignamente o grande Ser.
É que você contemplava a obra do Criador
Com olhos de homem livre, adorando seu autor.
Aquele que não conseguiu odiar a servidão,
Esse não consegue te amar, ó solidão!

Cena 3³¹

(Charlotte, Barbaroux, Louvet, Pétion, Buzot; os quatro girondinos entram à direita pela grande estrada)

LOUVET

Já faz muito tempo, amigos, que estamos caminhando;
Ou nos enganamos, ou estamos nos aproximando.

BARBAROUX

Para aquela bela jovem podemos perguntar.
(para Charlotte)
É este o caminho que para Caen pode nos levar?

CHARLOTTE

(levantando-se)
É a estrada pública; mas mais depressa vai chegar
Cidadão, se pelo meio dos prados quiser passar.
No trilho que você pega ali, poucos passos adiante
Vai fazer um giro pra esquerda, e avante...

LOUVET

(aos girondinos)
Nossa guia é um encanto! – Pétion, eu aposto
Que Barbaroux vai querer mais uma resposta.

BARBAROUX

Senhora, perdoe novas demandas.
Somos estrangeiros nestas terras normandas,
Ficou tarde; por muito tempo caminhamos;
Mas nos disseram quando a estação deixamos
(Mas sempre se engana o viajante crédulo)
Que estaríamos em Caen antes do crepúsculo..

CHARLOTTE

(apontando a cortina de árvores)
Não desanimem, cidadãos. – Estão vendo aquela linha
De árvores ali adiante tão verdinha?

31 NFP – [No original], a palavra *sénat* ('senado') para designar a *Convention* ('Convenção'), bem como *députés* ('deputados') para designar os *représentants du peuple* ('representantes do povo'), eram frequentemente empregadas para os oradores e os jornalistas de 1793, notadamente por Danton, Robespierre e Marat.

Depois de passarem por ela, vão ver a fumacinha
Dos telhados da cidade Caen vizinha.

BARBAROUX

Obrigado, senhora. – Amigos, o destino menos rigoroso
Marca nossos primeiros passos com um presságio ditoso.
Este raro favor de ouvir uma voz pura
É doce para proscritos perseguidos pela injúria.
Rendamos graças aos deuses e caminhemos!

CHARLOTTE

Senhor,
Se me é permitido lhe interrogar, por favor,
O senhor disse “proscrito”; por acaso está emigrando?
A gente vê tanto emigrado por aqui caminhando! -
A gente aqui não denuncia exilado, nem nunca quis;
Então fale francamente: - está vindo de Paris?

BARBAROUX

Vimos de lá, senhora.

CHARLOTTE

Ah! por favor, me diga depressa!
No que devemos acreditar...seja lá o que aconteça!
Falam de uma insurreição?

BARBAROUX

Já terminou.

CHARLOTTE

Já terminada?
O quê? O que aconteceu? A gente aqui não soube de nada.

BARBAROUX

Marat está vencendo.

CHARLOTTE

Ô céus!

BARBAROUX

A Gironda está destruída.

CHARLOTTE

Deus poderoso!

BARBAROUX

Quem ainda vive está quase perdendo a vida.

CHARLOTTE

O que está me dizendo! – Ah! que infinita tristeza!

BARBAROUX

Eu digo o que vi.

CHARLOTTE

Disso o senhor tem certeza.

BARBAROUX

Amanhã você vai aprender, assim como todo o mundo,
Que três dias de tempestade esmagaram a Gironda.
- Mas não temos tempo para longas conversas agora;
A noite nos surpreenderia nesses vales a fora.

CHARLOTTE

A cidade está perto, lhe digo, não tenha medo;
Vou lhes indicar alguém que os leve em segredo.
Não; eu mesma os conduzo e ouço ao longo da via,
Essa história me interessa demais pra deixar para outro dia.
Fale, eu lhe peço...

BARBAROUX

Vou lhe contar tudo, madame.

(Louvet vai se sentar no tronco de árvore deitado. – Pétion e Buzot permanecem perto dele)

- Quanto aos eventos que antecedem esse drama...

CHARLOTTE

Eu sei tudo.

BARBAROUX

Você sabe como os Girondinos
Levantaram contra si tantos inimigos repentinos?

CHARLOTTE

É que eles queriam vingar os mortos de setembro,
E purgar o senado de que Marat é um membro.

BARBAROUX

Desde então a Comuna, unida à Montanha, aos canalhas,
Contra vinte e dois Girondinos apelou para as navalhas.

CHARLOTTE

Mas a Convenção apoiava a Gironda?

BARBAROUX

Bah! Que apoio, diante de uma multidão que estronda,
O que podem as vozes flutuantes daqueles homens sem deslize
Que votam livremente, desde que nada os atemorize!
Em vão foram tomadas aparentes medidas;
Onde não há coração as armas são coisas perdidas,
E o aparato guerreiro que cobre os soldados
Não dá coração a quem faltam calados.
- Apenas tendo amigos cujo semblante fazia conhecer
Pessoas já vencidas pelo temor de perder,
Elas mesmas tendo feito tudo o que se pode tentar
Quando é só consigo mesmo que se pode contar,
Pelo prefeito traído, traído pelo ministro,
Os proscritos aguardavam o evento sinistro.
O que mais dizer! – Finalmente esse dia chegou.
Ao comando de Marat o povo se levantou;
Paris, assustada com o canhão dos alarmas,
Se encheu dia e noite de cidadãos em armas;
Dado o alerta geral, começou o toque dos sinos;
Morte aos vinte e dois – era o grito da ordem assassina.
Os bairros, entretanto, conduzidos pela Comuna,
Vomitam sua turba diante da tribuna.
Foi então que se viu, das leis no templo,
O povo e o orador que falavam juntos ao mesmo tempo!
Já vimos canhão para esta região apontar
Cujo respeito o legislador deve ignorar,
E, do sangue de setembro ainda gotejante,
Punhais ameaçarem vinte e dois representantes!
- Esses são os argumentos daqueles bons patriotas!
É assim que se entende a liberdade dos votos!
É esse resultado que se espera ter obtido,
Que nós, vencedores de reis, após ter conhecido
Revoluções grandes, sublimes, mesmo com defeitos,
Por nossa independência e nossos legítimos direitos,
Teremos de ora em diante, a par do assassinato
Também revoluções em honra de Marat, o rato!

CHARLOTTE

E o povo, conduzido para dentro do santuário do dever,
Não tem medo do que ousaria fazer...

BARBAROUX

O povo exigiu sem demora que fossem libertados
Os vinte e dois Girondinos por Marat condenados.

CHARLOTTE

Foram libertados?

BARBAROUX

Nós os deixamos prender.

CHARLOTTE

Quê! A Convenção não os soube defender!
Mas nossos representantes são então incompetentes?

BARBAROUX

Não.

Eles teriam resistido, não fosse aquele canhão.
E com certeza deve-se fazer justiça para com sua conduta,
Eles determinadamente tentaram uma fuga.
Duas vezes abriram para si um caminho duvidoso;
Duas vezes um muro de ferro se ergueu à sua frente, poderoso.
Cento e sessenta canhões, apontados, mecha acendida,
Fechavam o senado em sua linha inflamada.
Formavam suas triplas colunas cem mil homens armados,
Para cortar toda e qualquer saída dos deputados,
E, rejeitando em toda parte sua oração importuna,
Gritavam: Viva Marat! e Viva a Comuna!
De sua desonra, finalmente, por duas vezes convencidos,
Eles retornaram mudos, consternados e vencidos.

CHARLOTTE

Ainda bem que libertaram os 22!

BARBAROUX

Sim, madame.

CHARLOTTE

Traição! Traição! Oh! Complacência infame!
Criminosos revoltados! Fracos legisladores!

Senado mais criminoso que os conspiradores!
Ele que, representando a vontade pública,
Nosso único poder, nossa barreira única,
Ele que, apenas por sua majestade guardado,
E que perde todo prestígio, uma vez insultado,
É ele que, proclamando seu próprio desfavor,
Nas mãos da multidão abdica de seu vigor,
E trai um voto de confiança que nele foi depositado
Que se obrigava a restituir intacto assim que o tivesse tomado.
(os Girondinos se entreolham com espanto. Louvet se levanta e se aproxima de Charlotte, bem como Pétion e Buzot. Charlotte, continua e dá um passo na direção de Barbaroux)
Mas quando essa infâmia estava para ser resolvida,
Ninguém fez ouvir sua voz decidida?
Ninguém se levantou? Ninguém disse: “Cidadãos,
Para os que querem ser livres, seus meios:
“Roma também pelos bárbaros foi ocupada,
E pelos pés dos gauleses foram seus deuses profanados.
Sabem o que então fizeram os senadores?
Ofertaram seu sangue aos deuses Libertadores;
E, nos muros sagrados quando os gauleses entraram,
Seus olhares, que procuravam o butim, encontraram
Aqueles augustos velhinhos, a deuses parecidos,
Todos imóveis, graves, emudecidos,
Sentados no Fórum no marfim de seus assentos,
Em hábitos triunfais, como nos grandes eventos,
Que todos, tendo jurado morrer com nobreza,
Esperaram a morte e honraram sua promessa.
Vocês, se outros gauleses invadirem seu templo,
Ó senadores franceses, dariam o mesmo exemplo!
E, já que vocês, senhores de sua sorte,
(Louvet à esquerda, Charlotte no meio da cena, Pétion atrás de Charlotte, Barbaroux e Buzot à direita)
Escolheram entre a escravidão ou uma nobre morte,
Impassíveis diante dos sacrílegos canhões agourentos,
Esperem a metralha e morram em seus assentos!”

LOUVET

(para Charlotte)

Bom, senhora! – Alguém já teve esse discurso apreciado.

CHARLOTTE

Quem foi?

LOUVET

Foi Barbaroux.

CHARLOTTE

Pois esse Barbaroux seja louvado.

BARBAROUX

Mas quem é você, jovem republicana,
Cuja voz doce fala uma língua romana?³²
Suas palavras, seu ar, esta cena em campo rente
Em terras desconhecidas, sob esse sol poente,
Parecem nos transportar para poéticos abrigos
Onde deuses se mostravam aos viajantes antigos.
Eu lhe pergunto, como eles, se não seria a senhora
Alguma divindade aqui descida nesta hora,
E se a Liberdade, a nova deusa imortal,
Não teria assumido os traços de uma virgem mortal,
A fim de encorajar aqueles que com tanto atino
Queimaram o puro incenso em seu altar divino?

CHARLOTTE

Meu Deus, não. Sou apenas uma humilde camponesa;
O hábito dos deuses assenta mal em minha figura burguesa.
Desçamos do Olimpo, por favor, cavalheiro.
- Bem mereci seu cumprimento zombeteiro.
Uma filha dos campos, numa tribuna rústica,
Ditando aos deputados seu dever político,
É um joguinho pueril, de sua indiferença digno.
Mas eu odeio os tiranos; amo os Girondinos;
Contei com eles para minha pátria salvar
Desses excessos sangrentos que sua glória vão apagar.
Sim, só confiei em vocês, nestes dias tenebrosos

32 Povoada inicialmente por tribos **celtas** (armorianos a oeste, belgas a leste), a Normandia foi conquistada pelas **legiões romanas** em 56 a.C., sendo incorporada à Gália lionesa por Caius Octavius, chamado Augus-tus. No século IV, foi dividida em *civitates*, que formaram as bases de suas fronteiras históricas. Com a queda de Roma, no século V, os **francos** (um povo germânico) ali se instalaram e incentivaram o monaquismo cristão antes de se integrarem ao império carolíngio. A partir do final do século VIII, saqueadores **vikings** devastaram a região, depois ali se implantaram, fundando um principado em 911. Os **ingleses** conquistam a área em 1066 e ela é integrada ao domínio real **francês** em 1204, sendo profundamente marcada posteriormente pela Guerra dos Cem Anos e pelas guerras religiosas, tendo sido um dos principais assentos protestantes. Nessa história conturbada deve residir o estranhamento da personagem ao ouvir a moça falar francês.

O grande Vergniaud, o corajoso Louvet, o Barbaroux generoso!
Em vocês todos, Girondinos, jovem e brilhante armada,
Onde a virtude encontrava sua guarda entusiasmada!
- Desespere-se, virtude! Cubra-se de um longo luto de dores,
Viúva de teu orgulho, tribuna de oradores!
Por longo tempo, deles a voz clamando eloquente,
Vamos voltar nossos olhos para seu lugar que ocupava,
Mas quem se veria alto o suficiente
Para ocupar o banco onde Vergniaud se sentava!
- Ah! perda irreparável! – Ah! quem acreditaria
Que a Convenção³³ sua glória devastaria!
Aqueles proscritos ilustres, em que se tornaram?

BARBAROUX

Uns, como Vergniaud, em Paris continuaram;
Quiseram provar que a gente da Gironda
Não tem medo de um processo na cara do mundo,
E, sem fugir dos juízes nem dos carrascos, vão saber
Falar como acusados e como heróis morrer.
Outros se foram ver se a França está a acumular
Algum orgulho cuja faísca se possa estimular,
Se os departamentos se sentirão insultados
Pela afronta que Paris faz a seus deputados,
E se revoltarão contra uma capital
Que confisca seus direitos com uma mão brutal;
Ou se se entende que a Comuna de Paris daqui para a frente
Sozinha todos os franceses represente,
E se de novo esses novos déspotas se vai observar
Eliminando a província e seus votos rasgar.
Enquanto esperam para ver o que vão ver, senhora,

33 **Convenção:** Instituída pela Assembleia Legislativa em 10.8.1792 após a suspensão de Louis XVI, eleita em 2.9 por sufrágio universal por uma minoria de franceses, a Convenção se tornou o centro único de impulsão do governo revolucionário. Compõe-se de 749 deputados, entre os quais domina a burguesia dos profissionais liberais e dos negócios. À direita sentam-se os *girondinos* (cerca de 160 deputados), burgueses liberais, com poderosos laços provinciais, federalistas hostis à ditadura *jacobina* centralizadora, desejosos de interromper a Revolução em seu estado burguês e conduzidos por **Brissot, Vergniaud, Guadet, Pétion e Roland**. À esquerda, o grupo dos *montagnards* (cerca de 140), mistura idealistas puros e aventureiros, patriotas desinteressados e aproveitadores cínicos, deístas e descristianizadores, abertos às reivindicações populares, próximos dos *sans-culottes*, aceitam com audácia todas as consequências da Revolução; ao lado de seus chefes, os triúmviros (Robespierre, Danton e Marat), têm assento Desmoulins, Saint-Just, Fouché, Couthon, Collot d'Herbois, o duque d'Orleans, etc. Ao centro, a Plaine "planície" (ou o Marais "pântano"), agrupado em torno de **Sieyès**, Cambacères, Boissy d'Anglas, é formada por cerca de 400 oportunistas.

Fugitivos pelos países do ocidente a fora,
Alarmados com os perigos que encontram em suas missões,
Como malfeitores que temem as perseguições,
Perdidos, à noite, em novos horizontes mesquinhos
Eles, assim como nós fazemos, refazem seus caminhos;
Felizes se alguma vez uma voz generosa
Vem encantar sua caminhada aventurosa!

CHARLOTTE

Felizes os que, encontrando esses nobres peregrinos,
Possam adoçar o fel de seus destinos!
Diga a verdade: seus amigos, e o senhor também,
Vocês são, cidadãos, esses Girondinos que quero bem?

BARBAROUX

Você adiantou a confissão que lhe devia aqui.
Esse é Buzot, Pétion e Louvet ali;
Eu, eu sou Barbaroux.

CHARLOTTE

Nomes famosos, todos os quatro!
Pétion, que foi rei de Paris idólatra!
Buzot, de madame Roland o digno amigo!
Louvet, que denunciou Robespierre o inimigo!
E você, Barbaroux, o herói de Marselha destemido!
- Ah! seus nomes muitas vezes me chegaram aos ouvidos,
E meu mais ardente sonho que ao céu havia pedido,
O de os conhecer, nesta tarde me foi concedido.
(avançando na direção dos Girondinos)
Salve, valentes soldados de uma justa querela!
Filhos da liberdade, vocês que sofrem por ela!
Eu lhes prometi um guia: disso me encargo;
Não pretendo ceder a ninguém este cargo.
Ah! que nem tenho uma cabana! Ela os hospedaria;
Mas o lugar que habito é a casa de uma tia
Solitária e pobre que me recebe com afeto.
Mas vou procurar e lhes encontrar um teto.

BARBAROUX

Ao conselho da cidade vamos pedi-lo,
Senhora; queremos apenas pouco mais que um asilo
Se a cidade de Caen não tiver se corrompido,

Faremos ali um novo Mont-Sacr ³⁴ decidido
De onde a França cobre de Paris, em desagravo,
Um senado livre contra um senado escravo.

CHARLOTTE

Vamos, então, cidadãos! Há muito se faz esperar
Esse belo dia que temos esperança de chegar;
Também espero, porque há muito tarda,
A devida honra para Caen, de quem sou filha bastarda.
- Que glória para Caen! Paris, de vocês deserdada,
Vai enriquecer com seus nomes minha cidade,
A ponto de dizer, com a razão de um arcano,
Aquilo que, segundo o velho Corneille,³⁵ diz um romano:
“Sim, porque ao meu redor, tenho todo seu apoio vero,
Roma não está mais em Roma, ela está onde eu quero.”
Venham!

BARBAROUX

Nós a seguimos, senhora. Nós compreendemos, convenha,
Que do sangue de Corneille uma grande alma provenha,
(*saem pela esquerda*)

34 **Mont-Sacr :** Em latim *Mons Sacer*, era uma colina nos arredores de Roma situada entre a margem direita do Aniene e a Via Nomentana. Seu nome provinha do fato de que era em seus altos que os  gures iam observar o voo dos pássaros. Foi para ali que se retirou a plebe revoltosa quando da primeira secessão da plebe em 494 a.C.

35 Pierre **Corneille** (1606-1684), dramaturgo escritor de famosas tragédias nascido em Rouen, na Norman-dia. Bisav  de Charlotte Corday.

Cena 4

9 horas da noite. – Um salão na casa de madame de Bretteville em Caen. – Salão vasto, sombrio e dilapidado. Na parede uma tapeçaria velha representando figuras. Móveis do tempo de Louis XIII. Janelas com braçadeiras, vitrões octogonais. À esquerda, a senhora de Bretteville, uma velha senhora e um gentilhomme velho sentados ao redor de uma mesinha. Madame de Bretteville e a velhinha trabalham com uma agulha. Marthe, criada de Madame de Bretteville, sentada atrás delas, e trabalhando também. À direita, no outro canto da sala, três velhas amigas e um velho amigo de Madame jogam cartas. – Uma lâmpada de abajur verde sobre a mesa de Madame. Uma única vela sobre a mesa de jogo.

MADAME DE BRETTEVILLE

(para Marthe, que se levanta e se aproxima)

Marthe, onde está a Charlotte?

MARTHE

Foi lá pra baixada rasa.

MADAME DE BRETTEVILLE

Mas já é noite! Os foiceiros já estão em casa.

(para a velhinha que está perto dela)

Ah! esses tempos, minha pobre velhinha!

Fico fácil assustada, quando lembro que ela está sozinha.

(Marthe vai se sentar)

A VELHINHA

Ah! sim, as coisas que dizem, querida, são de fazer tremer.

Vão vir, entrar pra roubar e nos comer...

Vão levar tudo embora; esses mendigos vão se fartar;

Os nobres e os padres vão exterminar.

MADAME DE BRETTEVILLE

(juntando as mãos)

Virgem Santa!

VELHINHA

E aquele Marat ainda jurou que logo logo ia cortar

A cabeça de quem dizia em Deus acreditar.

TODOS

Oh!

UMA DAS MULHERES QUE JOGAM

Oh que arrepio que dá quando se fala nesse homem.

MADAME DE BRETTEVILLE

(para o gentleman velho sentado perto dela)

É ele então que faz esse estrago quando se fala esse nome?

O GENTILHOMME VELHINHO

Ele é mesmo o mais feroz, um verdadeiro chupa-sangue.

A VELHINHA

É verdade que se banha em tinas cheias de sangue?

Ele tem, como dizem, olhos de um vermelho rubro puro

Que, como olhos de lobo, reluzem no escuro?

O GENTILHOMME VELHINHO

Eu jamais vi esse bicho; todo mundo dele tem medo,

Em tudo que faz se reconhece seu dedo.

MADAME DE BRETTEVILLE

Que homem! Que época a nossa! – Ah! é isso a História!

Quando penso nisso, quanta vanglória.

Como tudo mudou! Como tudo tem perecido!

Eu vi – era o tempo de meu defunto marido –

Eu vi a corte, eu vi a nobreza francesa e os reis

O casal Maria Antonieta e Luís Dezesesseis;

Me lembro ainda dos dois e suas fantasias

E como saudavam os aristôs naqueles dias.

Ó pompas de Versalhes, ó lúgubres memórias

Que os senhores deviam tornar em meras histórias!

(momento de silêncio. – para o gentleman velho)

- O senhor estava em Paris naqueles tempos incríveis?

Pois hoje em dia seria uma estada das mais terríveis!

(os jogadores param de jogar um momento para escutar)

O GENTILHOMME VELHO

Ah! não é mais Paris, a capital de uma beleza sem peia,

Deslumbrando os olhos com o luxo que ela pavoneia

Com as artes oferecendo suas obras de esplendor diverso

Recolhidas de todos os confins do universo.

- As lojas estão fechadas; menos arte; mais negociação;

É um acontecimento a passagem de um carroção;

Todos temem seu vizinho e se fecham em sua habitação,

Ao adormecer todos sonham que estão numa prisão.
Todos se calam; deslizam como sombras os passantes no vazio;
Algumas vezes se ouvem apenas ruídos sombrios;
Vê-se surgirem então homens desconhecidos,
Saídos de algum nada, selvagem, mal vestidos,
É o motim que vai passando, e sua chusma sem comporta
Que desfila pelas ruas que fecham suas portas.

MADAME DE BRETTEVILLE

Ai de nós! Quando veremos o fim desses terrores!

O GENTILHOMME VELHO

E o futuro só promete piores furores.
Um Setembro novo pesa em nossa atmosfera;
Um rumor surdo já anuncia essa espera.
Todos os suspeitos, dizem, vão ser encarcerados;
Os ricos são suspeitos; suspeitos os moderados;
Contra eles um tribunal bárbaro foi criado;
Será morto todo aquele que for condenado.
Enfim, a areia ardente do deserto africano
É mais habitável perto desse solo republicano.
Fujam destas plagas; fujam da crueldade desta terra;
E façam como eu: passem para a Inglaterra.

MADAME DE BRETTEVILLE

Ah! Somos lentos na minha idade, e a gente está onde se permanece.
A velhice nos gruda no lugar que a gente conhece
Os hábitos de sempre e as muitas lembranças,
Como caros amigos, encantam minha solidão,
E não tenho mais vigor em minhas andanças
Para desenraizar as fibras de meu coração.
Não, meu amigo; eu espero aqui a noite que tomba.
Não se aprende mais a exilar quando se aproxima a tumba.
Fugirei do cadafalso para morrer na estrada chã;
Depois, que importam meus dias que vão terminar amanhã?
Mas temo por Charlotte, e quero ver se ainda consigo,
Afastá-la para o mais longe do perigo.

O GENTILHOMME VELHO

Pois bem, diga uma palavra e daqui a levarei.

MADAME DE BRETTEVILLE

Assim que ela voltar eu a prepararei.

- Ah! Uma perda cruel vou ter de suportar!
Tenho que amá-la muito para dela me separar.

O GENTILHOMME VELHO

Tenho pressa de vê-la. Quando era criança
Sua beleza prometia um brilho triunfante.

MADAME DE BRETTEVILLE

Ela manteve sua promessa, e a infância mimosa
Produziu uma jovem bela e garbosa.

A VELHINHA

Tão lindinha, que todo mundo, quando a vê passar,
Velho ou jovem, estuga o passo e a segue com o olhar.
Quando ela entra na igreja, em leves roupas domingueiras,
Mais de um para de orar e perde as boas maneiras.
Tudo lhe cai bem no corpo, e ela também é uma graça
Usando chapéu normando a passear pela praça.
(Marthe se aproxima para ouvir)

MADAME DE BRETTEVILLE

Você vai ver. É mesmo uma beleza suave:
Alguma coisa de doce, de celeste e de grave.
Eu a tomei orfãzinha e a trouxe para aqui.
Tudo prospera em minha casa. – É Ruth na casa de Noemi.³⁶
Ela ajuda Marthe, e, apesar de sua pouca idade,
Soube colocar ordem em minha pobre propriedade.
Ela cuida de meus prados; trata com meus granjeiros;
Colhe e prensa os frutos de minhas macieiras;
E depois, quando chega a noite, jovem entre velhas,
Ela anima nosso grupo e alegra nossas vigílias.

O GENTILHOMME VELHO

Feliz criança para quem os males são estranhos
E cujos ruídos não chegam aos seus rebanhos!

MADAME DE BRETTEVILLE

Não sei muita coisa; mas um sinal estranho pude notar.
Observo nela uma mistura singular.
- Ainda está em seus traços a graça de sua infância,

36 Ver a Bíblia, Livro de Ruth 1:1-22.

E sua pele ainda guarda uma singela refrescância;
Mas a serenidade de seu olhar límpido
Se ilumina às vezes de um fogo vívido;
Seu ar se torna severo, e, em todo seu aspecto,
Alguma dignidade inspira respeito.
Com essas reflexões um entusiasmo me toma;
Tenho medo de ali adivinhar uma alma sem doma.
Ela gosta, depois de os frutos guardar para mim,
De ler nos degraus do poço ali no jardim,
São livros eruditos que poucas pessoas compreendem;
Nos quais descobre palavras que me surpreendem,
E que parecem falar de princípios destes dias
Que lhe meteram no cérebro essas filosofias.
É ela que chega.

Cena 6³⁷

(Os mesmos e Charlotte, que entra à direita)

MADAME DE BRETTEVILLE

Entrando mais tarde hoje, meu bem.
Aconteceu alguma coisa?

CHARLOTTE

Não, mãe, tudo bem.

MADAME DE BRETTEVILLE

A noite parece tão longa se você fica demorando.
(mostra-lhe a mesa de jogo)
Veja: tem jogadores ali te esperando.

CHARLOTTE

Sim, já vou; mas antes de em seus amigos pensar,
Permita-me com a senhora me desculpar.
(ela vai procurar uma manta com a qual cobre os ombros de sua tia. Ajoelha-se diante dela e desliza uma almofada sob os pés da tia)
Cruza essa manta no peito. – Pise nessa almofadinha.
- Após uma tarde de verão, a brisa da noite é geladinha.
- Como foi que passou o dia?

MADAME DE BRETTEVILLE

Bem, minha filha.
Mas olhe para mim! Por Deus, como seu olho brilha!
(segura as mãos da moça)
- Tuas mãos estão quentes!

CHARLOTTE

Não...

MADAME DE BRETTEVILLE

Sua face está tão corada!
O que você tem?

CHARLOTTE

(erguendo-se e se afastando um pouco)
Não é nada. –... ||A caminhada...

37 **NFP** – Esta cena não foi representada.

MADAME DE BRETTEVILLE

Você se fatiga tanto ao sol, minha criança, trabalhando;
Assim suas maçãs vai acabar queimando,
E vai ser uma pena tão grande! - Têm ceifado?

CHARLOTTE

Sim, minha tia, logo iremos entregar no mercado.
Está quase tudo vendido.

MADAME DE BRETTEVILLE

Devemos ter um bom ganho.
Temos necessidade de aumentar nosso benganho.
Onde você vai?

CHARLOTTE

Preparar seu chazinho.
(sai à esquerda)

MADAME DE BRETTEVILLE

(ao gentleman velho)
O que acha dela?

O GENTILHOMME VELHO

Ela é um anjo!

MADAME DE BRETTEVILLE

É um vinho!
Meu capataz e minha enfermeira;
Me serve de apoio quando saímos a passeio;
Ela regula se passo com o meu passo,
E só gosto de sair lhe dando meu braço.
(Charlotte volta, trazendo uma xícara, que coloca perto da tia)

MADAME DE BRETTEVILLE

(para Charlotte, mostrando-lhe o gentleman velhinho)
Vem, vou lhe apresentar um meu compatriota;
Um companheiro de infância, - um velho amigo, Charlotte.
(o gentleman velhinho saúda Charlotte, que lhe faz uma reverência graciosa)

CHARLOTTE

Seja bem vindo, monsieur, e confia
Que é amigo meu um amigo de minha tia.

O GENTILHOMME VELHO

(Para Madame de Bretteville)

Encantadora!

CHARLOTTE

(aproximando-se da velhinha, e tocando seu trabalho)

Para quem esse trabalho com agulha e linha?

A VELHINHA

Isto? É um tricô para minha netinha.

CHARLOTTE

E seus olhos?

A VELHINHA

Oh! Eu consigo trabalhar sem ver o que invento.

Mas não consigo mais ler, esse é meu desalento.

CHARLOTTE

Amanhã leio para você um romance agradável.

(caminha para a mesa de jogo)

A VELHINHA

(para Madame de Bretteville)

Ela é mesmo adorável!

UMA MULHER

(que jogava, cedendo seu lugar para Charlotte)

Sente-se, e jogue.

(Charlotte se senta e pega cartas na mão)

MADAME DE BRETTEVILLE

(para o gentilhombre velhinho, que se levantou e olha para o vaso de flores artificiais que está sobre a lareira)

Está vendo essas flores?

O GENTILHOMME VELHINHO

Parecem flores do campo, com todas essas cores!

MADAME DE BRETTEVILLE

(apontando Charlotte)

Foi ela que fez.

UMA MULHER

(que joga, para Charlotte)

Olha aí, Charlotte, fique mais atenta!

Tá fora do seu jogo! – O que é que está vendo?

UM JOGADOR

(jogando uma carta)

Sete de ouros!

(ouve-se um barulho na rua)

CHARLOTTE

(estremecendo)

Escute!

A MULHER

Que barulho foi esse?

O JOGADOR

Joga logo!

Algum bêbado na rua.

A MULHER

Continuemos o jogo.

CHARLOTTE

(levantando-se; com entusiasmo)

Ah! não é mais tempo de jogar, nesta hora

Em que o crime triunfa e a liberdade chora!

É bem um outro jogo que se joga na cidade,

Quando vemos escapar uma boa oportunidade!

MADAME DE BRETTEVILLE

Do que ela está falando?

CHARLOTTE

(indo na direção da janela)

Ouvem o barulho na rua? Esses hinos?

É a cidade toda saudando os Girondinos.

(todos se levantam)

UMA DAS PERSONAGENS

Mas como!

UMA OUTRA

Mas o que foi?

MADAME DE BRETTEVILLE

Qual o significado?

CHARLOTTE

Que neste momento Catilina³⁸ expulsa Cícero do Senado;
Que fomos traídos; que a Gironda está morta;
Que Marat e sua manada arrombaram a porta!
Que não existe mais abrigo, nem freio, nem lei!
Agora tudo se pode ousar! – Marat é rei.

MADAME DE BRETTEVILLE

Ah meu Deus!

CHARLOTTE

Ninguém tem certeza de mais uma hora viver.
Todo mundo treme e morre enquanto Marat viver!

MADAME DE BRETTEVILLE

Você precisa bem depressa dessa cidade se afastar!
Este nosso velho amigo pode te acompanhar;
Tenho parentes em Londres, que podem lhe dar asilo;
Vai – faz isso por mim, que morrerei tranquila.;

CHARLOTTE

Mas e você, minha tia?

MADAME DE BRETTEVILLE

Eu, eu vou ficar.

CHARLOTTE

Eu fico, então

MADAME DE BRETTEVILLE

Eu te compreendo, mas não vou concordar.
Não vou aceitar essa funesta resolução.

CHARLOTTE

Pois bem! É por prazer, minha tia, esta solução.

38 Ver nota 8.

MADAME DE BRETTEVILLE

Por prazer!

CHARLOTTE

Vai começar, nunca se viu isso antes.
Me agrada assistir ao choque dos combatentes.

MADAME DE BRETTEVILLE

Só você, minha filha, para se alegrar com esses espantos!

O GENTILHOMME VELHO

Para olhos femininos compreendo pouco esses encantos,
A guerra de partidos não é um torneio
Onde as mulheres dão seus passeios.

CHARLOTTE

Não! Não se trata de uma justa leviana,
Pela cor de uma bandeirola, um laço ou uma bandana.
Trata-se de outros combates e de outras paixões!
Tem a ver hoje com a sorte de nações.
Avante! – Meu coração bate de amor e de esperança.
-Viva a liberdade! – Deus livre nossa França!
Quero acabar com os tiranos; eu desejo, uma manhã gloriosa,
Ver a bandeira girondina flutuar vitoriosa!

MADAME DE BRETTEVILLE

(para o gentleman velho)

O que foi que lhe disse?

O GENTILHOMME VELHO

Deixa estar, senhorita, ouça meu apelo,
Abandone os Girondinos, indignos desse zelo.
Que interesse tem para nós esse triste debate?
Pela malta levados, a malta os abate.
Ensinar profundo para esses modernos sistemas,
Todos esses revoltados se degolam a si mesmos!
Mas já que as lutas lhe parecem familiares,
Venha, você vai encontrar leais parlamentares,
Que sempre viram a bandeira branca³⁹ flutuar,

39 A partir da adesão dos Bourbons ao trono da França, passou-se usar uma bandeira branca, o símbolo da pureza e da autoridade real. A marinha mercante foi atribuída “a antiga bandeira da nação da França”, a cruz branca em um campo azul. Na tomada da Bastilha em 1789, a milícia

No caminho da honra, da pátria no altar.

CHARLOTTE

Cavalheiros leais contra a França armados!

O GENTILHOMME VELHO

Não; contra os tiranos dos franceses sufocados.

CHARLOTTE

Que vão entregar a França para esses que a estão invadindo!

O GENTILHOMME VELHO

Que vão libertá-la desses que a estão extinguindo.

CHARLOTTE

Que então eles sejam punidos, mas por nossas mãos!
Que eles sejam punidos, entre nós, por cidadãos;
E que se inclua nas nossas guerras particulares
O estrangeiro que vem só para roubar nossas cidades!

O GENTILHOMME VELHO

Estamos invadidos por um lodo nojento.
A liberdade – eis o inimigo do país neste momento.

CHARLOTTE

A liberdade!

O GENTILHOMME VELHO

Veja em que situação estamos!

parisiense usava laços azuis e vermelhos em seus chapéus. A cor branca possuía muito destaque em bandeiras francesas e é descrita como a “cor francesa ancestral” por Lafayette. O branco foi adicionado às cores revolucionárias dos laços da milícia para nacionalizar o projeto, criando assim o cocar tricolor. Apesar de Lafayette identificar a faixa branca com a nação, outros a identificaram com a monarquia. Lafayette negou que a bandeira contivesse qualquer referência ao libré vermelho-e-branco do Duque de Orléans. Apesar disso, orleanistas adotaram a bandeira tricolor como a sua própria. As cores da bandeira francesa podem também representar os três principais estados do Antigo Regime (o clero: branco, a nobreza: vermelho e a burguesia: azul). O laço tricolor de Lafayette foi adotado em julho de 1789, um momento de unidade nacional que logo desapareceu. Monarquistas começaram a usar laços brancos e bandeiras brancas, enquanto os jacobinos, e mais tarde os socialistas, bandeiras vermelhas. A bandeira tricolor, que combina o branco monarquista com o vermelho republicano, passou a ser vista como um símbolo de moderação e de um nacionalismo que transcende o partidarismo. As três cores são ocasionalmente tomadas para representar os três elementos do lema revolucionário: *liberté* (liberdade: azul), *égalité* (igualdade: branco), *fraternité* (fraternidade: vermelho).

CHARLOTTE

Ah! Não a culpe pelo furor dos humanos!

O GENTILHOMME VELHO

Que propósito monstruoso ela cometeu!

CHARLOTTE

Que culto não teve sua São Bartolomeu!⁴⁰

O GENTILHOMME VELHO

Ah! você está falando sobre assassinos frívolos!

CHARLOTTE

Eu os odeio mais do que você odeia meus ídolos!

MADAME DE BRETTEVILLE

Teus propósitos nunca estiveram tão vivos, jamais;
Charlotte, teu espírito precisa um pouco de repouso.
Já ficou bastante tarde. A noite teve longa duração.
Hoje prolongamos demais esta sessão.

(ela se levanta; todos se levantam com ela e saem pela direita, após tê-la saudado; depois, beijando Charlotte na testa)

Boa noite, minha filha. – A noite possa lhe aconselhar.
Falaremos sobre Londres quando você despertar.

(ela sai pela esquerda, apoiada em Marthe e conduzida por Charlotte)

40 **Noite de São Bartolomeu: O massacre da noite de São Bartolomeu** foi um episódio da repressão ao protestantismo, engendrado pelos reis franceses, que eram católicos. Os assassinatos aconteceram em 23 e 24 de agosto de 1572, em Paris, no dia de São Bartolomeu. Estima-se que entre 5.000 e 30.000 pessoas tenham sido mortas.

Cena 6

Charlotte, sozinha.

CHARLOTTE

(voltando para o palco)

Finalmente, estou sozinha! Já estava demorando
Para cair em mim mesma e me reconhecer;
E eu não podia mais diante deles esconder
O choque tumultuoso de emoções que me ia dominando.
- Explodam agora, explodam à vontade,
Cóleras e dores cujo peso enorme me invade.
Está tudo perdido; a própria honra em perigo;
O dia dá razão a todos os nossos inimigos.
Ó Deus! Marat vencedor! A Gironda destruída;
A república, objeto de horror e de risada!
Celerado! Celerado!- que celerado maldito!
Que vai nos livrar, Deus meu, desse bandido?
Quem? – sempre essa ideia, esse mesmo pensamento!
Essa tentação que é quase um tormento,
Desde que, vindo a mim do céu, do inferno ou da razão,
Ela brotou em mim, esta noite, como um clarão!
Ah! minha cabeça ardendo.- Vou, se possível for,
Recolher em meu quarto meu espírito e essa dor.
Após um dia perturbado, que eu consiga, num momentinho,
Reencontrar minha calma sozinha no meu quartinho.
(ela sai e sobe para seu quarto)

Cena 7⁴¹

O quarto de dormir de Charlotte – um leito, uma pequena biblioteca, um retrato de Pierre Corneille – Sobre a mesa alguns livros e uma lamparina que ela acaba de acender – Começa a amanhecer.

CHARLOTTE

(acotovelada sobre a mesa)

A estrela do pastor, que ainda se pode distinguir,

Empalidece no oriente que começa a se colorir;

Às longas horas da noite sucede um novo dia,

E a mesma ideia meu pensamento assedia.

(ela lê a Bíblia aberta sobre a mesa)

“Senhor, há de ser um momento glorioso de teu nome:

que ele pereça pela mão de uma mulher.”⁴²

Está escrito na Bíblia; sim, a Bíblia decide

Que é, em certos casos, permitido ser homicida.

O que para outro era crime, para Judith foi virtude.⁴³

- Fantasma de Judith, me explique essa licitude...

Por que me mostra, numa mão, a sua espada?

Por que segura, na outra, uma cabeça cortada?

Se você é uma filha da noite, um sonho que se esvai,

Volta de novo para o nada como a sombra que se vai;

Mas se foi Deus que lhe disse para me mostrar minha direção,

Empreste-me sua coragem e dissipe minha hesitação.

(ela olha os livros espalhados sobre a mesa)

41 Segundo informação da edição do texto, essa cena nunca foi representada.

42 Na tradução da *Bíblia de Aparecida*, lê-se Jt 9.10: “9 Dai-me a mim, que sou viúva, a força de fazer o que projetei. 10 Feri com a astúcia de meus lábios o escravo com o patrão e o patrão com o servo, e quebrantai sua arrogância pela mão de uma mulher.”

43 Há aqui várias referências ao Livro de Judith, ou Judith, um dos livros deuterocanônicos do Antigo Testamento da Bíblia católica. A Edição Pastoral da Bíblia sustenta que se trata de uma história fictícia com-posta para encorajar o povo a resistir e lutar, escrita provavelmente em meados do século II a.C., durante a resistência dos macabeus ou logo após. O livro apresenta a situação difícil do povo, oprimido por uma grande potência. Por trás de Nabucodonosor II e seu império, pode-se entrever a figura de qualquer dominador com seu sistema de opressão. Nos capítulos 8-9, a figura de Judith sugere dois símbolos que se complementam: a mulher corajosa que sai em defesa de seu povo oprimido e o próprio povo que renova sua força e fé, liderado por gente que enfrenta a covardia das autoridades e sai à luta. Nos capítulos 10-13, a beleza e artimanhas de Judith simbolizam a fé, que não dispensa os meios políticos na luta para eliminar os mecanismos centrais de repressão (cabeça de Holofernes). Diante de uma primeira vitória, os outros se unem porque começam a ter fé no Deus que liberta. Por fim, a vitória comemorada reacende o ideal de liberdade e o prazer de louvar o Deus verdadeiro, que vence os ídolos opressores.

E vocês, grandes escritores pelos quais Deus fala atino!
Pois o fogo do gênio tem lares divinos;
Vocês com quem mantenho um casto comércio!
Espíritos vivos dos mortos, com os quais converso!
Plutarco,⁴⁴ Montesquieu,⁴⁵ você Jean-Jacques,⁴⁶ todos vocês,
Companheiros de minhas noites! – o que me aconselham desta vez?
Não souberam tanto a tirania me fazer odiar
Senão a vê-la sem punição agora me condenar,
E quando os dois últimos romanos elogia, afinal,
Não está me colocando nas mãos um punhal?
(*ela lê uma passagem de Montesquieu*)

“Em Roma, sobretudo após a expulsão dos reis, a lei era precisa. A República armava o braço de cada cidadão, fazia dele magistrado para aquele momento e o preparava para sua defesa... A virtude⁴⁷ parecia se esquecer de si mesma, superar-se, e a ação que não foi possível aprovar no início, porque era atroz, ela se fazia admirar porque era como que divina.”

Assim, a resposta é a mesma vinda de todos os lados;
Essa foi a sentença dada por pelos supremos magistrados.
Os doutores da lei, profanos ou sagrados,

44 **Plutarco** de Atenas (c. 350-431) foi um filósofo grego neoplatônico que lecionou em Atenas, no início do século V. Ele restabeleceu a Academia Platônica e lá tornou-se seu líder. Escreveu comentários sobre Aristóteles e Platão, enfatizando as doutrinas que eles tinham em comum. Acreditou que a razão é a base e o fundamento de toda a consciência, ele interpõe entre a sensação e o pensamento a faculdade da imaginação, que, como distinto de ambos, é a atividade da alma sob o estímulo da sensação incessante. Em sua obra *Vidas paralelas de homens ilustres*, narra a vida de Marcus **Brutus** (um dos assassinos de César) em paralelo à vida de Dion, tirano de Siracusa.

45 Charles-Louis de Secondat, Barão de La Brède e de **Montesquieu** (1689-1755), foi um político, filósofo e escritor francês. Ficou famoso por sua teoria da separação dos poderes. Revelou-se crítico severo e irônico da monarquia absolutista. Em seu *O Espírito das Leis*, 1748, afirma: “As leis escritas ou não que governam os povos não são fruto do capricho ou do arbítrio de quem legisla. Ao contrário, decorrem da realidade social e da História concreta própria ao povo considerado. Não existem leis justas ou injustas. O que existe são leis mais ou menos adequadas a um determinado povo e a uma determinada circunstância de época ou lugar. O autor procura estabelecer a relação das leis com as sociedades, ou ainda, com o espírito delas.

46 **Jean-Jacques Rousseau** (1712-1778) foi um importante filósofo, teórico político, escritor e compositor autodidata genebrino. É considerado um dos principais filósofos do Iluminismo e um precursor do Roman-tismo. Sua filosofia política influenciou o Iluminismo por toda a Europa, assim como também aspectos da Revolução francesa e o desenvolvimento moderno da economia, da política e do pensamento educacional.

47 **Virtude:** Afirma Montesquieu numa Advertência na abertura de seu *L'Esprit des Lois*: “Para a compreensão dos quatro primeiros livros desta obra, deve-se observar 1º que o que chamo de *vertu* na república é o amor pela pátria, isto é, o amor pela igualdade. Não se trata de uma virtude moral nem de uma virtude cristã, mas a virtude política; e esta é o motor que faz mover o governo republicano, como a honra é o motor que faz mover a monarquia. Chamei, então, de virtude política o amor pela pátria e pela igualdade.”

Por mim foram convocados e consultados.
A Bíblia respondeu: Judith de Betúlia;
Plutarco disse: Brutus; e Corneille: Émilie.⁴⁸
(*ela se volta para o retrato de Corneille*)
Oh! Se tu vivesses de novo, tu cuja destreza
Do triunvirato fez um quadro de tanta tristeza,
E que não encontrava cores de glória
Para nele representar as trágicas histórias,
O que não dirias desse nosso triunvirato
No qual verias Danton, Robespierre e Marat, o rato!
Perto de cada um deles, Lépido⁴⁹ parece justo,
Antonio é um grande homem, e é um deus Augusto.
Mas um vingador é pouco. Eu estou sozinha, três eles são.
Seus crimes quase iguais embaraçam minha opção.
Qual dos três é preciso primeiro purgar na terra?
Qual abater – Marat, Danton ou Robespierre?
Marat, sobretudo Marat, segundo meus instintos inquietos!
Mas quero me cercar dos ensinamentos corretos.
Nada de pressa. A honra de uma tal empreitada
É ser gravemente pesada e equilibrada.
É quase dia; ouço Marthe lá embaixo da escada;
Vamos, ocupemo-nos do trabalho da jornada.
(*antes de sair, olha mais uma vez para o retrato de Corneille*)
Corneille, meu velho, vai ficar contente. – Pela Graça!
Émilie e Cinna! Sou da sua raça!
(*ela sai*)

48 **Émilie** é personagem da tragédia *Cinna*, de Corneille: Cína não está envolvido na conspiração para matar o tirano Augusto por vontade própria, mas pelo desejo de Émilie. Filha adotiva de Augusto, ela quer vingar seu verdadeiro pai, assassinado pelo imperador. Tanto quanto Cína, que é neto de Pompeu e filho de um dos rivais de Augusto, Émilie pertence a uma das famílias derrotadas nas guerras civis que destruíram a República e abriram caminho para o poder pessoal do fundador do Império. É ela a verdadeira artífice do plano. Émilie até corresponde ao amor que Cinna tem por ela, mas vê-se que esse é um sentimento subal-terno em face do seu desejo de vingança. Promete ser esposa de Cinna, mas apenas quando Roma for redimida com a eliminação do tirano. Cinna é um instrumento, preso por amor aos desejos de Émilie.

49 **Lépido**: Marcus Aemilius Lepidus (89-13/12 a.C), general e político romano. Mantendo boas relações com a aristocracia romana, após o assassinato de César assumiu o controle de Roma e se aliou ao cônsul Marco Antonio tornando-se *pontifex maximus* no lugar de César. Rompido com seus antigos aliados senatoriais, termina por aliar-se a Antonio e Otaviano, tornando-se então o terceiro membro do segundo tri-unvirato. Suas ações políticas fazem parte da queda da República romana.

Ato III

Charlotte – Barbaroux – Louvet – Buzot – Pétion – Girondinos – General Wimpfen⁵⁰ – Ajudantes de campo do General – Burgueses de Caen – Marthe, a criada de Charlotte – Madame de Bretteville.

11 de Julho de 1793 – *Uma sala do Palácio da Intendência em Caen – no fundo, três janelas que se abrem para um balcão de onde se vê a praça pública. – Abaixo das janelas, bandeiras tricolores enquadram a divisa LIBERDADE, IGUALDADE, FRATERNIDADE. – À esquerda, a tribuna dos Girondinos. – À direita, arquibancada para o público. No proscênio, poltronas.*

Cena 1

Charlotte, Barbaroux, Marthe, sentada perto da porta.

CHARLOTTE

Barbaroux, expressemos nosso sentimento.
Qual dos triúnviros para você é o mais odioso?

BARBAROUX

Os três são criminosos, mas é preciso lhe falar,
Quem deve julgá-los bem não pode se enganar.
Certamente odeio Danton; Setembro não foi esquecido.
Tudo parece fazê-lo inocente, pela vitória absolvido;
A audácia e o sucesso são sua lei principal;
Com seu próprio vigor ele se embriaga, fatal.
E indo de um excesso notável para excessos ainda maiores,

50 Bastante curioso e enigmático o *casting* desse **General Wimpfen**. O único general possível com esse nome nos anos 1792-1793 foi **Georges-Louis-Félix, baron de Wimpffen** ou **Wimpfen** (1744-1814), que foi um general de divisão da Revolução e do Império. Terá sido sua provável inclinação girondina que o levou a ser um mero figurante no ato III? Mais, à quoi ça sert? Empregado no exército desde o início das hostilidades, em 20.8.1792 é encarregado do comando em Thionville, a primeira cidade a ser cercada pelos prussianos. Atacada no dia 24, ela resiste durante um mês e, quando Brunswick tenta seduzir Wimpfen com a oferta de 1 milhão, ele diz: “Aceito o milhão, se essa oferta for registrada em cartório”. Três dias depois, a vitória em Valmy liberta a cidade; a Convenção declara que Wimpfen merece o apreço da pátria. Essa lembrança o protege contra as denúncias que, mais tarde, serão dirigidas contra ele. Depois de recusar o Ministério da Guerra, recebe o comando do exército de Cherbourg. Pronunciando-se, na sequência dos eventos do 31 de maio, pelo partido da Gironda, oferece sua espada aos girondinos em junho de 1793 e é encarregado do comando das tropas que esse partido reuniu no departamento de Calvados (de que Caen faz parte), sem todavia dissimular seus sentimentos, mais favoráveis a uma monarquia constitucional do que à República.

Ele serve a liberdade como se serve os tiranos piores.
Mas, enfim, não é um homem que se despreze,
Madame, ele é poderoso nos momentos de crise,
Ele encontra num piscar de olhos o meio oportuno;
É um homem de Estado escondido num tribuno.
Suas palavras são decisivas; sua eloquência inculta
Faz explodir seu raio no meio do tumulto;
Cruel e generoso, ele conhece a piedade;
Ataca sem remorso, mas sem inimizade;
De crime e grandeza formidável *assemblée*
A revolução fez isso à sua imagem,
E para lhe dizer tudo, eu lamentaria
Não ter aceito a mão que nos oferecia.

CHARLOTTE

E Robespierre?

BARBAROUX

Oh! Ele, ele é coisa diferente.
Vaidade sofredora, alma seca e odienta,
Em todos os seus inimigos vê inimigos do Estado,
E em sua própria injúria um público atentado.
Apenas num ponto ele e Danton têm semelhança:
À vista de sangue derramado nenhum deles balança,
Ignorando ambos que um perigo premente
Jamais desculpará a morte de um inocente.
Eles diferem também em espírito e aparência,
Tal como a paixão e a perseverança.
Um, fogoso, repousa depois de ter vencido;
O outro avança sempre, tenaz e convencido,
E, sucedendo os chefes que ficaram na rabeira,
Do último lugar ele parte para o primeiro.
Laborioso retórico, seu trabalho incessante
Com um esforço implacável busca um gênio ausente;
E, ao passo que Danton, do capricho admirador,
Abandona sua verve ao momento inspirador,
Fatiga-o suas penas gastar, noite e dia, rangentes
Em ociosos discursos, inflados de palavras bulhentas,
Nos quais ele sonha, pelo que pode compreender,
Com o ideal de Rousseau, de quem aluno diz ser.
Em teoria, por mais que pareça absoluto,
Por mais que sobre os meios seja irresoluto;
Enquanto Danton age, Robespierre declama

Seus lugares comuns sem ordem e suas frases sem alma.
Robespierre e Danton, qual deles o mais forte deve ser?
O que se diz é que a mediocridade é que vai dizer.
Em suma, embora alguém sua energia contamine,
Embora com mais sangue suje sua mão,
Embora sua sede de prazeres busque dinheiro em toda parte
- Ao passo que o outro é puro, a ponto de ser um indigente exânime -
Embora não creia em nada, a não ser em si mesmo e sua razão
- ao passo que Robespierre tem fé em seu sistema e arte -
Pode-se ter por Danton um rigor de contenção;
A paixão o excusa; sente-se seu coração.
Mas Marat! esse bandido que em sangue ama chafurdar,
Sem a audácia de um, sem com a fé de outro contar!
Que mata com alegria, por instintos carnicieiros!
Que prega a pilhagem com apetites grosseiros!
O que outros tenham feito, ele faz ainda pior:
Eles rasgam a França, ele é só impudor.

CHARLOTTE

Está muito bem. Meu sentimento já quase se definia.
O senhor confirmou o que eu já presumia.
- Mas, você que o viu, quando juntos estiveram lá,
Na Assembleia, diga com que se parece Marat.

BARBAROUX

Que o céu lhe permita vê-lo sem embaraços!
Mas você adivinharia sua alma por seus traços.
- Um rosto lívido e pela febre crispado,
O sarcasmo num canto do lábio fixado,
Olhos claros penetrantes, mas pela luz machucados,
Amizades doentias em seu entorno esvaziado
Um olhar atrevido que provoca e desafia
O horror das pessoas de bem, de que ele se gloria,
O passo brusco e cortado do perverso e sua índole má.
Assim se pinta o assassino. É assim que se vê Marat.

CHARLOTTE

O que ele faz? Onde vive? De que maneira?

BARBAROUX

Às vezes busca a sombra, às vezes à claridade vai ter,
Conforme quem precisa degolar ou quem vai combater,
Ausente para o perigo, presente para fazer morrer.

- Nos dias perigosos, quando os bravos surgem aos borbotões,
Ele, tremendo, confuso, se esconde nos porões.
O porão de um convento ou de um açougueiro
Foi mantido vivo durante meses inteiros.
Ali, só consigo mesmo, à luz de uma lamparina
Diante da tinta homicida em que sua pena se molha,
Sem ar senão o que vem de uma latrina,
Dezoito horas inclinado sobre seu pavoroso trabalho,
Ele rejunta ao acaso as visões que cria
Em seu cérebro febril essa cálida vigia,
Depois, um jornal surge, que se lê estremecendo,
Que sai do subsolo e sangue vai prescrevendo.

CHARLOTTE

Prossiga; estou prestando muita atenção.
Essa narrativa me assusta e cativa o coração.
Parece que estou ouvindo aqueles velhos contos eternos
Que dão medo aos camponeses nas longas noites dos invernos.

BARBAROUX

Mas, terminado o combate, é então que ele se montra;
- É a hora da caça. – Se a gente encontra
Um homem de braços nus, boné vermelho como armadura,
Sabres e pistolas pendendo na cintura,
Se esse homem aplaudir enquanto sua garganta é cortada
Os infelizes vencidos de que a prisão está lotada,
Se ele incita ao trabalho os assassinos entediados
Que então deixavam cair seus facões alucinados,
Se, todos os prisioneiros picados membro a membro
Ele carrega nos braços os heróis de setembro
Esse aí é Marat. – Quando o povo, a quem falta o pão diário,
Ouve cegamente os conselhos da fome, esse calvário,
Aquele que, degradando as públicas desgraças,
Estimula a multidão a pilhar as lojas em arruaças,
Aquele que quer mostrar, feito espantalhos armados,
Alguns mercadores de trigo em seu portal dependurados
Esse aí é Marat. – Algumas vezes a tribuna é conspurcada
Por um homem de boné, com uma roupa desalinhada,
Que cruza os braços e, com um ar ultrajante,
Parece exhibir o orgulho de seus trapos fedorentos;
Escute quando ele diz: “É preciso instituir de fato
Um ditador que mata, um juiz do assassinato.”
Esse aí é Marat, esse é Marat! – Para pintá-lo num só dia

Ele me disse friamente como o faria,
Que o único modo de nossas tempestades acalmar,
Seria duzentas e sessenta mil cabeças cortar!
Esse seu preço. Apenas duzentas e sessenta;
Raramente se deveria chegar a trezentas.

CHARLOTTE

Deus poderoso! É um louco!

BARBAROUX

É um louco. Mas, madame,
É um louco que se dirige às paixões em chamas.
Pense que ainda estamos diante de inimigos a combater
Que não submetemos, mas pudemos vencer;
Pense que o vencedor, surpreso com seu sucesso,
Se apressa em acreditar nele e teme traições e um retrocesso;
E quando um louco ataca as reputações mais afamadas,
E as atira como comida para as suspeitas esfomeadas,
Julgue se sua loucura, outrora lamentável,
Nesse tempo tempestuoso não é coisa desagradável.
- Ele foi vaiado, murchado, envergonhado, ridicularizado;
A cada ignomínia um crime lhe foi imputado.
Em vão as vaias atingiram sua fachada;
O crime ia crescendo; o sangue lavava a calçada.
Aqueles que o ofenderam foram todos mortos ou exilados
E o medo finalmente o salvou de ser desprezado.

CHARLOTTE

Ó maravilha inacreditável e duas vezes inaudita,
Que um monstro como esse possa viver e ainda viva!

BARBAROUX

O que você quer? Diante dele as leis ficam caladas.
Os crimes e as leis hoje em dia estão de mãos dadas,
- Um dia, acreditamos ter tido nossa vitória;
O crime era constante; ele mesmo fazia sua glória;
E quando o acusamos de um simples movimento
Quando a Convenção o leva a julgamento,
Eis que é absolvido e nos devolvem esse homem
Coroadado de louros, como um cônsul de Roma.

CHARLOTTE

Onde ele mora?

BARBAROUX

No andar de cima da Convenção.

CHARLOTTE

Vai lá todos os dias?

BARBAROUX

Não vai mais, dizem.

CHARLOTTE

Onde ele vai, então?

BARBAROUX

Fica trancado em seu antro.

CHARLOTTE

E como é que se entra lá?

BARBAROUX

Ninguém entra.

O medo dos assassinos proíbe visitantes.

CHARLOTTE

Absolutamente ninguém?

BARBAROUX

Apenas os denunciantes.

CHARLOTTE

Ah! esses são recebidos?

BARBAROUX

Mas de que isso lhe importa?

Por acaso está planejando bater naquela porta?

CHARLOTTE

Mas que ideia estranha!

BARBAROUX

Deixemos Marat de lado.

Por que falar toda hora daquele celerado?

CHARLOTTE

Sim, você está certo; vamos desviar o pensamento,
O que o degrada e o mantém em rebaixamento.
Aponte-me heróis que eu possa honrar!
Após ter odiado, sinto necessidade de admirar.
Fale-me, Barbaroux, dessa luta imensa
De um mundo que termina, de um mundo que começa;
Desses acontecimentos ao longo desses três anos,
Que fizeram três anos bastante complicados.
Diga de novo como é que um país todo se inflama;
Como um povo inteiro parece ter apenas uma alma;
Como nos libertamos; diga com que meios
Camponeses desprezados se fizeram cidadãos sem receios,
E desses cidadãos, um bando de indisciplinados,
Salvadores da pátria, intrépidos soldados;
Diga, diga como direitos humanos perdidos
Depois de mais de mil anos nos foram devolvidos;
Relembre nossos perigos, nossos combates, nossas vitórias;
Me faça me orgulhar da exposição de nossas glórias!
- Não, você não definhou, ó santa liberdade,
Com os crimes cometidos sob teu nome roubado!
Se existir uma bela fala, é apenas a tua sentença;
Mas as iniquidades não têm nada que te pertença
Elas pertencem àqueles cujos espíritos plenos de perversidade
Não estão abertos a tuas puras claridades.
Sendo eles punidos, poderemos fazer admirar o mundo
A mãe das virtudes, a liberdade fecunda.

BARBAROUX

Ó jovem entusiasmada!

CHARLOTTE

E quem poderia então ver
Esse espetáculo emocionante e não se comover!

BARBAROUX

Eu, eu vi muitos desses espantosos episódios;
Vivi durante muito tempo no meio desses ódios;
Herdeiros dos progressos e não de nossos pesares
Nossos filhos aplaudirão o fruto de nossos azares;
Mas nós, para os homens perdoar, precisamos
Nós, testemunhas dos fatos, olvidar onde estamos.
Ah! o aspecto tranquilo de um vale, onde com alarde,

Desce, após um dia de verão, a sombra da tarde.
E ali, entre os prados e o capim cortado
Empilhado pelo ancinho dos segadores inclinados,
Uma jovem desconhecida, um livro na mão,
A quem uns viajantes pedem orientação,
Ó Charlotte, eis a lembrança que me dura
E quero saborear em sua doçura
Desligado do barulho de uma multidão em dores
Louca em seus amores, louca em seus clamores.

CHARLOTTE

O quê! É quando se tem que redobrar a energia
Que Barbaroux murmura uma suave elegia!

BARBAROUX

Mas seu coração, por sua virtude orgulhosa dominado,
Nunca bateu com um sentimento mais delicado?
Ah! sejam duas vezes infames, em caso afirmativo,
As guerras, que assolam das jovens o coração ativo!
- O quê! Você só escuta seu coração maldito?
O silêncio das noites nada lhe tem dito,
E a serenidade das noites melancólicas
Não faz você pensar nas querelas públicas?
No infinito dos céus você não tem buscado
Algum sonho alheio ao destino dos Estados?
Um sonho que agrada a qualquer filha:
A alegria interior ao seio da família.
O apoio de um protetor a quem é gentil nomear,
E a felicidade, finalmente, de ser amado e de amar?

CHARLOTTE

Oh! Sim; tive muitas vezes os sonhos de que você fala ansioso;
Amiúde povoo o espaço sem limites de ações.
Sou mulher e não tenho esse orgulho mentiroso
De que meu coração seja alheio às femininas inclinações.
Pelos afetos o céu nascer nos fez,
Eu, como outra mulher – e mais, talvez.
- Mas não vivemos num tempo regular
Que permite a cada um seu desejo particular;
Na crise em que estamos, o mundo está em espera,
Solicita a assistência dos homens e das mulheres.
Para eles, é um crime longe ficar;
Para nós, é um crime nosso olhar parar.

E, para amortecer, no coração dos langores amorosos,
O ardor, devido ao país, dos espíritos generosos.
Para mim, só meu país tem o direito de me inflamar;
Concentrei nele minha potência de amar,
E, devotada a todos, ofereço à minha pátria
O lugar que só um teria em minha idolatria.
Eu me tornei uma lei tão forte, finalmente,
Que se o amor fosse mais que um sonho para mim, realmente,
Que se eu amasse qualquer um, Barbaroux, - nem ele mesmo,
Ninguém a não ser eu saberia que o amo.
- Eu falei francamente, e te conheço bem o suficiente
Para acreditar que falo como você pensa.

BARBAROUX

Claro que não! – Eu costumava ter essa alma decorosa.
Minha vida e os medos de minha mãe temerosa,
Meus bens, meu pequeno campo de meu pai herdado,
Meus estudos, meus gostos, e meus livros delicados,
Tudo sacrifiquei, sem barulho, sem qualquer lamentação,
Com entusiasmo, pela causa da população.
Oh! Eu amava meu país com um amor desconhecido.
Dessa devoção total que fruto me foi oferecido?
Como fiquei contente com um trabalho feito incansavelmente,
Com a vontade de fazer direito governada por minha mente?
Caluniado, proscrito, eu, sou um traidor, esconjuro!
Republicano de boa fé e tão puro!
Os Pitt⁵¹ e os Coburg me inscreveram em sua lista!

51 William Pitt (1759/1806) era filho do Conde de Chatman, conhecido político que tinha o mesmo nome. Revelou desde cedo grande interesse pela vida política do país e achava-se presente à sessão da Câmara dos Lordes em que seu pai faleceu, na própria tribuna, enquanto discursava (1778). Tinha 22 anos quando se elegeu para a Câmara dos Comuns. Seu primeiro discurso no Parlamento revelou que se tratava de um jovem extremamente bem preparado para a vida pública. Em março de 1782 iniciou sua primeira participação no governo **whig** (partido liberal), formado em decorrência da vitória eleitoral alcançada naquele ano. Na primeira reforma ministerial seria nomeado Ministro do Exterior. Tinha então apenas 23 anos. Permaneceu no posto um ano. A experiência parlamentar de Pitt convenceu-o de que a forma de escolha dos membros da Câmara dos Comuns proporcionava ao país uma falsa estabilidade. Em fins daquele ano (1783), tendo o gabinete renunciado, o Rei Jorge III indicou-o para o cargo de Primeiro Ministro. A maioria receberia a indicação com uma grande gargalhada, o que não impediu sua eleição mas praticamente paralisou seu governo. As sucessivas derrotas na Câmara não o levaram a renunciar. Ao contrário, aproveitou a circunstância para popularizar suas ideias, considerando-se que teria contribuído para estigmatizar a representação daquelas localidades, desprovidas de maiores contingentes eleitorais, designando-as como “burgos podres”. Confiante nessa estratégia, convocou eleições gerais para março de 1784. Estas eleições asseguraram-lhe a maioria. Elegeu-se representante de Cambridge, colégio eleitoral incluído entre aqueles de maior destaque. William Pitt ganhou sucessivas eleições e permaneceu no

Eu que fiz o dez de agosto, eu sou um royalista! -
Que um outro daqui para a frente para esse povo desajuizado
Produza um devotamento assim recompensado!
Procurar cidadãos nesses falsos patriotas,
Mil vezes mais tiranos que os piores déspotas,
Nesses republicanos que pensam ter permissão para tudo,
E a seus amigos ainda não permitem coisa alguma,
Que têm medo de convencer e, por um jogo selvagem,
Falam de liberdade, com ameaças à boca agem;
Ensinar seus deveres, como um leal preceptor,
Para essa gente, que acredita no mais grosseiro adulator,
Rebelde às verdades, atento aos oráculos
Do primeiro charlatão que promete milagres,
Para seus benfeitores estupidamente ingratos,
E que blasfema de Deus por adorar Marat,
- Essa é a mais absurda e mais louca imaginação
Que jamais numa cabeça humana se fez construção!
Aquele que quer representar um papel no Estado,
Quer por todos os meios tender ao resultado;
Que sabendo aplaudir ou se calar com sensatez,
Tenha suavidade no espírito e, no rosto, sisudez.
Que lisonjeie por sua vez ou os reis ou o bortalho;
O homem nascido para a intriga nasceu para o trabalho.
Mas a honra severa, a franqueza augusta,
A fidelidade rara e a amizade robusta,
A justiça implacável, o ódio das perversidades,
Apenas os campos habitam essas dignidades.
Para mim, tudo o que eu quero é um doce carinho,
Égide impenetrável onde toda afronta perde seu caminho,
Um pequeno canto de terra, por minhas mãos amanhado,
O esquecimento dos humanos e a memória das obras do passado.

CHARLOTTE

Pois bem! Eu, Barbaroux, seriam outras as minhas vontades.
Se eu pudesse agir como você e suas faculdades,
Deus todo-poderoso, eu diria, dê-me a honrosa oportunidade

poder até 1801, isto é, dezessete anos. Seu grande feito, entretanto, consistiu em tornar o Parlamento uma instituição independente perante a Coroa e respeitada pela opinião pública. O desfecho dessa conquista seria o surgimento de uma variante do governo representativo: o denominado sistema parlamentar ou parlamentarismo. Na Inglaterra preservou-se a monarquia, porém as funções executivas passaram a ser exercidas por um governo não só constituído como aprovado pelo Parlamento, e por este controlado. Nessa modalidade de monarquia consti-tucional, “o Rei reina mas não governa”.

De oferecer ao meu país minha vida e minha felicidade;
Mais orgulhosa ainda é a esperança que com afagos me trata;
Permita que as ofereça a essa pátria ingrata,
Para que minha dedicação, paga com desprezo,
Baste a si mesma e encontre em si seu preço.
- Ai de mim! O que vai ser dessa infeliz França
Se apenas os perversos tiverem perseverança!
E contra a fúria deles que muralha poderemos ter
Se toda a gente de bem pensar como você?

BARBAROUX

Ah! a gente de bem! – não falemos dessa gente, Charlotte.
Aqueles covardes! Eu ainda gosto mais dos *sans-culottes*.⁵²
Eles pelo menos demonstram uma feroz atividade;
Os outros, o que fazem que exiba um pouco de generosidade?
Eles não têm apenas aquele arrojo supremo
Que um covarde oprimido encontra em seu medo mesmo.
Essa gente de bem! Ninguém, no perigo que nos alcança
Se levantou por nós que por eles queríamos vingança.

CHARLOTTE

Há de aparecer alguém.

CHARLOTTE

Pode ser.
Não sei o que me diz que um Brutus vai aparecer.

52 **Sans-culottes:** os homens ricos usavam uma calça curta até os joelhos, bastante ajustadas, chamadas *culotes*. Diferentemente, os homens do povo usava calças compridas até o tornozelo e largas, sendo por isso chamados de *sans-culottes* “sem culotes”. Eles eram trabalhadores urbanos, pequenos comerciantes ou mesmo desempregados. Durante a Revolução passaram também a ser referidos aos grupos políticos mais radicais, constituindo a base de apoio dos políticos populares. Estes iriam implantar as políticas mais radicais a partir do aparelho de Estado, principalmente durante o período denominado de Terror, entre 1793-1795, liderado pelos jacobinos. Mas, além da função de apoio aos jacobinos, os *sans-culottes* tinham práticas sociais distintas, que os caracterizariam como um grupo social que prezava pela igualdade entre os cidadãos. Eles formaram, em 1790, a **Sociedade Fraternal dos Patriotas de Ambos os Sexos** e também a **Sociedade dos Cordeliers**, que no ano seguinte passou a liderar o movimento, criando posteriormente um comitê central das sociedades com o intuito de coordenar as ações dos *sans-culottes*. Essas sociedades se formaram como resposta dos *sans-culottes* à exclusão da participação na vida política, decretada em dezembro de 1789, com a instituição do voto censitário. Como não tinham propriedades e também não tinham capacidade de contratar assalariados, eles não podiam votar. As associações foram a forma de organização política e social encontrada para que se colocassem ativamente dentro do processo de transformação social que foi a Revolução francesa.

BARBAROUX

Não, não; crimes e virtudes, tudo se degenera;
Marat não é César; ninguém aquele Brutus espera.

CHARLOTTE

Quem sabe!
(*ouve-se um rufar de tambores*)

Cena 2

(Charlotte, Barbaroux, Pétion, Louvet, Buzot e outros girondinos, que entram pela esquerda)

LOUVET

(avançando na direção de Barbaroux)

Estávamos te procurando para fazer a revista.

(saúda Charlotte)

- Mas talvez estejamos atrapalhando uma doce entrevista?

CHARLOTTE

Ah! cidadão Louvet!

BARBAROUX

(para Louvet)

Sch! Isso com você não combina.

Charlotte não leu tua literatura libertina,⁵³

E melhor do que aquela criada sentada àquela soleira,

Sua pureza proíbe que se fale dessa maneira.

CHARLOTTE

Pare, Barbaroux, - Louvet, sejamos amigos no possível.

Foi só uma brincadeirinha inocente e permissível,

Acredito. - Se tivesse sido o que não deve ser,

Vocês me julgariam melhor se melhor pudessem me conhecer.

LOUVET

Ah! acolho de joelhos essa linguagem tolerante.

Mas me livre o céu de uma suspeita ultrajante,

Ó irmã que amamos, você tão orgulhosa e boa!

Anjo dos Girondinos que o inferno perdoa!

CHARLOTTE

Então, pronto! A paz está feita; vamos esquecer isso aí.

(rufar de tambores, - O general WimpCen, os ajudantes de campo, oficiais e girondinos entram pela esquerda. - burgueses entram pela direita e vão para as janelas do fundo; para Louvet)

Você faz a revista?

53 O texto original cita “les amours de Faublas”, romance-memórias publicado em Paris em três partes de 1787 a 1790 por Jean-Baptiste Louvez de Couvray (a própria personagem em cena). Romance libertino, descreve num ritmo trepidante as aventuras amorosas de um jovem aristocrata provinciano instalado na capital com seu pai e sua irmã.

LOUVET

Sim; nossas tropas já estão aqui.

Amanhã, sem mais tardar, partimos à sua testa.

(para Barbaroux, Pétion, Buzot e outros girondinos)

Venham ver, meus amigos, é uma bela festa!

(caminha na direção das janelas, que abre. – Todos se dirigem para o fundo, exceto o general e seus ajudantes de campo, que permanecem no proscênio, à esquerda. – Vários girondinos avançam para o balcão. Ouve-se a Marselhesa; a princípio, a música é baixa e distante; depois o som se aproxima e fica mais forte)

PÉTION

Como eles têm um ar guerreiro!

LOUVET

Vão desfilar

Os bravos jovens que vão se alistar!

VOZ DE FORA

Vivam os girondinos!

(os girondinos agitam seus chapéus)

CHARLOTTE

(separada dos girondinos)

Desfraldada a bandeira da nação!

Não exploda de alegria! Contenha-se, coração!

VOZ DE FORA

Viva a República!

(todos que estão no interior agitam seus chapéus. – O refrão da Marselhesa explode com força)

BARBAROUX

Felizes jovens combatentes!

Marcham para o combate confiantes e contentes;

Acreditam na justiça e se espantam com os crimes.

- Nós também tínhamos esses impulsos sublimes.

(Charlotte o observa e o ouve atentamente)

BUZOT

Por que, então, Barbaroux, essas palavras desanimadoras?

Você não tem esperança ao ver esses jovens marchadores?

(ainda se ouve a Marselhesa, mas longe)

BARBAROUX

Deus conceda que nisso eu seja um mau profeta,
Buzot; mas estamos marchando, creio eu, para a derrota.

Que exército temos? Um milhar de normandos

Onde estão os braços prometidos pelos departamentos?

São cerca de setenta, que fazem por nossa causa

Muito em palavras, em obras muito pouca coisa.

- Sieyès! Prudente Sieyès! Você tinha razão.

Por aí a indiferença! Aqui a traição!

(ele aponta Wimpfen)

Está vendo o general? Acha que tem por onde?

Ele defende os Bourbon⁵⁴ e não a Gironde.

Virou ponto de encontro nossa bandeira.

(o general Wimpfen e os oficiais, à esquerda. – os Girondinos no fundo à esquerda. – Os burgueses ao fundo à direita. – Barbaroux, Buzoe e Charlotte mais perto do proscênio)

Velhos partidos vencidos que se servem de nós à sua maneira.

Mas duvido de uma derrota, embora por perigos cercados:

Para nós, tanto faz vitoriosos ou derrotados.

E nisso está minha tristeza! Eu choro em meus gemidos

Como a República tem tão poucos amigos,

E como dos dois lados pretendem a pátria defender,

Uns para oprimi-la, outros para a vender.

República, tua sorte rasga meu coração!

Porque te amo sempre, mesmo na maior abjeção

E não posso pensar sem a alma amargurada

Que tu morres conosco, República, mãe amada!

LOUVET

(que voltou para perto de Barbaroux durante a fala anterior)

Ah! antes da morte não vamos vestir luto.

(virando-se para Charlotte, e lhe mostrando a praça pública)

Veja!. – não lhe parece um bom contributo?

CHARLOTTE

Oh! Sim! Está bom.

(À parte, após ter dado alguns passos para a frente)

54 Casa Real de **Bourbon**: família nobre e importante casa real europeia originária do centro da França. Durante o século XVI, os reis Bourbon governaram Navarra e França. Já no século XVIII, detiveram tronos na Espanha, nas Duas Sicílias e Parma. Também se enlaçaram com diversas outras casas reinantes por casamento, em especial das da Áustria, de Portugal e do Brasil. Espanha e Luxemburgo são atualmente duas monarquias governadas pelos Bourbon.

Entretanto, não é mesmo deplorável
Que se junte tanta gente por um único miserável?
Que talvez sintamos falta ou pensemos, com cuidados,
Que será pago muito caro o sangue de nossos soldados!

LOUVET

(aos Girondinos)

Somos esperados, senhores; devem se aproximar.
Vamos! – Vem, Barbaroux!

CHARLOTTE

(em voz baixa, para Barbaroux)

Uma palavra ainda! Queira esperar.

(os Girondinos, o general Wimpfen e os burgueses saem à direita e à esquerda)

Cena 3

(Charlotte, Barbaroux, Marthe ao fundo)

CHARLOTTE

Meu amigo, nossa despedida. É hora.

BARBAROUX

Não, não; eu vou voltar.

CHARLOTTE

Não, sou eu que vou embora.

BARBAROUX

Grande Deus!

Você parte!

CHARLOTTE

Para sempre. Minha tia me conjura

A procurar no exílio uma proteção segura.

Vou me fixar em Londres, onde há gente me esperando.

BARBAROUX

E o que será de mim? – Ah! o que estou lhe falando!

Você se vai!

CHARLOTTE

É preciso!

BARBAROUX

Por que assim, e sem alarde?

Você tem tempo de pensar nessa fuga mais tarde.

CHARLOTTE

Já está resolvido; não faça qualquer comentário.

Tudo o que disser vai ser desnecessário.

Barbaroux! Teu coração está cheio de azedume.

Sinto você mais triste que de costume;

É para mim grande dor deixar você assim tão breve,

Entretanto, por causa da amizade tudo pode ficar mais leve,

E eu não gostaria de partir, de verdade,

Se, dizer palavras em que respira nossa amizade.

Sem dúvida, seu espírito, abatido por um momento,

No amor por seu país encontrará acolhimento;
Se isso não lhe bastar, e se for preciso lhe ensinar
Que o mais terno interesse por você alguém possa demonstrar,
Se minha estima, tendo a seus olhos algum preço,
Possa encorajá-lo a desafiar o desprezo,
Saiba que você tem em mim uma irmã que o ama,
E sempre seja firme e digno de si mesmo.
Adeus, então.
(estende para ele uma mão)

BARBAROUX

(segurando a mão de Charlotte)

Adeus, então, romance desvanecido!
Num raio da noite um sonho bom florescido!
Adeus felicidade! – Vou pelo menos saber o que estiver fazendo,
Em que lugar vai morar, como vai estar vivendo?

CHARLOTTE

Você saberá, Barbaroux, tudo aquilo que vou fazer.

BARBAROUX

E quem vai me dizer?

CHARLOTTE

Eu. Eu vou lhe escrever.

(Charlotte sai pela direita com a criada. Barbaroux, após tê-la seguido com os olhos, vai se juntar aos Girondinos. – A Marselhesa explode novamente)

Cena 4⁵⁵

O salão de Madame de Breteville.

(Madame de Breteville, depois Charlotte; Charlotte desce de seu quarto e entra no salão; encaminha-se para Madame de Breteville, que está acotovelada a uma mesa; ela se ajoelha diante da tia)

CHARLOTTE

Estou pronta para partir. Me abençoe, minha mãe!

MADAME DE BRETTEVILLE

Eu te abençoo, filha que me deixou meu irmão.
Eu te abençoo, minha filha adotiva. Que Deus
Te ajude, minha criança, e acompanhe os passos teus.
Você foi boa e cuidadosa com tua idosa velhice;
Sem você vou ficar, só, triste, enfermiça.
Como todos os velhinhos, eu murmurava para o vento
Que você vivia sob meu teto como se fosse num convento,
E minhas manias da idade, coisas de minha ranzinze
Com tua viva juventude sempre tinham bonitice;
Se tédio sentia, jamais o demonstrou, gentilmente;
Seu paciente apoio sempre me oferecia docemente,
E, como no inverno, um raio de luz se esparrama,
Tua alegria se irradiava em minha fria cabana.
Que Deus te recompense!

CHARLOTTE

(à parte)

Ah! eu não vou aguentar.

(ela se levanta)

Me perdoe.

MADAME DE BRETTEVILLE

Por quê? Só tenho que te abençoar.

CHARLOTTE

Suas gentilezas me fazem mal. Eu não soube parecer
Afetuosa e terna sempre que precisava ser.
Ah! Compreendemos tarde demais que não amávamos o suficiente.

55 **NFP** – Esta cena não foi representada.

Se ainda estivéssemos nos dias que se passaram tão rapidamente,
Com quanto respeito, carinho e ternura
Eu desejaria cercar sua santa idade tão madura.
Me perdoe, minha tia!

MADAME DE BRETTEVILLE

Meu bom anjo, o que devo lhe perdoar?

CHARLOTTE

Ai de mim! Perdoe-me lhe abandonar!

MADAME DE BRETTEVILLE

Vai em paz, minha querida, com todos os meus desejos cumpridos!
Busca em Londres um repouso que o céu nos tem proibido.
Vai. – Sou eu quem o exige, e Deus, eu tenho fé,
Vai lhe devolver a felicidade que recebi de você.

CHARLOTTE

(à parte)

Ó pobre coração de mãe, se alguém pudesse lhe dizer,
Que vou para Paris e o que vou lá fazer!...
(ela aperta as mãos de sua tia e as leva aos lábios; em voz alta)
Na verdade, vou embora com tanto pesar,
Que, se você consentir... bem... eu vou ficar.

MADAME DE BRETTEVILLE

Oh! Não, essa é, minha filha, uma péssima intenção!
Não, não, parta sem qualquer detenção!
(abraça-a, beija-a)
Adeus, meu tesouro mais querido!
(beija-a novamente)
Pela última vez me abrace antes da partida!
(abraça-a novamente)
Ah! Pegue, nessa bolsinha coloquei alguma reserva.
(entrega-lhe também um relicário)
Leve também esta relíquia... pode ser que te sirva.
(Charlotte dá alguns passos para sair)
Ah! Seja prudente ao menos! Não caminhe à noite sozinha.
Olhe ao redor para ver se te seguem enquanto caminha.
Cuide de seu passaporte. Ao subir na carruagem,
Informe-se sobre a segurança da viagem.
Não fale com ninguém. – Evite os passageiros.
Não se meta no mar em tempos traiçoeiros.

E me escreva; me diga logo, mal tenha desembarcado,
Se encontrou alguém no lugar indicado.
Adeus, Charlotte.

CHARLOTTE

(ela se afasta; depois, olhando dolorosamente para a tia, antes de sair)

Ai de mim! Levo comigo esse remorso!

Ela vai morrer, com certeza, quando souber de minha morte.

Ato IV

O Orador – Cidadãos – Mulheres – Babás de crianças – Camille Desmoulins – Philippeaux – Uma jovem – Uma garotinha – Um cuteleiro - Charlotte – Marat – Danton - Robespierre – Albertine, mulher de Marat – Laurent Basse, Comissário de Marat – Um tipógrafo – Gráficos – Pregadores de cartaz – Encadernadoras – Povo.

13 de julho de 1793 – Jardim do Palais Égalité⁵⁶ – À esquerda, as arcadas e a fileira de tílias – Ao fundo, a rotunda. À esquerda, a lojinha de um cuteleiro, sob as arcadas – À direita, no proscênio, um grupo de cidadãos e de mulheres do povo. Mais alto, dois outros grupos. Os grupos estão agitados; ouve-se o murmúrio das conversas – No fundo do palco, burgueses estão sentados em cadeiras e trabalham; uma garotinha brinca aos pés de uma jovem sentada e bordando; velhos leem jornais – Quando a cortina se abre, duas babás e algumas jovens dançam uma ronda, no fundo do palco à esquerda.

Cena 1

Cidadãos, mulheres do povo, burgueses, babás de crianças, jovens. As babás e as jovens cantam e dançam uma ronda.

CRIADAS E JOVENS

(que cantam e dançam uma ronda)

*(Ária da ronda **Nous n'irons plus au bois**)⁵⁷*

Hoje é domingo
Vamos colher no prado
A margarida branca
E o botão dourado.
Canta o rouxinol,
Debaixo da folha canta,
Durante o mês de maio,
No suave mês de maio.

56 **Palais-Royal**: magnífico conjunto arquitetônico (palácio, jardins, galerias, teatro; nele se inclui o prédio da Comédie-française) construído em 1780 pelo Prince Égalité (Louis-Philippe d'Orléans) - que vai se tornar durante meio século, por seus cafés, restaurantes, salões de jogo (até 1836) e outros divertimentos, o ponto de encontro da moda de uma sociedade parisiense elegante e amiúde libertina.

57 **Nous n'irons plus au bois** (“não iremos mais ao bosque”): uma canção de roda infantil, criada no Natal de 1753 pela Madame de Pompadour (Jeanne-Antoinette Poisson, 1721-1764), para as crianças da aldeia vizinha, depois que o rei Louis XV, seu amante, lhe ofereceu o Hôtel d'Évreux, que haverá de se tornar o *palais de l'Élysée* (sede da presidência da República Francesa e residência oficial do chefe do Estado desde a Segunda República).

A roseira estava florida,
A rosa e também o muguê,
Eu o fiz para uma amiga,
Fiz para ela um buquê.
Canta o rouxinol,
Debaixo da folha canta,
Durante o mês de maio,
No suave mês de maio.
(as crianças desaparecem pelo fundo, dançando)

PRIMEIRO CIDADÃO

(aproximando-se do grupo principal)
Vocês sabem, cidadãos, se a nova é verdadeira?

SEGUNDO CIDADÃO

(que faz parte do grupo)
Que novidade, é?

PRIMEIRO CIDADÃO

Os Girondinos, comandados por Puisaye,⁵⁸
Estão em marcha; dizem que Évreux⁵⁹ já foi tomada;
E talvez já amanhã Paris seja tomada.

SEGUNDO CIDADÃO

Aqueles celerados! Estão de acordo com os austríacos.

TERCEIRO CIDADÃO

Vão colocar a gente à mercê dos ricos.

QUARTO CIDADÃO

Os moderados já estão erguendo suas cabeças horríveis.

PRIMEIRO CIDADÃO

O que a gente vai virar depois?

58 Joseph-Geneviève, conde de Puisaye (1755-1827), foi um militar e político francês que participou da Revolução francesa, primeiro como partidário da monarquia constitucional, depois como chefe da Chuane-ria na Bretanha. Nascido numa velha família da nobreza normanda, admirava a monarquia parlamentar britânica. Pegou novamente em armas durante o Terror e tomou o partido da Gironda. Substituto de Wimpfen, comandou as tropas federalistas da Normandia e da Bretanha mas foi batido pelo exércitos da Montagne na batalha de Brécourt.
59 **Évreux**: uma comuna francesa na região administrativa da Normandia, no departamento de Eure.

SEGUNDO CIDADÃO

Corja de vinte e dois!

TERCEIRO CIDADÃO

Não estaríamos assim se, quando éramos professores,
Tivéssemos, em 31 de maio, massacrado todos os traidores.

QUARTO CIDADÃO

Danton os salvou.

SEGUNDO CIDADÃO

Danton errou à beça.

TERCEIRO CIDADÃO

Foi nosso desatino; por que insistir nessa?
Nunca seremos capazes de agir como a gente quiser?
Somos então carneirinhos, que conduzem pra onde convier?
Por que nos chamamos de povo soberano,
Se temos chefes que nos causam danos?
- Aqui! Com belas palavras somos adormecidos,
E o povo por seus ídolos é sempre engrupido.
Vocês acreditam de boa fé que pensam em seus apuros;
Até parece... é com elas que menos se ocupam
É um texto pra fazer sucesso na tribuna,
E que se põe de lado logo que se faz fortuna.
- Ah! se vocês fossem todos resolvidos como eu,
Sei bem o que a gente faria.

SEGUNDO CIDADÃO

O quê, seu beleleu?

QUARTO CIDADÃO

O que é que a gente faria?

TERCEIRO CIDADÃO

De que te adianta fazer compreender,
Você não tem peito pra empreender.

VÁRIOS CIDADÃOS

Sim!

SEGUNDO CIDADÃO

Suba na cadeira e faça sua moção.

*(o terceiro cidadão sobre a uma cadeira.
Todos os grupos se aproximam do orador)*

O ORADOR

Responda então em primeiro lugar à seguinte questão:
Quem caminha pela rua, enquanto nos metem bilha?

CIDADÃOS

Nós.

O ORADOR

Quem se deixa matar?

CIDADÃOS

Nós.

O ORADOR

Quem tomou a Bastilha?

CIDADÃOS

Nós.

O ORADOR

Quem fez o dez de agosto?

QUARTO CIDADÃO

Foi nós que fizemos aquele dia.

O ORADOR

E o 31 de maio?

CIDADÃOS

Também fomos nós.

O ORADOR

Sim; nós, seu azedia.

A revolução é mesmo sem dúvida nossa conquista.

Quem deve se beneficiar com ela, então?

QUARTO CIDADÃO

Os que a fizeram benquista.

O ORADOR

Pois bem! De que nos serve então sermos abatidos?
Temos casas melhores?

PRIMEIRO CIDADÃO

Não, não temos.

O ORADOR

Estamos mais bem vestidos?

CIDADÃOS

Não.

ORADOR

Mais bem alimentados?

CIDADÃOS

Não. Não.

O ORADOR

É a mesma miséria;
Pior ainda, - falta até o mais necessário.

CIDADÃOS

É verdade. É verdade.

O ORADOR

Enquanto morremos o povo de fome e inanição,
Os inimigos do povo, eles sempre têm pão.

CIDADÃOS

É verdade.

O ORADOR

As boas moradias, as mesas 'delicatas'
Ainda são, como antes, para os aristocratas.

CIDADÃOS

Sim.

QUARTO CIDADÃO

É a mais pura verdade.

O ORADOR

E se dá que esses ananos
São mais felizes, vencidos, do que nós que triunfamos.
É justo?

CIDADÃOS

Não. Não.

O ORADOR

Sabem para que servem
Toda essa grande renda que os ricos conservam?
Para tramar complôs, procurar meios e ações
De roubar a subsistência dos pobres cidadãos!

QUARTO CIDADÃO

Canalhada!

O ORADOR

Vocês bem sabem como o pão é raro!

SEGUNDO CIDADÃO

Nem temos mais.

O ORADOR

Porque monopolizaram. E ficou caro.

VÁRIOS CIDADÃOS

Morte aos monopólios!

SEGUNDO CIDADÃO

Vamos pra cima! Matemos
Todos. Vamos ter farinha ao preço que nós queremos.

(enquanto o orador fala, passantes se aproximam e engrossam o grupo. A garotinha, que brincava aos pés de sua mãe, vem na direção do grupo e a examina cuidadosamente; sua mãe, ouvindo os gritos dos cidadãos, corre para ela e a leva para o fundo do palco)

O ORADOR

Jogaram trigo na água! Nesta semana,
Encontraram uma tonelada no Sena.

PRIMEIRO CIDADÃO

Abominação!

QUARTO CIDADÃO

O pão da pobre gente!

SEGUNDO CIDADÃO

Dava pra alimentar um milhão de indigentes!

O ORADOR

Lá de fora nos sitiam; aqui dentro forçam a fome.

Não é evidente que se trata da mesma trama,

E que os girondinos só marcham para a frente

Depois de se entender com os de cima da gente?

QUARTO CIDADÃO

É evidente.

PRIMEIRO CIDADÃO

É claro que é assim.

O ORADOR

Se alguma dúvida ainda restar,

Escutem o que diz Marat.

(ele abre o jornal. Neste momento, Charlotte atravessa o palco e para alguns instantes para escutar)

VÁRIOS CIDADÃOS

Silêncio!

PRIMEIRO CIDADÃO

(para seu vizinho)

Escute!

O ORADOR

(lendo o jornal de Marat)

“Não há criminosos tão baixos, tão covardes, tão atrozés quanto os canalhas da Gironda. Essa facção infernal está mancomunada com os inimigos da liberdade de dentro e de fora para entregar o país para ferros e restaurar o despotismo.”

(para os cidadãos)

Vocês estão ouvindo!

(volta a ler)

“Pobre povo! com que horda de canalhas você está lidando! como você os suportou até hoje!”

QUARTO CIDADÃO

É verdade, temos sido clementes demais.

O ORADOR

Ouçam o que ele diz dos monopólios 'legais'.

(ele lê)

“A pátria está sendo atormentada pelos horrores da guerra civil e pelo medo da fome. Os capitalistas, os corretores da bolsa, os monopolistas, os comerciantes do luxo, os homens de toga, os ex-nobres redobram seu zelo para angustiar o povo com o aumento exorbitante do preço dos gêneros de primeira necessidade.”

SEGUNDO CIDADÃO

Oh! Esses filhos da puta!

O ORADOR

(lendo)

“Na impossibilidade de mudar seus corações eu só vejo como solução a destruição total dessa ninhada do mal para devolver a paz ao Estado.”

PRIMEIRO CIDADÃO

É isso aí! A melhor maneira!

SEGUNDO CIDADÃO

É a única maneira.

QUARTO CIDADÃO

É isso. Vamos destruir a cambada inteira!

(Charlotte faz um gesto de indignação e se dirige vivamente na direção da loja do celeiro. Chegando à porta, hesita um breve tempo antes de entrar)

O ORADOR

(mostrando o jornal)

Ouçam!

VÁRIOS CIDADÃOS

Vamos escutar.

SEGUNDO CIDADÃO

Marat é nosso camarada.

QUARTO CIDADÃO

Um palhaço, isso sim, que não está fazendo piada!

O ORADOR

Um verdadeiro republicano! - Ele não é de fazer frases,
Mas ele elimina um complô direto em sua base.

OS CIDADÃOS

Viva Marat!

(Charlotte entra na cutelaria)

O ORADOR

Ouçam essa passagem:

(ele lê)

“Nunca desfrutamos de qualquer descanso, exceto com a continuação das manifestações populares. Então eles estavam tranquilos; eles até se fingiram de patriotas.”

(Risos)

‘O papel que o temor de vinganças momentâneas os fez representarem por alguns dias, o medo constante das torturas os faria representar até sua morte.’

SEGUNDO CIDADÃO

Como tem fundamento isso aí!

O ORADOR

(lendo)

Quando é que vamos compreender que a liberdade só pode ser estabelecida pela violência?”

PRIMEIRO CIDADÃO

Está entendido. – Em frente!

QUARTO CIDADÃO

(tirando seu sabre da bainha e agitando-o acima de sua cabeça)

Viva a liberdade!

O ORADOR

Vocês são homens ou não?

CIDADÃOS

Sim, sim.

O ORADOR

Estão decididos? De verdade?

CIDADÃOS

Estamos.

O ORADOR

Pois então, me sigam!

(ele desce da cadeira, e se coloca à frente do grupo)

VÁRIOS CIDADÃOS

Marchemos pois!

PRIMEIRO CIDADÃO

Setembrisemos

Os traidores girondinos que estão nas prisões!

SEGUNDO CIDADÃO

Morte aos monopólios!

O ORADOR

(pondo-se em marcha, à frente do grupo)

Para o bairro Poissonière, soldados!

(ele sai à direita, seguido por uma parte do grupo. Uma outra parte permanece indecisa e se agrupa à direita)

QUARTO CIDADÃO

(dirigindo-se aos que ficaram)

Hei! Vocês aí! Por que ficaram aí parados?

Vamos, cidadãos!

VÁRIOS CIDADÃOS

Vamos!

QUINTO CIDADÃO

(para seu vizinho)

Você não vem?

SEXTO CIDADÃO

Eu não;

E, se acreditar em mim, não vai também.

QUINTO CIDADÃO

Por quê?

SEXTO CIDADÃO

Eu primeiro declaro, no que me dá razão,
Que os monopólios merecem alguma consideração.

CIDADÃOS

Bravo!

SEXTO CIDADÃO

Mas tenhamos cuidado. – Ontem, da tarde no curso,
Fui ao clube dos jacobinos. Robespierre fez um discurso.

SÉTIMO CIDADÃO

O que ele disse?

SEXTO CIDADÃO

Ele reclamou muito dos anarquistas;
Disse que eles são agentes royalistas,
Aqueles que incitam o povo às hostilidades
Contra os indivíduos ou as propriedades.

QUINTO CIDADÃO

Ah! é mesmo!

SÉTIMO CIDADÃO

É possível, na verdade.

QUINTO CIDADÃO

Sem imprudência!

QUARTO CIDADÃO

Ah! bah! Marat vale bem um Robespierre, em essência.

SEXTO CIDADÃO

Robespierre é um puro.

QUARTO CIDADÃO

Sim, mas é um senhor.

E, depois, é sempre referido como um superior.
Marat é mais compreensível; tem um ar de ser da gente;
Veste uma carmanhola como qualquer nosso parente.

QUINTO CIDADÃO

Isso é verdade. Viva Marat!

SEXTO CIDADÃO

Mas Robespierre...

QUINTO CIDADÃO

Pois bem! – Marat e Robespierre!

Cena 2 ⁶⁰ ⁶¹

Os mesmos, Camille Desmoulins,⁶² Philippeaux.⁶³

(Camille Desmoulins e Philippeaux chegam de braços dados. Aproximam-se do gupo e ouviram as últimas palavras)

CAMILLE DESMOULINS

(para o quinto cidadão)

E Danton, cidadão?

QUARTO CIDADÃO

Um frouxo.

60 **NFP** – Eis as datas dos jornais de Marat, cujas datas são lidas pelo orador: *Le Journal de la République Française*, intitulado mais tarde *Le Publiciste de la République Française, par Marat, l'ami du peuple*, com a seguinte epígrafe: *Ut releat miseris, abeat fortuna secundis*. 10 jun 1793, 12 jun 1793, 26 jun 1793, 23 jun 1793, 28 fev 1793, 25 dez 1792, 15 jun 1793.

61 **NFP** – *Journal de la montagne* nº 53 (quarta 23 jul 1793). “Encontramos em Arche-Marion carroças compão que tinham sido atiradas na água.” Em 26 jun 1793, um tumulto no porto Saint-Nicolas para pilhar um barco com sabão. No dia 28, um tumulto no Faubourg Poissonnière contra os monopólios (BUCHEZ, *Histoire de la Révolution Française*, tome 28, p. 222 e 225. Jacques Roux, Leclerc, Varlet e seus seguidores ordenam que se *setembrise* os girondinos. (BUCHEZ, mesma obra, p. 222)

62 Louis-Simplice-Camille-Benois **Desmoulins** (1760-1794), advogado, jornalista e revolucionário fran-cês. Estreou como jornalista em novembro de 1789, quando publicou o jornal LES RÉVOLUTIONS DE FRAN-CE ET DE BRABANT, comumente chamado de RÉVOLUTIONS, jornal que contou com 86 números. Denunciou constantemente a ideia de uma conspiração aristocrática. Opôs-se igualmente ao voto censitário, declarando que tal modo de eleição teria excluído Jesus Cristo ou Jean-Jacques Rousseau. Seu jornal é suspenso após a manifestação do tiroteio no Champ-de-Mars, em 17 de julho de 1791, embora ele mesmo não tenha feito parte do evento. Outra de suas lutas foi pelo voto das mulheres. Antes da declaração de guerra de 1792, ele era a favor da paz, como seu amigo Robespierre. Porém, depois muda de ideia para ficar ao lado de Danton e Marat. Depois do 10 de agosto de 1792 e a queda da monarquia, tornou-se secretário do Ministério da Justiça, chefiado por Danton. Desmoulins se torna cada vez mais envolvido no processo de repressão contra os revolucionários. É eleito para a Convenção Nacional, onde se senta entre os Montagnards, mas não desempenha um papel significativo. Muitos de seus contemporâneos o viam como um orador brilhante, mas incapaz de desempenhar um papel político. Aos poucos, Desmoulins se afasta dos Montagnards, notadamente após a condenação dos girondinos, 30 de outubro de 1793. Funda, então, um novo jornal, LE VIEUX CORDELIERS, no qual ataca os Enragés e lança apelos à clemência. Em uma de suas matérias, pergunta-se porque a clemência se teria tornado um crime na República. Considerado dantonista, é preso ao mesmo tempo que eles, em 31 de março de 1794. Apesar de sua antiga amizade com Robespierre, o decreto de sua prisão é assinado também por ele. Durante o julgamento, é “excluído dos debates” (impedido de falar em defesa própria) por insultar o Tribunal Revolucionário. É guilhotinado em 5 de abril de 1794, juntamente com Danton e outros.

63 Pierre Nicholas **Philippeaux** (1754-1794), político e advogado deputado na Convenção Nacional. Associado aos dantonistas, compartilha sua sorte, preso na noite de 30 para 31 de março de 1794. Todos sobem juntos ao cadafalso em 5 de abril.

CAMILLE DESMOULINS

Danton! Aquele sans-culotte borbulhante!
Um déspota que é um leão abatido pelas próprias garras cortantes!
- Quando pelos prussianos fomos invadidos,
Quem, então, ó cidadãos, salvou o país?
Não se lembram mais que, nas grandes tribulações,
Era ele que cuidava de todas as vossas ocupações?
Muitos bravos então! Muitas aclamações!
Agora estão sufocando o homem em suas efusões!
O que foi que ele fez? Como ele conseguiu tantos desagradar?
Que agora se recebe tão mal um homem tão popular:

QUINTO CIDADÃO

É mesmo verdade que Danton salvou o país.

VÁRIOS CIDADÃOS

Sim, sim. Viva Danton!

QUARTO CIDADÃO

Não; ele nos traiu.
No 31 de maio, ele protegeu a Gironda.

QUINTO CIDADÃO

É um aristocrata.

SÉTIMO CIDADÃO

É um amigo da alta roda.

QUARTO CIDADÃO

Ele vive como um senhor.

CAMILLE DESMOULINS

Solon,⁶⁴ o jacobino,
Também amava os cantos, as mulheres e o vinho.

64 Solon (638-558 a.C.) foi um estadista, legislador e poeta grego antigo. Foi considerado pelos gregos como um dos sete sábios da Grécia antiga e, como poeta, compôs elegias morais-filosóficas. Em 594 a.C., iniciou uma reforma das estruturas social, política e econômica da pólis ateniense. Aristocrata de nascimento e membro de uma nobre e bela família arruinada em meio ao contexto de valorização dos bens móveis na pólis ateniense, Sólon se reconstituiu economicamente através da atividade comercial, passando depois a dedicar-se inteiramente à política. Fez reformas abrangentes, sem ceder aos grupos revolucionários e sem manter os privilégios dos eupátridas. Criou a Eclésia (Assembleia popular), da qual participavam todos os homens livres atenienses, filhos de pai e mãe atenienses e maiores de 30 anos. Por ocasião da entrada de Pisístrato na cena política ateniense, Sólon se retirou em exílio voluntário.

QUARTO CIDADÃO

Ele admira os generais!

CAMILLE DESMOULINS

E daí, meu camarada?

*Os sans-culottes gregos antigos também admiravam essa cambada.*⁶⁵

SÉTIMO CIDADÃO

(apontando Camille Desmoulins)

Esse aí está caçoando de nós.

QUARTO CIDADÃO

(para Camille Desmoulins)

Quem é você, seu muscadim?⁶⁶

CAMILLE DESMOULINS

Quem sou eu? Respondam, árvores deste jardim.

Eu tenho o direito de falar, nesta praça em que estamos,

Mais que você, cidadão, mais que qualquer um desses homens.

Quatro anos atrás, nesse mesmo dia, treze de julho, irmão,

Um jovem estava lá um uma pistola na mão.

A revolução ainda estava em seu começo;

Ninguém ainda pensava em mergulhar de cabeça.

Às armas, meus amigos! – eu gritava, sozinho, uma pilha;

(apontando a tília debaixo da qual está)

Peguei uma folha desta mesma tília.

Uma folhagem verde, cor da esperança,

Que serviu de roseta para a França.

- Cidadãos! Estão vendo o mais velho de seus ancestrais.

Subamos ao Capitólio e demos graças aos deuses celestiais!

CIDADÃOS

Camille Desmoulins!

QUARTO CIDADÃO

Bah! Um outro aristocrata!

(os cidadãos se afastam de Camille Desmoulins, comum ar desconfiado, depois se dispersam de um lado e de outro)

65 O original diz que “os sans-culotte gregos admiravam Miltíades”, cidadão grego ateniense (550-489 a.C.), general de grande prestígio por sua atuação na batalha de Maratona (490), contra os persas.

66 **Muscadin** (“janota”) era apelativo comum para os royalistas por volta de 1793.

PHILIPPEAUX

(para Camille Desmoulins, puxando-o pelo braço)

Venha; deixa essa gente aí

CAMILLE DESMOULINS

(afastando-se de Philippeaux)

Ô multidão ingrata!

Ô gente tão instável quanto os gregos de antes,

Mas mais impiedosa – e muito menos elegante!

PHILIPPEAUX

Venha!

(ambos saem)

AS CRIANÇAS

(atravessando novamente o fundo do palco, cantando sua ronda)

No teu chapéu de palha,

No teu chapéu tão lindinho,

Ou então na sua cintura

Vai pôr meu buquezinho.

O rouxinol canta,

O rouxinol canta,

Debaixo da folha ele canta

Durante o mês de maio,

Nesse lindo mês de maio.

Na barra da saia branca

Teu buquê será colocado,

E porque hoje é domingo

Vamos dançar no prado.

O rouxinol canta embaixo da folha ele canta,

Durante o mês de maio,

No lindo mês de maio.

(desaparecem pelo fundo)

Cena 3

Charlotte, o Cuteleiro

O CUTELEIRO

(na soleira de sua lojinha, com um punhal na mão, que está mostrando a Charlotte)

Se é de um punhal de têmpera da boa que tem precisão,

Um punhal forte – então pega esse aqui da minha mão.

(Charlotte pega o punhal e o examina)

Olha bem, é bem sólido. Um golpe acertado em cheio

Atravessa até um escudo sem nenhum bloqueio.

CHARLOTTE

Por quanto está vendendo?

O CUTELEIRO

Três francos. – Esse meu cliente

Que tinha ele nas costas tava um pouco doente.

(Charlotte dá a ele os três francos)

O CUTELEIRO

(pegando de novo o punhal, que limpa com as mangas do casaco e o devolve a Charlotte)

É pra você, belezinha, essa joia do seu agrado?

CHARLOTTE

É um presente.

O CUTELEIRO

Desculpe, eu tava brincando. – Muito obrigado.

(ele entra em sua lojinha)

Cena 4

CHARLOTTE

(sozinha, contemplando o punhal)

Aí está.- Mal posso sua lâmina entrever,

Sem com horror no fundo da alma tremer.

(ela esconde o punhal no seu peito, debaixo da mantilha, e se afasta precipitadamente da lojinha do couteleiro)⁶⁷

Ah! meu plano, concebido no início com orgulho,

Chegando a hora de o cumprir não vejo com o mesmo olho.

Minha resolução, que parecia tão orgulhosa,

Dá passos atrás diante do ato e... paralisa.

De longe eu via apenas o país vingado;

O que vejo de perto é um homem degolado.

* Enfiar o punhal, eu mesma! Que coisa horrível!

* Matá-lo assim? Tenho esse direito terrível?

* Sejam quais forem seus crimes, só a um magistrado

* Pertence o poder de tornar Marat um condenado.

* E quando os tribunais faltam em seu ofício,

* Sou eu que tenho de fazer da justiça o serviço?

* Onde se vai parar se nesse caminho sangrento seguir

* Cada um se fazendo juiz e com sua própria mão punir?

* Entretanto, quantos mortos e quantos ainda vai haver!

* Eu os coloco em perigo se deixo esse homem viver.

* É a essa alternativa que um se vê condenado:

* Ele deve assassinar ou vai ser assassinado.

* Além disso, por qual título e por qual privilégio

* O homem sem lei quer que a lei o proteja?

Não; renuncia para si mesmo quem dela se aparta;

Ele se desarma, enquanto outros desarma.

Voltar atrás, direito comum e regras ordinárias!

Você não tem mais serventia nestes tempos sanguinários.

* Há momentos no curso dos Estados

* Em que a lei nada pode fazer contra os atentados.

Leis, costumes e maneiras, tudo cambaleia, tudo vai ao chão;

Uma vertigem inaudita se apodera da multidão;

Nesta reversão de toda ordem normal,

Não distinguimos mais nem o bem, nem o mal;

A pior enormidade os apóstolos extasia;

67 A partir deste ponto, segundo o próprio autor, o monólogo de Charlotte à frente do Palais Royal foi encurtado, sendo reduzido aos versos marcados com *.

A audácia de alguns é dos outros a covardia;
E a sociedade, nessa guerra até a morte,
Volta para a selva onde reina o mais forte.
* Como a lei não é mais a guardiã suprema,
* Toda gente recupera o direito de se guardar a si mesma;
* Cada um, de acordo com seu braço, defende seu estandarte,
* Os homens pela espada, e eu por esse punhal, por minha parte.
Felizes os combatentes, por quem da maior inveja padeço!
Mas, ao golpear como eles, também de minha vida me desfaço.
Punhal, agente do crime, agente desonrado,
Enobreça-se! Vai servir a um interesse sagrado.
Fira; não trema em mãos generosas:
Morte aos crimes audazes de virtudes vigorosas;
E se lembre que Atenas cercou com um festão
A prisão de Harmódio e Aristogitão.⁶⁸
* Que se, tudo por que é, meu devotamento for enganado,
* Se o assassinato nunca pode ser desculpado,
Se o direito que admitia toda a humanidade
Foi um longo atentado contra a humanidade,
Se Deus, em seu livro nos estende, guia incerto,
O exemplo de Judith e proíbe de o seguir, decerto
Se devo deixar apenas um renome criminoso
Carregado de opróbrio eterno e ignominioso,
* É pavoroso; - o cadafalso não é um tão grande suplício.
* Não importa! Ainda posso fazer esse sacrifício.
* Enfrentar a morte não é nada; mas o desprezo enfrentado
* É um esforço mais raro que para mim foi reservado.
* Que eu salve a França e que eu seja desonrada!
* Que a vergonha seja para mim, o fruto para minha pátria amada!
* Possa o ato feroz a que estou decidida
* Dê alguma energia para essa gente emurhecida;
* Que execrem meu nome, me chamem de infame se se quiser;
* Mas se envergonhem de ter menos coração que uma mulher;
Que aprenda comigo para usar de modo mais eficiente
A coragem de agir contra um faccioso inclemente.
Ah! nossos corações preguiçosos e indiferentes !
Todo mundo acredita que o raio vai cair em outra gente.

68 **Harmódio e Aristogitão**, também conhecidos como os **Tiranicidas**, foram dois antigos atenienses que se tornaram heróis por terem matado Hiparco, filho de Pisístrato. Pisístrato foi o responsável pela introdução da tirania em Atenas, tendo governado entre 546 e 527 a.C. A palavra “tirania” não possuía naquela época a conotação negativa que tem hoje, referindo-se apenas ao governo de alguém que tinha tomado o poder pela força.

- * - Possa, possam também tremer os malfeitores!
- * E, se Marat alguma vez tiver imitadores,
- * Eles pelo menos pensem que a vingança é vigilante
- * E que Charlotte Corday pode ter uma semelhante.
- * Um monstro como ela, se ela escapar à lei enfim,
- * Terá medo de encontrar um monstro igual a mim.

(Charlotte sai pela direita. A garota desce até o proscênio, pulando corda, chega a alguns passos de Charlotte, para e a observa, depois vai abraçar Charlotte, que lhe estende os braços)

Cena 5

Charlotte, a Garota

CHARLOTTE.

Vem, belezinha! Bom dia, figurinha branca e rosa!
Meu olhar em seu rostinho com felicidade repousa.
É estranho como as crianças sempre venham a mim;
Eu as atraio, não sei por que é assim.
Em Caen, era o filhinho de uma pobre operária,
Que se tomou por mim de amizade extraordinária;
Me seguia por toda parte e, nos prados vizinhos,
Muitas vezes fiz para ele alguns desenhos.
(a garota, apoiada nos joelhos de Charlotte, pega o punhal cujo cabo aparecia em sua manta; tirando-o do peito de Charlotte, ela o deixa cair no chão.- Charlotte o pega prontamente e o guarda de novo junto ao peito por baixo da manta)
Quem acreditaria que exercendo sobre a infância um tal charme,
Eu estou preste a matar um homem com essa arma.

A GAROTA

Por que é que você tem aí no peito um punhal
Me deixa ver.

CHARLOTTE

(empurrando a criança)
Não.
(mais docemente)
Se tocar nele, vai lhe fazer mal.
Mas me diga, qual o seu nome?

A GAROTA

Me chamam Louise, a espevitada.

CHARLOTTE

E onde está sua mãe?

A GAROTA

(mostrando a jovem sentado no fundo do palco)
Tá ali adiante, sentada.
(a garota se movimenta, pulando)

CHARLOTTE

Que a voz das crianças, a visão de seus jogos graciosos

Logo encham de calma nossos corações tempestuosos!
É como uma doce manhã em que o orvalho refrescante
Descesse lentamente sobre minha cabeça apaziguante.

(levanta-se e dá alguns passos)

- Como o céu está azul! – Por trás dessas casas defronte
Como deve se descortinar um vasto horizonte.

Este é o momento em que o sol, atingindo o pé do muro,
Varre a frente das lojinhas, cheias de apuros,

- Ah! meu coração solitário! – Ah! meus vales normandos.

Tão plenos de luz, de sombra e mugidos de vacas em bando.

Ventos do pôr do sol, perdidos naqueles sombreados raros,

Não lhes traz o odor de nossos verdes pastos tão caros?

(ela olha para a criança, que a puxa pela saia)

No entanto eu poderia estar assim rodeada

De lindos anjos loiros semelhantes a esta fada.

Devo renunciar a tudo que ao prazer me convida;

Eu vou morrer, antes de ter conhecido a vida!

(senta-se novamente e a menina se apoia outra vez em seus joelhos)

Mas se alguém deve se arrepender, sou eu – porquê?

Dias belos me esperavam; você era amado, você!

Nome tão querido, que meu lábio murmura sem parar!

Você, que com um amor sem medida temi amar:

Ah! você não sabia, quando com uma doce cantada

Uma vez para a felicidade do lar fui convidada,

Que meu coração contra mim mesma por ti combatia,

E que sem um esforço supremo logo logo eu cederia.

(a jovem, sentada no fundo do palco, se levanta e procura a garota com os olhos; vê-a perto de Charlotte e caminha até ela.)

Cena 6

Charlotte, a garota e a jovem

A JOVEM

(para Charlotte)

Essa garota a perturba; queria que me desculpasse.
(quer puxar a garota, que Charlotte segura)

CHARLOTTE

Não;

Sinto muito prazer nos seus graciosos impasses.

A JOVEM

(sentando-se perto de Charlotte)

Você, também, tem uma filha?

CHARLOTTE

Estou só no mundo, não tenho família.

A JOVEM

Tão jovem e tão sozinha em Paris! – Mas, que aflição!
Pelo menos tem amigos que lhe dão cuidados e atenção?

CHARLOTTE

Sou desconhecida aqui, não tenho nenhum amigo.
Cheguei pela primeira vez ontem, ainda nem tenho bom abrigo.

A JOVEM

Compreendo; estão em alguma prisão os seus pais?
Por isso fugiu de casa? Estão mortos, não os vê mais?
(Charlotte não o responde)
Perdão; assim acabo renovando sua tristeza;
Mas é que de verdade sua sorte me interessa.
O que você vai fazer, meu Deus, sem amigo, sem parentes,
Isolada, no meio dessa Paris tão aliciente!
Onde está morando?

CHARLOTTE

Num hotel.

A JOVEM

De que dinheiro?

A JOVEM

Você dispõe?
Algum pouco na carteira.

A JOVEM

Se esse dinheiro acabar... tem alguma atividade?

CHARLOTTE

Nenhuma.

A JOVEM

Isso se vê nesse estado de necessidade.
Mas embora seja coisa nova para você uma ocupação,
Devemos nos resignar a isso, nestes tempos de provação.
Me escute; eu sou casada com um luthier;
Ganhamos nossa vida nesse humilde metiê.
Para um hóspede a mais minha mesa é suficiente;
Venha; não tenha medo de estar com a gente.
Nos trabalhos da nossa arte bem posso te empregar,
E a obra de tuas mãos seu aluguel podem pagar.

CHARLOTTE

Você é feliz?

A JOVEM

Sim, nós vivemos em família.
Auxílio meu marido; vejo crescer minha filha.

CHARLOTTE

Não sentem nenhum temor?

A JOVEM

Não. Que temor nos afligiria?
Não atraí golpes esse nosso destino sombrio.
E, além disso, meu marido, contente com sua união,
Não se assombra com os clubes e fica na sua ocupação.

CHARLOTTE

(para si mesma)
Existe, então, em Paris, nesse inferno desencadeado.
Que pode se amar em paz, um casal afortunado.
(ela se levanta e dá alguns passos)
Ah! está no bom caminho quem segue a natureza:
Aí está a sabedoria, aí não entra a tristeza.

A JOVEM

E então, aceita minha oferta?

CHARLOTTE

Não posso, não.

(volta-se para a jovem e pega sua mão)

Eu lhe agradeço de todo meu coração.

Desfrute de uma felicidade de esposa de que me sinto enciumada.

- Adeus, mãezinha feliz! – adeus esposa bem amada!

(antes de sair, ela ainda olha uma vez para a jovem, a quem estende os braços.

A garota vai abraçá-la. Charlotte sai)

Cena 7

Gabinete de trabalho de Marat. – Nada de móveis, as paredes úmidas estão cobertas de um papel amarelo decaído, sobre o qual estão colados cartazes, proclamações, jornais, classificados da comuna. Pacotes abertos estão empilhados no chão. Jornais frescamente impressos secam sobre as cadeiras. – À direita, de lado, uma janela que se abre para a rua; no fundo, à direita, uma porta que conduz a uma antecâmara ocupada por encadernadoras; tipógrafos, impressores, entregadores de jornal. – No meio do fundo do palco, um banheiro fechado por cortinas. – À esquerda, no primeiro plano, uma lareira sobre a qual repousam papéis e um pequeno espelho. – À esquerda, no segundo plano, uma porta que se abre para uma escada. À direita, uma mesa lotada de papéis, de jornais e de livros; uma escrivaninha com tinta e penas. Perto da mesa, uma velha poltrona e cadeiras de palha. À esquerda, perto da lareira, uma outra poltrona.

Marat, Danton e Robespierre

(Marat sentado, ou antes reclinado, com um ar sufocado, na poltrona, à esquerda da mesa. Robespierre sentado numa cadeira, do outro lado da mesa, à direita. Danton em pé diante de sua cadeira, entre Marat e Robespierre)

DANTON

O triunfo é completo. Somos onipotentes.
Toda a gente eleva aos céus nossos nomes grandiloquentes.
Tudo pertence a nós. Clubes, comitês, ministérios,
Justiça, empregos civis e forças militares;
E a Convenção aclama, sem qualquer debate,
Nossos decretos que vota e não discute.
A Gironda durou muito tempo nosso império equilibrando;
Os destinos agora estão fixados, e a Gironda expirando.
A revolução é nossa desta vez.
E, então, o que fazer, já que mandamos nós três?

ROBESPIERRE

A revolução não pertence a ninguém; não é assim pequena.
Eu vou fazer, quanto a mim, tudo aquilo que o povo ordena.

DANTON

Eh! Sem dúvida! O povo é soberano, garantido;
Mas você não está nos clubes onde isto é aplaudido.
Então deixemos fora daqui essa palavra sonora e vazia;
Sabemos bem que o povo necessita de um guia.

(ele se senta)

Eu digo que devemos ajustar, por conjunta resolução,
Essa revolução cujo futuro está em nossas mãos.
Querem empurrá-la até os últimos atos,
Abrir às paixões todas as suas cataratas,
E tudo tanto transtornar, o bastante
Para o sol nunca ter visto cataclisma semelhante?
Digo que nós podemos. – Pensem em algo tão egrégio,
Nós abatemos o último privilégio;
O que ainda resta que possa ter alguma prioridade
Senão os próprios fundamentos da sociedade?
Acreditam que a crise se aproxima de seu final?
Querem vocês estabelecer um governo capital.
Nós podemos. – Com uma palavra, catástrofe ou criação,
Construiremos o caos ou daremos alguma ordenação.
Audácia! Eu disse, assim ecoando um trovão;
A audácia é o instrumento da revolução;
Mas depois da batalha é preciso pacificar.
Nós demolimos, agora saibamos edificar.
Outros são os meios de construir e de abater;
Se era preciso causar medo quando era preciso combater,
Agora que vencemos, nós devemos consumir
A obra republicana fazendo-a amar.
Ela terá todos os corações se a ordem recomeça.
E para isso o que é preciso? A força e a clemência.
Legalidade, respeito à Convenção,
Governo poderoso, unidade de ação
Tudo está aí. – Mas antes desarmemos a Comuna.
Duas soberanias são demais. Só precisamos de uma.
O que você diz, Robespierre?

ROBESPIERRE

O que deve ser dito?
Estou bastante cansado de tanto já ter combatido.
De que servem então os esforços do patriota austero?
A virtude sempre foi muito rara na superfície da terra.
E estamos desanimados de continuar aqui perseguindo
O bem que queremos fazer e não fizemos ainda.

DANTON

(falando alto)

Vamos! Essa musiquinha velha! De novo ensaiar.

ROBESPIERRE

Os ensaios não são dados, como parecem, a facilidades.
A liberdade só vive por atitudes consolidadas.
Reformem-se primeiro os corações para o Estado reformar,
Senão, vencedores de um rei, mas vencidos pelo vício,
Em breve você terá apenas alterado o serviço.
(Danton se levanta com impaciência e caminha para sua esquerda)
Pois bem! Pelo bem comum substituir
As leis da moral pelas leis de uma falsa dignidade,
A razão esclarecida pelo sombrio fanatismo,
O dever pelo cálculo, o amor pelo egoísmo,
Desenvolver o impulso dos instintos generosos,
Não sofrer por na França existir um desditoso,
Fundar a igualdade, esse belo sonho do homem justo,
Fazendo respeitar o que deve ser augusto,
Isso não é conseguido, Danton,
Só com um gesto de mão plana,
É um trabalho imenso e obra-prima humana,
E só a probidade, a que o gênio se alia,
Pode dos costumes e das leis criar essa harmonia.

DANTON

(à parte)
Ha! Seu declamador!

MARAT

(à parte)
Um Tartufo!

DANTON

(aproximando-se de Robespierre)
De fato, uma obra-prima!
Para acabar com isto, diga como se faz essa obra-prima.

ROBESPIERRE

Cultive a razão, a primeira instrução que seduz
Deve luzir para todo o mundo, assim como a luz.
Forme a consciência e saiba de largada
Que, se ela não fala de Deus, sua fala não diz nada.
Pisa-se com os pés a lei que não tem como tutela real
O dogma de um Deus justo e de uma alma imortal.
Dogmas consoladores, apoiem o inocente!
Dogmas vingadores, apaguem o crime afligente!

Celestes aliados da justiça humana,
Purifiquem, exaltem a alma republicana!
Vocês fazem o herói, e o ateísmo abjeto
Faz o tirano cruel e a covardia do sujeito.

DANTON

De acordo, e compartilho em todos os pontos sua doutrina;
Ainda é preciso algum tempo para que ela germine.
As crianças vão crescer, sem dúvida, e sua razão
Dará muito bons frutos na devida estação.
(ele se inclina para Robespierre)
Mas o povo atual, a quem faltam boas escolas
Pode, enquanto espera, nos atirar pelas janelas.
Não vejo nada de onde saia um próximo resultado;
Eu ouço o filósofo, não o homem de Estado.
Tenho medo de dizer que, na verdade, seus olhos não vão se afogar
Num fundo vaporoso cujas linhas não param de ondular,
E que todas essas grandes palavras virtude, razão, felicidade,
Das quais no horizonte flutua uma semiclaridade,
Só esclarecem uma perspectiva vaga e falsificada
Que se vê desaparecer logo à nossa chegada.

ROBESPIERRE

(levantando-se e caminhando até Danton)
Sim, eu sei que essas palavras excitam teu desdém, tua imodéstia;
Antes de você, faziam rir os girondinos dessa comédia.
(volta para a mesa)
Todos os ambiciosos agiram por esse método deficiente;
O materialismo para seus planos é conveniente;
Corrompidos, corruptores, eles tinham observado
Que se explora sem pena um povo depravado.
César, que meditava sobre a escravidão em Roma,
Afirma que após a morte nada mais serve ao homem;
Mas Sócrates, morrendo, conserva para amigos seus
Os destinos imortais que lhe prometera Deus.
Eu sei também, eu sei que sucumbe a virtude;
O caminho do dever é o do túmulo.
Odiado, em seus melhores desígnios caluniado
O homem íntegro de assassinos está sempre rodeado.
Pois bem, eu me rendo à sua mão celerada;
Eu beberei a taça de Sócrates, sem dar qualquer chorada.
(ele se senta)

DANTON

(sempre em pé)

Não vamos oferecê-la. Vamos, Marat, fale então.

MARAT

(sempre sentado)

Ah! você se rebaixa então para mim, ingrato irmão?

E Marat não é mais aquele maníaco acerbo

Que com promete os planos de Danton, o soberbo?

(olhando Robespierre, olhando Danton)

Não sou uma barata, nem um fazedor de discursos,

E vai direito ao objetivo por caminhos muito curtos.

Pois bem! Só será fundada a liberdade,

Se não seguirmos minha ideia simples e iluminada.

Já a conhecemos; já falei dela nos meus escritos e no meu movimento

Para os pensadores e à gente de talento.

- Devemos nomear um chefe, um tribuno militar,

Um ditador; o nome não vai importar;

É preciso que esse tribuno, cercado de litores,

Procure e mate todos os conspiradores;

Que sua única tarefa, com medo de ser abusado,

Seja fazer cair as cabeças sob o machado,

E que uma bola nos pés, insígnia do poder,

O acorrente ao castigo se faltar ao dever.

- Eu cortei, assim de repente, cada complô que foi preparado,

E o sangue que não se deve fazer escorrer, por mim foi poupado.

DANTON

(para Robespierre)

Sempre maluco!

MARAT

No ano passado, tudo foi ainda mais seguro;

Já gozaríamos da calma mais pura.

Cem cabeças, que se deveria cortar com tempo marcado,

De cortar três mil nos teriam dispensado.

ROBESPIERRE

Trezentas mil!

MARAT

Ah! Danton, em você eu tinha tanta esperança;

Queria te dar esse trabalho horrível sem tardança.

Tua audácia me agradou; mas soube bem depressinha
Que a audácia era grande e sua relevância pequenininha.
Teu espírito não sabe voar
Sua mente não sabe como voar nesses cumes superiores
Onde todo escrúpulo escapa aos verdadeiros legisladores;
Os laços terrestres impedem você de me seguir até lá;
Sua palavra o embriaga de um orgulho miserável;
Bajuladores ansiosos sobre você derramam incenso;
O ouro, o amor, os festins capturaram seu senso,

ROBESPIERRE

(à meia voz)

Conheço gente ainda mais louca.
Lanterna na mão, sozinho,
Procurei em vão, não encontrei um homem no caminho.
(olhando Danton. Olhando Robespierre)
A uns faltam grandeza, a outros falta decisão.
Então sou eu que vou ter de cumprir sua realização.
(levanta-se, e caminha com um passo agitado para a esquerda)

DANTON

Enfim, o que é que você quer?

MARAT

Não mais pensarei,
Que tudo esteja terminado, desde que não se tenha um rei;
É o começo. Sei que entre os nossos
Alguns só queriam o lugar dos outros.
E afirmam que todos devem estar satisfeitos,
Quando são eles que estão fazendo o que os outros haviam feito.
Sua revolução se mede com seu talho.
Não é por tão pouco Danton, que eu trabalho.
Fui amigo do povo ontem, eu o sou hoje nesta hora;
Eu sofri, eu lutei, eu odiei como ele odeia agora.
Miséria, esquecimento, desdém, patricícia arrogância,
Suas afrontas são minhas; é minha também sua vingança.
Ele sabe disso; ele defende quem o defende.
Agora vou levar longe sua bandeira triunfante.
Não me basta uma mudança de forma;
No interior das profundezas eu busco uma reforma.
Eu quero revirar os sulcos, armado do arado,
Para a sombra as roupas! Para o sol os trapos serão mandados.
Quero que a miséria esmague a opulência,

Que o pobre, por sua vez, tenha direito à insolência,
Que tremamos diante de quem não tem pão,
E que tenha seu bajulador, faminto cortesão.
Tiremos o chapéu, grandes senhores, burgueses e valetaiada!
Seus mestres passarão: saúda a canalhada!
Oh! São esses os prazeres lentamente apetecidos,
E que tanto compensam os ultrajes recebidos,
Que esse rebaixamento de uma classe arrogante,
Que se veste toda sem jeito com roupa de indigente,
Lançando maldições, e, queda sem qualquer valor!
Os gritos que ela detesta com todo ardor!

DANTON

(explodindo, finalmente, depois de caminhar pelo palco com grandes passos durante as últimas palavras de Marat)

Putá que pariu! A liberdade não quer déspotas.
Tirem o chapéu, grandes senhores! Tirem o chapéu, sans-culottes!
E saúdem a lei, não cada indivíduo isolado;
Pois é só à lei que o respeito deve ser dado.
O novo direito comum nivela todas as classes;
Não distingo mais nem famílias nem raças;
O povo é todo o mundo, e os nobres antiquados,
Nobres caídos, se levantaram cidadãos honrados.

MARAT

Você não compreende nada disso.

DANTON

Não; não tenho de gênio essa mania.
Eu quero tão simplesmente quebrar a tirania;
Venha ela daqui ou de lá do alto, de baixo,
Ela é tirania e nela não me encaixo.

MARAT

Então está muito bem, vá do pobre ao rico que você tão bem trata;
Tome-se de amor súbito pelos aristocratas;
Vai, vai, não é você que pode criá-los;
- Toma cuidado para não se perder tentando salvá-los.
(passa diante de Danton)
Quanto ao povo, ele saberá se virar sem teu subsídio.
Você me interrogou; eu lhe disse qual o remédio.

DANTON

Belo remédio!

MARAT

(voltando para a mesa)

Nomeia sem demora, nomeia sem alarde,
Nomeia um ditador. - Amanhã já vai ser tarde.
O próprio povo teu insulto vai vingar,
E será terrível, então, posso lhe jurar.
Nada mais vai deter o derrame de sangue dessa gente;
Ninguém poderia detê-lo. Até eu seria impotente.
O povo, brandindo a espada do arcanjo,
Matraqueie, ele vai dizer. - Com a vingança me arranjo.
E sua espada em sua bainha será guardada, lhe digo,
Apenas quando tiver exterminado seu último inimigo:
Cortesãos, financistas, monopólios, piratas,
Juizes, caloteiros, em suma, todos os aristocratas.
(põe-se novamente a caminhar)

DANTON

Aristocratas! Bah! Palavra velha demais! Espectro morto!
Onde eles estão? Quem são eles? De onde os conhece? De que horto?

MARAT

É fácil: as mãos brancas e delicadas,
As rendas, a roupa de seda - aristocratas!
Alguém de carruagem, saindo do Opéra,
Tem mansão, valetes, cavalos, etceterrá,
Aristocrata! - pode-se matá-lo sem escrúpulo.
(ele cai, exausto, na poltrona que está perto da chaminé à esquerda. Danton se aproxima de Robespierre, sempre sentado; os dois se entreolham com estupefação)

DANTON

Desvario total!

ROBESPIERRE

Atroz e ridículo!

DANTON

(indo até Marat, tocando-o no ombro, e lhe falando com um tom compadecido)
A febre se alojou em seus olhos e sua fala quebrou;

A perseguição que estimulou seu sangue inflamou;
As masmorras subterrâneas, que sua sombra lhe emprestaram,
Algo de sombrio em seu coração deixaram.
Descansa, Marat, e saiba a esse respeito
Que a Convenção lhe permite recolher-se ao leito.

MARAT

É muito interesse de sua parte; obrigado, mas dispenso.
Não estou ainda assim tão doente, é o que penso.
E fiquem tranquilos, ainda me resta no corpo, tão cativo,
Para usar mais de uma máscara, um sangue bastante ativo.
(ele se levanta)

Sim, eu vivi três anos em covas lúgubres, à exaustão;
Como o pássaro da noite, eu frequentei a escuridão;
Estou ligado a ela, é de lá que, apesar dos tiranos alarmantes,
A verdade disparava seus raios penetrantes.
E eis então o fruto de meus longos alarmas!
Agora contra mim mesmo disparam armas!
“O homem dos subterrâneos é um sanguinário e uma bruxa;
Tenho a sede de um vampiro e os olhos de uma coruja;
Ambicioso! diz um outro; e ainda é por clemência,
Quando sou apenas acusado de demência.”

(vai se sentar perto da mesa)

Ambicioso! – Por quê? Ignoro as necessidades.

(mostra sua casa)

Vejam: que Fócio⁶⁹ se contentaria com tanta simplicidade?

- Louco! Agora apelo para minha pena erudita;

Já escrevi vinte livros, e deles tenho dito!

Um homem sanguinário! – Ah! sempre fui tão doce e cortês.

Corações sensíveis e bons, eu me reporto a vocês.

Foi só a filantropia, a santa equidade,

Que me armou contra uma casta sem piedade.

Foi-me demonstrado que poupar cem infames humanos

É mandar para a morte mil republicanos;

Daí, que coração de ferro, que homem de entranhas animais

Condenou a França a tantos funerais?

69 **Fócio I de Constantinopla** (c. 810/820–893) foi o patriarca de Constantinopla entre 858 e 867 e, novamente, entre 877 e 886. Ele é reconhecido pela Igreja Ortodoxa como São Fócio, o Grande. Fócio é considerado o mais poderoso e influente patriarca de Constantinopla desde João Crisóstomo e como o mais importante intelectual de seu tempo, “*a luz do renascimento do século IX*”. Ele foi uma figura central tanto na conversão dos eslavos ao cristianismo quanto no cisma de Fócio.

E quando é para salvar todo um povo inocente,
É apropriado pechinchar algumas gotas de sangue quente?
(*põe-se a caminhar com passos convulsivos*)
Por exemplo, para que lhe serve então a guilhotina
Se deixam viver Biron⁷⁰ e Custine⁷¹?

DANTON

Como! Dois generais!

MARAT

Dois Dumouriez! – Por que
Não se extermina a família do rei?

DANTON

Mulheres!

MARAT

O que fazer? – é o cadafalso que comanda,
Vergniaud, Brissot e toda aquela banda?

DANTON

São representantes!

MARAT

Não; são rebeldes, santo Cristo!
Barbaroux, amigo deles, mete o ocidente nisto.
Mais de uma vez já, já exigi suas cabeças.
Mas a Convenção não lê minhas sentenças.
Acham que estou moribundo, não é verdade? Fala sério,
Senhores, não chorem já por mim no cemitério.
(*caminha para a mesa e pega uma carta*)

70 Armand-Louis de Gontaut-Biron, conde de **Biron** no seu nascimento, marquês de Gontaut (1758), depois duque de Lauzun (1766), depois duc de Biron e Par de França (1788), foi um militar francês nascido em 1747. Eleito deputado para os Estados Gerais de 1789, ele se liga à Revolução e entra para o partido do duque de Orléans; a partir de em tão faz-se chamar General Biron. É acusado de traição pelo Comitê de Salvação Pública por ter oferecido sua demissão. Levado ao Tribunal revolucionário é preso e guilhotinado em 31 de dezembro de 1793.

71 Astolphe-Louis-Léonor, marquês de **Custine** (1790-1857) foi um aristocrata e escritor francês. Sua família foi severamente atingida pela Revolução.: seu avô, o general revolucionário Adamk Philippe de Custine, foi guilhotinado em agosto de 1793 e seu pai em janeiro de 1794, sua mãe foi recolhida à prisão parisiense de Sainte-Pélagie, depois no mosteiro carmelita até a queda de Robespierre em 1794. Terá uma vida sem dificuldades durante o Romantismo e na duração da Monarquia de Julho.

Esta terceira carta é às outras igual e curta;
Se a Convenção ainda se faz de surda,
Doente, trêmulo, febril, vou me fazer
Levar à tribuna e ali esta carta vou ler.
Para você, Danton, vou ficar de olho em seus defeitos.
Amigo de Dumouriez, cuidado com amigos do peito.
Não sei por qual Deus foi seu braço desarmado;
Mas Achille pareceu bem suave no 31 de maio passado.
Adversário cortês, sob uma forma rude,
Você acertava a Gironda com mansuetude;
Você lamentava vencer e cortar as flores
Com que coroa o espírito daqueles belos oradores,
Tanto que iniciando com um trovão,
A tempestade terminou num ventinho bonachão.
O ódio é para seu coração uma carga pesada demais?
Tanto pior! – tem que odiar mesmo um partido nefasto.
A indulgência é um jogo mais brilhante, eu concordo;
Mas um jogo perigoso para aquele que o joga
(*vai sentar-se perto da lareira*)

DANTON

(*que o ouviu, os braços cruzados*)

Faça o que você quiser, por Deus! – estou acostumado
A ameaçar, não a me ver ameaçado,
Eu me chamo Danton. - Tá vendo essa mão de mando
Que destrói um trono e coloca um povo no comando?
Não acha que ela seja forte o suficiente pra te esmagar
Abatendo-se sobre você para te esmagar?
- vai, minha cabeça ainda está sólida acima de meu queixo;
A revolução gira é em torno desse eixo.
Encontre um outro Danton, se puder e se lhe interessa.
Até lá olhe com respeito esta cabeça.
Escute: eu sou franco, não temo nada no mundo;
Eu quis, como você, derrotar a Gironda.
Se eu tivesse apoiado aqueles que combati,
Eles seriam os vencedores, vocês seriam os vencidos.
Eu desejei sua derrota e não quero suas cabeças;
Eles são representantes do mesmo modo que você;
(*Marat sentado à esquerda, Danton em pé no meio do palco, Robespierre sentado à direita*)
Não quero mais entregar para ser desprezado
Esse nome que o povo já tem maltratado.
Já não há cadafalso, nem para eles nem para ninguém!

Meus olhos não são mais tímidos que os seus também;
Eu compreendo um momento de cólera, uma tremulação,
Uma vertigem sangrenta que perturba a razão,
Liberta os instintos da besta feroz;
E leva um povo inteiro a um drama atroz.
A humanidade geme e cobre sua cabeça, afrontada;
É a vingança, é espantoso; é acelerado;
Mas, a febre cesse e a sede seja a mesma;
Erigir friamente o cadafalso em sistema!
Que seja, então, eu preferiria, morrendo honrado,
Não ser o guilhotinador, mas ser o guilhotinado!

MARAT

A escolha é sua!

ROBESPIERRE

(levantando-se e se dirigindo até Danton e Marat)
Cidadãos, acabem com essa disputa!
O patriota é calmo e seriamente discute.

DANTON

Por Deus! Eu falo alto e não vivencio
A prudência daqueles que se indignam em silêncio.
(vai se sentar perto da mesa na poltrona de Marat)

MARAT

O silêncio é hábil e mais do que um bom apóstolo
Sabe como, entre duas partes, manejar o sábio e o tolo.

ROBESPIERRE

Eu não manobro nada, Marat. – Quando é importante,
Eu sou homem, Danton, de saber falar alto o bastante.
Sempre o bem público ditou minha resposta para mim;
E já que você quer que eu fale aqui, assim,
Dois partidos perigosos estão lutando pelo Estado:
Um leva à fraqueza e o outro ao atentado.
Aqueles, os corrompidos, estão prontos para indulgência;
Estes, os frenéticos, só pensam em vingança;
Uns querem findar, nobreza com mais desdouro,
A nobreza burguesa e o reino de ouro;
Os outros, invocando a pilhagem em sua ajuda,
Atiçam os indigentes contra quem tem algum.
Ou é o vício ou é o excesso. – e em minha sina

Não sou do partido dos Verres⁷² nem dos Catilinas.

DANTON

Ah! sim, o Cromwell lhe cai melhor.

ROBESPIERRE

A liberdade profana
Deles tem um ar de bacante ou de cortesã.
Eu amo o povo; - A ele o soberano poder!
Mas apelo apenas para o instinto do dever;
Eu conclamo ao devotamento e não à destemperança;
Minha fala pela moral convida para a bem-aventurança.
Quando para nós esses belos dias fraternos hão de brilhar!
Quando nos complôs criminosos não vão mais nos atemorizar.
O cadafalso tem sido salutar até agora;
O homem justo, com pesar, fez dele uma arma austera.
É para as mãos das virtudes que ele entrega o terror;
Ele pune sem fraqueza e pune sem furor.

DANTON

(em pé)

Compreendo: uma maneira de matar, pastoral!
Um verdugo virtuoso, que pratica a moral!

ROBESPIERRE

(indo para bem perto de Danton)

É verdade que Setembro já tem outro significado,
E pode, como os verdugos, nos passar outro recado.
(volta para o lado de Marat)

DANTON

Ah! setembro! – Bem. – Ó justiça derradeira!
Só faltava agora indignar Robespierre.
(vai pegar seu chapéu numa cadeira, à direita, depois volta para o fundo entre Marat e Robespierre)
Porque um homem sem ódio e sem orgulho danoso
Não tem em parte alguma um acolhimento generoso,
Porque só se encontra aqui, por razão enfática,

72 Gaius **Verres** (c. 120–43 a.C.) foi um magistrado romano, famoso por seu desgoverno da Sicília. Sua extorsão de fazendeiros locais e pilhagem de templos o levaram a ser processado por Cícero, cujas acusações foram tão devastadoras que seu defensor só recomendou que Verres deixasse o país.

Senão furor insensato ou quimera política,
Adeus. – Posso ter falhado. No fogo do combate travado
Qual o combatente que não fica entusiasmado?
Mas a posteridade dirá, para ser justo,
Que um sopro humano saía deste pulmão robusto;
Não fosse implacável com o soberbo, e clemente com o vencido,
Minha cólera jamais teria sobrevivido.
(sai pela esquerda)

Cena 8

Marat e Robespierre

ROBESPIERRE

(seguindo o Danton com os olhos)

Orgulhoso! libertino!

MARAT

(levantando-se)

A cabeça dele, ou a sua...

Se você não o instruir, tema que ele não te instrua.

ROBESPIERRE

Veremos isso.

MARAT

Venha a mim quando quiser atacar.

Eu o aprecio fracamente, para não o enganar;

Mas você vale mais, apesar de sua curta inteligência,

Que esse vil apóstata que fala de indulgência.

ROBESPIERRE

Basta.

(sai pela esquerda)

Cena 9

MARAT

(sozinho; senta-se)

Hipócritas! – mesquinhos ambiciosos! –

Disputam os dois o campo republicano! Pretensiosos!

Tirem suas máscaras! Escolheiem seus próprios ombros!

Estão fundando o meu poder sobre seus próprios escombros

Homenzinhos de Estado! São de causar piedade!

Têm medo de sua obra e a cumprem pela metade.

(ele se levanta)

Em marcha, então. – Ao burguês que o acaba de afastar,

O grande senhor vencido acaba de ceder seu lugar.

Marche! O privilégio é um suave travesseiro,

A vaidade burguesa nele faria seu sono costumeiro.

Marche! Marche! – O povo acorre, se junta e grita viva;

Ele está aí. – Subiram. Deem lugar ao novo conviva!

Os burgueses expulsaram os nobres e a monarquia;

Bom! – Agora o povo vai expulsar a burguesia.

Ficamos confusos, começamos agora a ver claramente,

Sozinho, eu previ esse golpe desde o primeiro momento;

Sozinho, caminho como no começo, sei para onde me dirijo;

Conduzo, sem vacilar, um princípio com um objetivo.

Porque eu, eu só, abraço e persigo um sistema,

A mim sozinho pertence a autoridade suprema!

Eu a terei; eu já a tenho.- E é bom – Quem o faria, senão eu?!

Ah! monsenhor d'Artois, seu coroinha cresceu;

O obscuro cirurgião das estrebarias grotescas

Trabalha agora em cabeças principescas;

Aqueles que riam dos escritos do jovem sábio estudioso

Agora empalidecem ao ruído que faz minha pena de poderoso.

(caminha para sua mesa e pega sua pena, para a qual olha com orgulho)

Meu cetro!

(olha ao redor)

Eis meu palácio de Versalhes!

(olha os jornais espalhados sobre a mesa)

Eis os esquadrões que vencem minhas batalhas!

(caminha até a janela e a abre)

E ali está meu Estado: vem o sol

E cada um me lê; por toda parte entro como um farol

E, como a colheita que balança ao vento,

Todo um povo ondulante estremece sob meu pensamento.

(olha longamente para a rua, e estende o braço para fora, como se o povo es-

tivesse ali)

Gente boa! Ela me estima. – Alguns só fazem cortejar;
Outros possuem seus caprichos, mas só a mim ela vai amar.
Sente que minha crença é mais que uma doutrina, um benfeito,
E que suas paixões vibram forte dentro de meu peito
(volta para o proscênio)

Sim, sou amigo dessa gente; não vou sofrer
Se alguma cabeça para cima do mais baixo se erguer.

Eu nívelo. – Átila⁷³ da democracia,
Quebro e amasso com os pés toda a aristocracia;
Faço passearem, ferro e fogo na mão,
Meus bárbaros do norte no império romano.

Sou grande! Posso tudo o que me agrada.
(coloca a mão sobre o peito)

Ah! uma febre me articula;
Um veneno inflamado em minhas veias circula;
É a morte.

(como que se arrasta até a lareira, pega o espelho e se olha)

Que felicidade para meus rivais secretos e seu ranço
Se do mal que me mata conhecessem o avanço!

Espiões já estão narrando, com uma língua bem crescida,
Os sinais do meu fim em minha testa empalidecida.

Para mim minha firmeza! Domino a dor,
E proíbo à minha pele que mude de cor!

(movimento de sofrimento)

Em vão eu dissimulo, e Danton, em meu suor,
Já leu completamente minha lepra interior.

(vai cair sentado em sua poltrona, perto da mesa que está à direita)

Ó morte! Muitos traidores aqui embaixo vou deixar;
Mais umas cabeças ainda, e aí você pode me levar!

Ó morte, espere um pouco! Enquanto você se retarda,
Vou enviar para você antes de mim belas vanguardas.

Mãos à obra! Apressemos-nos! Para um trabalho forçado
Dobremos o pouco tempo que ainda me foi deixado!

(abre a porta da antecâmara; entram um tipógrafo, pregadores de cartazes, en-

73 **Átila** (c. 400–453), frequentemente referido como **Átila, o Huno**, foi rei dos hunos e chefe de uma confederação tribal de hunos e povos germânicos e iranianos, que governou o maior império europeu de seu tempo, cujo território se estendia do sul da atual Alemanha, no oeste, até o rio Ural, no leste; e do mar Báltico, no norte, até o mar Negro, no sul. Durante seu reinado, levou a cabo uma política agressiva de cobrança de tributos e eventualmente de intervenção militar em reinos vizinhos, que viria a torná-lo um dos inimigos mais temidos dos impérios romanos Ocidental e Bizantino.-

tregadores de jornais, encadernadoras, e Laurent Basse, comissionário de Marat.
Ao tipógrafo, entregando-lhe uma prova)
Corrijam esta prova, e a devolvam para mim.
(o tipógrafo sai pela direita; para um pregador de cartazes, entregando-lhe al-
gum material)
Para pregar nas ruas.
(o pregador sai pela direita; para as encadernadoras)
Já vi estas folhas; dobrem por fim.
E depois etiquetem os pacotes de jornal.
(as encadernadoras saem pela direita; para Laurent Basse)
Você, cidadão Laurent, dirija-se ao tribunal;
Pergunte o que foi feito sobre minha denúncia.
(entrega-lhe uma carta)
Para a Comuna; - diga que espero contestação.
(entrega-lhe outras cartas)
Para a Convenção. – Para o clube dos jacobinos;
Para os *cordeliers*. – Vai!
(Laurent sai pela esquerda. Todos os outros entram na antecâmara à direita)

Cena 10

Marat; Albertine, sua mulher, saindo do banheiro.

ALBERTINE

Marat, banho pronto.

MARAT

Possa ele o fogo que me consome apagar!

(levanta-se e se apoia no ombro de Albertine)

Obrigado!

(pega sua pena sobre a mesa)

Venha comigo, minha pena fiel, queira me acompanhar!

(ele entra, sustentado por Albertine, no banheiro, cujas cortinas Albertina fecha atrás de si)

Cena 11

Albertine, depois Charlotte; Marat, no banho, oculto pela cortina.

VOZ DO CONCIERGE

(no pé da escada)

Onde é que pensa que a senhorita vai, mocinha? Ninguém entra!

(Charlotte abre a porta à direita e surge)

ALBERTINE

(saindo do banheiro)

O que foi?

(caminha para Charlotte)

O que veio fazer aqui? Ninguém entra!

CHARLOTTE

(na soleira da porta)

Desculpe... Eu gostaria de ver Marat.

ALBERTINE

Não pode ser visto.

CHARLOTTE

Mas é para um assunto importante.

ALBERTINE

Não insista.

CHARLOTTE

Diga a ele que vim de Caen especialmente; e estou com medo.

Vi os girondinos, conheço todos os seus segredos.

ALBERTINE

Conta para mim. É o mesmo que lhe falar.

Com ele estou casada

CHARLOTTE

A senhora!

(à parte)

Meu Deus! Sua esposa! – Ele é amado!

(momento de silêncio. – Charlotte e Albertine se entreolham)

ALBERTINE

(à parte) Ela ficou perturbada! Coisa boa não está desejando.

CHARLOTTE (*à parte*)
Mulher dele!

ALBERTINA
(*à parte*)
Viram alguns assassinos rondando.
(*para Charlotte*)
Vá embora!
(*Charlotte faz um movimento para sair*)

MARAT (*atrás da cortina*)
Deixe entrar.

ALBERTINA
Mas...

MARAT
Deixe entrar, já lhe disse.
Chega mais, cidadã.

CHARLOTTE
(*à parte, aproximando-se das cortinas*)
Ô céus! Onde vou? Se alguém me visse!
Estou com medo.

MARAT
Foi você que me escreveu mais cedo?

CHARLOTTE
Sim, fui eu.

MARAT
Aproxime-se e fale alto. Não fique envergonhada.
O que você sabe?

CHARLOTTE
Só posso dizer para você mesmo.

MARAT (*para Albertine*)
Deixe-nos, Albertine.
(*Albertine sai lentamente, à esquerda*)

Cena 12

(Charlotte; Marat, no banho, ocultado pelas cortinas)

CHARLOTTE

(à parte)

Ah! chegou o instante supremo.

Agora!

(ela olha através da cortina)

Se se pudesse vê-lo!

(atira-se para trás)

Ele é pavoroso!

(dá alguns passos, apoiando-se na parede)

MARAT

Então, veio de Caen? O que fazem lá nossos “valorosos”?

CHARLOTTE

(sempre apoiada à parede)

Ontem, os batalhões saíram da cidade, apressados

Marcham para Paris.

MARAT

Quantos homens?

CHARLOTTE

Dez mil soldados.

MARAT

Que venham! Ah! com que festa vão ser agraciados.

Que colheita vamos ter para a guilhotina! Soldados!!

CHARLOTTE

(à parte, levando a mão ao peito, ao ponto em que está escondido o punhal)

Valha-me, Deus de Judith!

MARAT

Espera, vou anotar.

Dê os nomes principais.

CHARLOTTE

(à parte)

Minha coragem vai acabar.

MARAT

Quantos deputados?

CHARLOTTE

Dezoito.

MARAT

Diga todos, manda ver.

CHARLOTTE

Buzot, Pétion, Barbaroux, Louvet...

(coloca a mão no punhal)

MARAT

(repetindo)

Barbaroux... Vai, pra guilhotina, desgraçado.

CHARLOTTE

(desembaraça-se de sua mantilha e entra decidida na sala de banho, tirando seu punhal e o enfiando no coração de Marat)

Morre, então! – Morre, seu celerado!

MARAT

Socorro! Uma assassina!

(Charlotte sai assustada, joga o punhal no chão com horror e fica imóvel no proscênio)



Cena 13

Charlotte, Albertine, tipógrafo, coladores de cartazes, entregadores de jornal, encadernadoras, povo

(Albertina acorre ao grito de Marat e abre as cortinas. – vê-se Marat estendido morto na banheira)

ALBERTINE

(emitindo um grito assustador)

Ah! Socorro! Mataram o Marat!

(ela se precipita para a antecâmara, cuja porta abre violentamente. – o tipógrafo, os operários, as encadernadoras entram tumultuadamente, - Albertina retorna na direção de Marat; ela segura a cabeça dele com uma mão e com a outra aponta Charlotte, que está imóvel)

A assassina! Ali! Foi ela!

(precipitam-se contra Charlotte. - dois operários a prendem por um braço; outros vão à janela e gritam o assassinato)

OPERÁRIOS E ENCADERNADORAS

Assassinato! Mataram o Marat!

(os passantes, atraídos pelos gritos, entram pela direita. – o palco fica repleto de homens e de mulheres. Uns olham com temor para o corpo de Marat; os outros ameaçam Charlotte. – Um homem do povo ergue uma cadeira sobre a cabeça de Charlotte, sempre segura por dois operários, e se prepara para agredi-la.)

VOZ

(no meio da multidão)

Matem essa mulher! Matem!

(a cortina se fecha)

Ato V⁷⁴

17 de julho de 1793 – A prisão – À direita, uma mesa – À esquerda, a porta.

Charlotte, Danton, Carcereiro, Guardas

Cena 1

Charlotte, o Carcereiro.

(Charlotte está sentada diante da mesa, absorta em suas reflexões)

CARCEREIRO

(entrando e indo na direção de Charlotte)

Venho do Comitê, conforme seu pedido.

CHARLOTTE

(erguendo a cabeça)

Bem, o que pedi foi atendido?

CARCEREIRO

Ignoro, senhora, qual foi sua vontade.

(ele se retira para o fundo da cela; Charlotte retoma sua atitude pensativa. Danton entra)

74 **NFP** – Este ato só foi representado uma vez. Ele é a conclusão e a moral do drama. Essas modificações foram feitas seja em razão da duração do espetáculo, seja pelas exigências da ação teatral.

Cena 2⁷⁵

Charlotte, Danton, o Carcereiro

DANTON

Carcereiro, anuncie Danton, membro do Comitê de Salvação Público.

(Danton fica à porta; o carcereiro se aproxima de Charlotte e lhe fala em voz baixa, apontando para Danton; Charlotte estremece e se levanta vivamente. O carcereiro volta para Danton)

DANTON

(para o carcereiro)

Saia, deixe-nos sozinhos na cela.

(o carcereiro sai)

75 **NFP** – Charlotte realmente solicitou ao Comitê de Salvação Pública permissão para enviar suas duas cartas escritas, uma para seu pai, e a outra para Barbaroux. (Ver o interrogatório) Danton era, àquela época, membro do Comitê. Quando Charlotte se dirigiu ao cadafalso, Danton, que havia assistido ao seu processo, colocou-se à sua passagem, bem como Robespierre e Camille Desmoulins.

Cena 3

Charlotte, Danton.

DANTON

(sempre perto da porta, falando para si mesmo)

É ela!

CHARLOTTE

(de pé, examinando Danton)

É Danton! Que rosto estranho!

DANTON

Como é bela!

(dá alguns passos na direção de Charlotte)

Aí está você, jovem de coragem romana!

CHARLOTTE

Eis aí você, orgulhoso juiz, temor da espécie humana!

DANTON

O punhal de Brutus foi parar em mãos tão débeis!

CHARLOTTE

Essa voz desencadeou tempestades civis terríveis!

DANTON

(se aproximando ainda mais de Charlotte)

Você tem algum pedido a requerer?

CHARLOTTE

(pegando duas cartas sobre a mesa e as apresentando a Danton)

Aqui estão duas cartas que acabei de escrever.

Esta para Barbaroux; esta outra para uma tia minha.

Pode ler. Vai ver que conspirei sozinha.

Espero que o Comitê seja generoso para comigo,

Que se digno, após minha morte, enviá-las aos meus amigos.

DANTON

(pegando as cartas)

Me dê as cartas e confie em meu apreço.

As duas, eu lhe prometo, seguirão para seu endereço.

Eu estava no tribunal, e ouvi tudo o que você lá ofereceu,

Charlotte, você altivamente a tudo respondeu.
Quis vir ver você. Pensei que talvez pudesse ser
Que você tivesse alguma vontade de me conhecer.
Precisamos nos compreender – você foi capaz
De me comover; aprecio uma pessoa audaz.
Se existe um favor que lhe possa ser concedido,
Você pode, Charlotte, fazer seu pedido.
Que eu perca meu nome se não tiver esse direito!

CHARLOTTE

Agradeço e lhe peço uma resposta.

DANTON

Aceito.

CHARLOTTE

O que fazem os girondinos a cuja causa servi?
Foram vitoriosos? Chegaram aqui?

DANTON

Pergunta outra coisa.

CHARLOTTE

Responda! Prometeu. Vencidos?

DANTON

Sim. Perto de Vernon, perdidos.

CHARLOTTE

Ó meu Deus! Mas poderemos recomeçar a batalha?

DANTON

Tudo já definido; para eles restou a mortalha.

CHARLOTTE

(após um silêncio)

Ainda uma coisa, Danton. – Qual o efeito produzido
Pela morte de Marat?

DANTON

Está ouvindo esse ruído?

CHARLOTTE

Sim.

DANTON

É o deus Marat, e sua apoteose.
Você operou essa metamorfose.
O desprezo geral teria sido a melhor razão;
Sua punhalada o mandou direto para o Panteão.

CHARLOTTE

(caindo sentada e baixando a cabeça, desencorajada)
Assim eu fiz um deus daquele que acabei de matar
E vejo, enquanto morro, a Gironda desabar.
Sem qualquer benefício, fiz verter sangue humano

DANTON

Não abaixe a cabeça. O coração absolve a mão.
Você se enganou, é verdade, mas o que importa!
Os magnânimos, só eles, se enganam com a sorte.
Ah! ninguém está puro: todos têm sua taxa de sangue ingente.
E quem não ousa matar é o único inocente.

CARCEREIRO

(entrando, para Charlotte)
Estão esperando, senhorita. Tem que se preparar.

CHARLOTTE

Estou pronta

DANTON

(bastante agitado, e fazendo sinal ao carcereiro para esperar)
O quê, já! – uma cabeça tão nobre cortar.
Ô pobre criança! – tão bela! – um coração tão generoso!

CHARLOTTE

Guarde essa piedade para outros desditosos.
A morte rápida, Danton, é tudo o que me aviva.
Sou um assassino, tanto que estou viva.

DANTON

É verdade. – caminha para a morte, nobre filha! E faz ver
Que, tendo sabido dá-la, também a sabe receber.

CHARLOTTE

(levantando-se)
Danton, me disseram, e não estou enganada,

Que seus furores escondiam uma alma bem temperada.
Eu teria aproveitado melhor meu último momento,
E receberia a morte com um espírito mais contente,
Se esta emoção, que para depois de mim se adivinhasse,
De todas as suas boas inclinações a nobreza revelasse
E revertesse em proveito do Estado proibido
O gênio assustador que quase o viu perdido.

DANTON

Eh! Charlotte! apesar de meu nome ser tão terrível,
Por não ser mesmo um santo, também não sou um diabo temível!
Não leve para o túmulo esse retrato tão pesado.
Tanto quanto Mirabeau,⁷⁶ eu era homem de Estado.
Assim que um governo começava a surgir novamente,
Eu corria para ele, ansioso para entrar imediatamente.
Vinte vezes propus a paz aos girondinos também
Mas deles só recebi injúrias e desdém.
Fui ignorado em tudo, realmente! – seus anátemas supremos
Me empurraram, contra minha vontade, para os partidos extremos,
Que os devoraram, a todos hão de devorar
E a si mesmos hão de sufocar.

CHARLOTTE

(caminhando lentamente para Danton)

Não acuse, Danton, o julgamento do mundo;
Sofremos nós dois sua justiça profunda.
Você recua, por um tardio arrependimento tomado,
Diante do abismo aberto que vai engolir tudo o que foi criado
E acredite que o remorso lhe deve devolver a estima
Daqueles que você empurrou para este abismo;
Mas seus imitadores seus passos estão seguindo;
Onde você parou eles não se interrompem, continuam indo,
E a emulação de seu delírio sangrento
Afasta, todo dia, os limites do pior momento.
Em vão, você negava seus excessos triunfantes,

76 Honoré Gabriel Riqueti, conde de **Mirabeau** (1749-1791) foi um jornalista, escritor, político e grande orador parlamentar francês. Foi um destacado ativista e teórico da Revolução francesa, fez parte do Clube dos Trinta, destacando-se por sua retórica apaixonada e convincente, tanto oral como escrita, o que lhe mereceu o epíteto de *orateur du peuple* (“orador do povo”). Fez parte da Maçonaria e teve um papel relevante na Revolução francesa, durante a fase inicial da qual foi um dos moderados que pretendia a transição para uma monarquia constitucional. A sua morte foi um dos fatores que precipitaram a queda da monarquia francesa.

Eles nasceram em setembro, e são seus infantes.
(*Danton estremece; Charlotte continua com um tom mais doce*)
É seu castigo ver sua impotência
Contra uma efusão que em você tem nascença,
E ver que, não crendo em seus primeiros remorsos,
Ninguém leva em conta, de nenhum modo, seus esforços.
Submetamo-nos, Danton, à nossa penosa sorte
E saibamos aceitar, você o ódio, e eu a morte.
Eu não posso, em troca de meu próprio atentado,
Senão morrer de uma morte inútil para o Estado;
Você, mais feliz que eu, para expiar suas mortes,
Viva, Danton, - viva no interesse de sua sorte.
Salve seus inimigos, mesmo que possa considerar
Que, quando forem salvos, eles vão te ultrajar.

CARCEREIRO

(*voltando, para Charlotte*)
Estão esperando.

CHARLOTTE

(*colocando a mão no braço de Danton*)
Lições do túmulo, para meditar.
(*ela vai para a porta.; para e faz um gesto de adeus para Danton*)
Adeus, Danton.
(*sai com o carcereiro; vê-se, pela porta aberta, os guardas que a levam*)⁷⁷

DANTON

(*sozinho, seguindo Charlotte com os olhos*)
Mais uma cabeça vai rolar!
Ela hoje! – amanhã os girondinos.
Depois eu!
E depois os outros! – a lei inevitável aqui se deu!
É terrível e é grande. De sua ideia soldados,
Todos morrem por sua fé, por seu sangue fecundados.
Mas a obra é imortal, e Os homens novos, perfeitos,
Amaldiçoando os atores, abençoarão os feitos.

77 **NFP** – Charlotte Corday era bisneta de Marie Corneille, irmã de Pierre Corneille. Suas respostas ao Tri-bunal revolucionário estabelecem de maneira incontestável que ela quis vingar a Gironda, e que ela era republicana e não royalista. “O Presidente: **P.** Já fazia algum tempo que você havia concebido o plano de matar Marat? **R.** Após a jornada de 31 de maio, dia da prisão dos deputados do povo... *Eu matei um homem para salvar cem mil...* Eu era republicana bem antes da revolução, e jamais me faltou energia...”

Vamos! Até à morte continuemos a guerra!
Ainda somos dois.- Vem pra luta, Robespierre!

Fim⁷⁸

78 Não se pode deixar de citar a peça *Die Verfolgung und Ermordung Jean Paul Marats dargestellt durch die Schauspielgruppe des Hospizes zu Charenton unter Anleitung des Herrn de Sade*, 1963, de Peter Weiss, mais conhecida pelo título abreviado **Marat-Sade**; a tradução francesa de Jean Baudrikllard (Paris, Seuil, 1965) *La Persécution et l'Assassinat de Jean-Paul Marat représentés par le groupe théâtral de l'hospice de Charenton sous la direction de Monsieur de Sade* serviu de base para a montagem de Jean Tasso e Gilles Segal, com música de Jean Prodomidès, encenada em Paris no Théâtre Sarah Bernhardt, estreia em 20.9.1966; no mesmo ano, Peter Brook dirigiu sua versão, que foi filmada em 1967, roteiro de Peter Weiss, George Skelton e Adrian Mitchell; filme disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=k6V2SIPL59> para ali ser visto com legendas em português em. Uma onda Marat-Sade correu pelo mundo; quem tiver curiosidade pode ouvir o disco de Lalo Schifrin, de 1966, *The dissection and reconstruction of music from the past as performed by the inmates of Lalo Schifrin's demented ensemble as a tribute to the memory of the Marquis de Sade* - mais simplesmente *Marquis de Sade*. Foi encenada pela primeira vez no Brasil pelo Teatro da Esquina em 1967, no Teatro Bela Vista em São Paulo, sob a direção de Ademar Guerra, com elenco encabeçado por Armando Bógus (Marat), Rubens Correa (como Sade), Aracy Balanabian (Rossignol) e Irina Grecco (Charlotte Corday), com tradução de Millor Fernandes, coreografia de Marika Gidali, cenário de Ninete van Vüchelen, Figurinos de Enio de Souza, Iluminação de Manoel Ribeiro, Sonoplastia de Archimedes Ribeiro.

Nota: Existe uma ópera *Charlotte Corday*, drama lírico em 3 atos, com libreto de Maurice-Charles Renard (1888-1973). Nascido em Caen, e música de Léon Manière (1885-1954), criada em 8.12.1937 por ocasião do centenário do Grand Théâtre de Caen, com temporada de grande sucesso.



Ato 1: a multidão de fiéis diante da igreja St-Jean.



Ato 1: Charlotte e os 3 garotos.



Ato 2: Charlotte e Madame de Bretteville.



Ato 3: A Conciergerie